

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM  
GEOGRAFIA**

**JONAS ARIEL CANTALUPPI DE SOUZA**

**“NO SOY DE AQUI, NI DE ALLÍ. YO SOY!”  
IDENTIDADE TERRITORIAL NA FRONTEIRA ENTRE PEDRO JUAN  
CABALLERO -PARAGUAI E PONTA PORÃ- BRASIL**



**DOURADOS-MS  
2018**

**JONAS ARIEL CANTALUPPI DE SOUZA**

**“NO SOY DE AQUI, NI DE ALLÍ, YO SOY!”  
IDENTIDADE TERRITORIAL NA FRONTEIRA ENTRE PEDRO JUAN  
CABALLERO -PARAGUAI E PONTA PORÃ- BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação –  
Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da  
Universidade Federal da Grande Dourados como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo.

**DOURADOS-MS  
2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

S729" Souza, Jonas Ariel Cantaluppi De  
"NO SOY DE AQUI, NI DE ALLÍ. YO SOY!": IDENTIDADE  
TERRITORIAL NA FRONTEIRA ENTRE PEDRO JUAN CABALLERO  
-PARAGUAI E PONTA PORÃ- BRASIL / Jonas Ariel Cantaluppi De Souza --  
Dourados: UFGD, 2018.  
118f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Marcos Leandro Mondardo

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande  
Dourados  
Inclui bibliografia

1. Identidades. 2. Fronteira. 3. Pedro Juan Caballero (PY). 4. Ponta Porã  
(BR). I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**“NO SOY DE AQUI, NI DE ALLÍ. YO SOY!” IDENTIDADE TERRITORIAL NA  
FRONTEIRA ENTRE PEDRO JUAN CABALLERO – PARAGUAI E PONTA PORÃ  
– BRASIL”**

BANCA EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente / Orientador

Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo

---

1º Examinador

Prof. Dr. Jones Dari Goettert

---

2º Examinadora

Profª Drª Adriana Dorfman (Participação Remota)

---

Dourados, 05 de outubro de 2018.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas avós Alice e Martina, avô Marcelino (memoriam) e à Minha Mãe Graciela que sempre me motivaram para seguir estudando.

A todos meus alunos da rede pública estadual, assim como a todos os fronteiriços de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao meu orientador Marcos Leandro Mondardo, pela sua sagacidade e sabedoria ao conduzir a realização deste trabalho. Pela sua paciência e confiança.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) onde realizei algumas disciplinas que foram necessárias como alicerces para a realização desta pesquisa. Ao Adauto, pelas discussões acerca do Estado e implicações territoriais, ao Alexandre Bergamin por organizar os conceitos e os pensamentos que em muitas ocasiões já havia percebido no espaço fronteiriço, à Flaviana Nunes pelas discussões densas acerca do espaço e fronteira, e novamente o Marcos nas discussões acerca dos múltiplos territórios e suas implicações com o humano.

Agradeço à minha família, minha mãe Graciela, que sem sua ajuda tanto emocional quanto econômica este projeto não seria possível, aos meus irmãos pela força e companheirismo.

Aos meus amigos entrevistados de Pedro Juan Caballero Osvaldo, Dario, de Ponta Porã, Leo, Bruna, Andréia, Prof. Marcelo, Prof. Mirta, Prof. Diana. A todos grato pelas conversas, disponibilidades e paciência durante a realização da pesquisa.

Aos meus primos e primas que ajudaram com seus depoimentos enquanto pesquisados, em especial Rocio, Gladis, Enrique, Carmen, Hugo, Cristian, Vero, Paola e meu tio Ronaldo e Ramona pela paciência de me ouvir constantemente falar de identidade.

Agradeço a todos os paraguaios, brasileiros e brasiguaios que de forma tão gentil se propuseram a discutir comigo este tema com o qual convivemos diariamente. Grato aos que conversamos no movimento, nos encontros e desencontros do espaço fronteiriço, aos malabaristas, população de rua, vendedores de colares, miçangas, turistas e passageiros por este lugar.

Agradeço ao Quillo e Lion que passaram noites sem dormir cuidando da casa nas madrugadas enquanto eu escrevia este trabalho, mesmo sem saber da utilidade deste.

Agradeço à Fundação da Cultura e Esporte de Ponta Porã, pelo apoio para a realização deste trabalho, em especial ao Éder Rubens diretor de Cultura, Celma Diretora Presidente da

Funcespp e Ângela Fakir pela ilustração em forma de pintura intitulada “Fronteira” que apresenta esta dissertação.

Agradeço às autoridades paraguaias como policiais, cônsul, professores, diretores, secretário de Cultura Sacha Cardona e em Ponta Porã, ao tabelião, professoras, diretoras e alunos da rede estadual e municipal.

Enfim, agradeço a todos que direta e indiretamente ajudaram na construção deste trabalho.

El paraguayo que nace em Brasil no deja de ser paraguayo y el brasileño que nace en Paraguay no deja de ser brasileño, cuando le toca el pique es paraguayo, o es brasileño; nosotros somos muy fraternales, pero esa es la característica nuestra, ¿no es cierto?

Carlos Soto (Bubú Soto)

## RESUMO

Este trabalho busca discutir a identidade territorial na fronteira entre as cidades de Pedro Juan Caballero-Paraguai e Ponta Porã-Brasil. Partindo da ideia da identidade como construção sociocultural-territorial, foram analisados os sujeitos que transitam entre as duas cidades e mantêm suas relações e pertencimentos ancorados em dois referenciais territoriais. O trabalho também busca mostrar as múltiplas identidades que convivem nesta fronteira, além de analisar as aproximações e distanciamentos existentes neste espaço. Contar a fronteira a partir dos sujeitos que aqui residem no e com o movimento são marcas da pesquisa. Pelo fato deste estudo estar interessado em constatar se o objeto e situação está embasado em material empírico, vê-se imprescindível recorrer a procedimentos multi-metodológicos para análise. Dentro das tendências atuais de análise nas ciências humanas, encontram-se os dados visuais e eletrônicos, pesquisa qualitativa online e triangulação. Foram entrevistados sujeitos de idades, etnias, condições sociais diferentes, além de profissionais encarregados pelas instituições responsáveis pelas áreas pertinentes à pesquisa, assim como o caminhante e transeunte imperceptível aos olhos de muitos. Percebeu-se que com esse trânsito entre um território e outro se afirma identidades, nega-se ou negocia-se se constroem e se (des) constroem identidades. O espaço fronteiriço cria múltiplas identidades, que convivem simultaneamente em tempos diferentes, no mesmo espaço, mas em múltiplos territórios, uma delas em especial que será tratada aqui é a identidade transfronteiriça, reverberando na criação de um grupo de fronteiriços que se autodenominam “brasiguaios”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidades; fronteira; Pedro Juan Caballero (PY); Ponta Porã (BR).

## **ABSTRACT**

This paper seeks to discuss the territorial identity at the border between the towns of Pedro Juan Caballero-Ponta Porã-Brazil and Paraguay, advantage of the idea of identity as a cultural construction-were analyzed for this territorial subjects transiting between the two cities and maintain their relations and anchored in two territorial referential belonging. The work also seeks to show the multiple identities that coexist in this border, in addition to showing the approaches and distances in space. Tell the border from the guys here reside in and with the movement, are trademarks of research. Were interviewed subjects of ages, ethnicities, different social conditions, besides professionals in charge of the institutions responsible for the relevant research areas, as well as hikers and passerby unnoticeable in the eyes of many. It was noticed that with this traffic between the territory and other claimed identities, refuses or negotiates, identities are constructed and if (des) build, also the border area creates multiple identities, that coexist simultaneously in different time in the same space, but in multiple territories, one in particular that will be dealt with here is the cross-border identity, reverberating in the creation of a cross-border group calling themselves "brasiguaios".

Keywords: Pedro Juan Caballero; Ponta Porã, Cross-Border Identity; brasiguaios

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01. Perímetro Urbano de Pedro Juan Caballero
- Figura 02: Museu Regional del Amambay em Pedro Juan Caballero.
- Figura 03: Estátua de Pedro Juan Caballero
- Figura 04: Centro Comercial de Pedro Juan Caballero.
- Figura 05: Minhocão na Linha Internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.
- Figura 06: Laguna Punta Porã- Pedro Juan Caballero
- Figura 07: Avó e neto caminhando na lagoa.
- Figura 08: Venda de galinhas caipiras vivas no Mercado Municipal de Pedro Juan Caballero
- Figura 09: Grãos in natura e alimentos típicos do lugar
- Figura 10: Pohã Ñana
- Figura 11: Produtores rurais vendendo no centro da cidade.
- Figura 12: Vendedor ambulante de doces em Pedro Juan Caballero.
- Figura 13: Perímetro Urbano de Ponta Porã.
- Figura 14: Policial Militar realizando blitz em Ponta Porã.
- Figura 15: Mapa do perímetro urbano entre de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR).
- Figura 16: A travessia (a) e (b)
- Figura 17: Professora Eliane Fernandes apresentando os resultados do Programa
- Figura 18: Diálogo na Lagoa Punta Porã
- Figura 19: Conversa na Escola João Brembatti Calvoso em Ponta Porã.
- Figura 20: Visita à Escola Defensores del Chaco em Pedro Juan Caballero.
- Figura 21: Serenata à Virgem de Caacupé em Pedro Juan Caballero
- Figura 22: Recorte de notícia relatando o resultado da festa
- Figura 23: Convite para o Carnaval no Club Social Amambay
- Figura: 24: Foliões no Club Social Amambay
- Figura 25: Tradicional Guerra D'Água disputada entre brasileiros e paraguaios.
- Figura 26: Camisetas com frases que identificam o pedrojuanino.
- Figura 27: Ilustrações que mostram o nome dado aos alimentos aqui em PJC
- Figura 28: Figuras com elementos brasileiros no cotidiano pedrojuanino.
- Figura 29: Grupo de indígenas na linha internacional
- Figura 30: Indígenas e não indígenas compartilham o espaço da linha.
- Figura 31: Criança vendendo bingo em frente a um posto policial em Pedro Juan Caballero.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Levantamento de artistas locais (música) nas cidades de Ponta Porá e Pedro Juan Caballero.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I - FRONTEIRA, IDENTIDADES NACIONAIS E FRONTEIRIÇAS</b> ....	23
1.1 Abordagens conceituais de fronteira, identidade territorial.....	23
1.2 A identidade nacional paraguaia.....	29
1.3 “El pedrojuanino”.....	32
1.3.1 “Eles acham que dependemos do Brasil pra tudo”.....	43
1.4 A identidade nacional brasileira .....	47
1.5 Os “rapai” de Ponta Porã .....	49
<b>CAPÍTULO II – INTEGRAÇÃO COMO PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO NA FRONTEIRA</b> .....	57
2.1 A importância do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira – PEIF na construção de uma identidade transfronteiriça.....	58
2.2 A religiosidade que integra.....	69
2.3 Arte e cultura como fortalecedor da identidade local/regional.....	71
2.3.1 A semana em que quase todos somos brasileiros.....	77
2.4 Que parte se termino la novela? Alô, você meu amigo! Estamos falando desde Ponta Porã, opa! Estamos em PJC!.....	80
2.5 Los pedrojuaninos somos “massa” y nos gusta dar um “rolê” .....	84
<b>CAPÍTULO III – MULTIPLICIDADES NA FRONTEIRA</b> .....	88
3.1 Os brasiguaios migrantes.....	88
3.2. Los brasiguayos e brasiguaios de Pedro Juan e Ponta Porã.....	91
3.3 “Identidades de Gaveta” .....	99
3.4 Identidades Simultâneas.....	103

3.5 Identidades invisíveis e excluídas da/na fronteira.....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116

## INTRODUÇÃO

O trabalho trata da multiplicidade territorial que a fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possui, em decorrência disso, as múltiplas identidades que se construiu, desconstruiu e seguem em transformação. Os motivos de realizar esta pesquisa deriva de observações e percepções feitas a partir da vivência neste espaço. Espaço múltiplo, híbrido, e por se tratar de uma fronteira internacional faz-se necessário pensar a questão identitária, pois as relações sociais as quais se está submetido atravessam territórios nacionais, sujeitos e controles políticos distintos.

A partir do encontro da identidade paraguaia e brasileira desde o início da formação das duas cidades, se dá um contínuo processo de construção de identidade transfronteiriça oriunda das relações que os sujeitos constroem em dois territórios nacionais distintos. Em literaturas que citaremos adiante fica claro que as relações sociais construídas neste espaço já estavam em constante contato e as relações de interdependência entre os sujeitos das duas cidades eram evidentes, indicando desde trajetórias que se assemelham dado à situação de fronteira.

Início compartilhando minha trajetória semelhante de muitos casos, logo associo com outros fronteiriços e mostro a fronteira a partir dos fronteiriços, das fronteirices, dos casos que aqui acontece, dada a situação de fronteira. A autobiografia foi escrita com o objetivo de fazer perceber como o movimento e a migração pelos territórios contribuem para a construção da identidade transfronteiriça.

Sou Jonas Ariel Cantaluppi de Souza, nascido em 22 de julho de 1985 às 20h30min na cidade de Ponta Porã, porém dias atrás em um diálogo mais informal com minha mãe, me disse que na realidade havia nascido do lado paraguaio. Nos primeiros dois anos, a partir do nascimento, morei com minha mãe e meu pai no Paraguai, após esse período minha mãe separou de meu pai ficando com a minha guarda. Residi em PJC<sup>1</sup> até 1990. Em 1991 residi um ano na cidade e Campo Grande, logo retornei com minha mãe a PJC.

Em 1992 iniciei a vida escolar na 1ª série do 1º Grau na Escola Municipal Ramiro Noronha, em Ponta Porã (escola conhecida historicamente por receber alto índice de alunos brasileiros e brasiguaios residentes do lado paraguaio) até a 4ª série. No início da década de

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para a Cidade de Pedro Juan caballero- Paraguay.

1990 minha relação com o Brasil se deu através da alfabetização, programas de Televisão, alguns familiares brasileiros e o padrasto que falava somente em português. Fato muito comum em Pedro Juan Caballero, na qual os brasileiros falam majoritariamente em sua própria língua enquanto o paraguaio deve falar a língua do outro em seu território.

Ao concluir o 1º Grau sou matriculado na Escola Estadual Joaquim Murtinho em 1997, localizada na área central da cidade de Ponta Porã. Esta escola recebe alunos de toda a cidade de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, permitindo assim um intenso intercâmbio cultural entre os alunos que aqui estudam, construindo já a partir dessas trocas talvez a ideia de uma identidade transfronteiriça ancorada em dois referenciais territoriais. Também acontecia os casos de negação/negociação/afirmação de identidade; recordo que minha avó dizia que não deveria falar guarani ao cruzar a fronteira, pois se falasse não poderia estudar no Brasil. Nesta fase escolar entre 1997 e 2002, o ir e vir, a convivência com duas culturas oriundas da própria pós-modernidade, criou em mim o conflito e/ou crise de identidade, fragmentando-me como sujeito no tocante à identidade cultural. Por morar do lado paraguaio recebi uma educação um pouco mais conservadora, herdado do avô materno paraguaio; logo terminei o Ensino Médio em 2003 na Escola Estadual Mendes Gonçalves, em Ponta Porã.

Antes de seguir é importante mencionar a condição socioeconômica de minha família. Venho de uma família de baixa renda nos primeiros anos de vida, já na pré-adolescência foi uma fase melhor, pois minha mãe também estava inserida no mercado de trabalho em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã simultaneamente, juntamente com meu antigo padrasto; possuo fortes conexões familiares e de amizade do lado paraguaio pois morava no bairro Guarani em PJC; as lembranças que tenho daí me dão a ideia de comunidade. Mudamos de PP em 2001.

O fim do casamento de minha mãe foi um divisor de águas em nossas vidas, pela desestruturação econômica que isso causou, tive de trancar a faculdade<sup>2</sup> e migrar aos 19 anos como imigrante em Sevilla na Espanha, pois lá tinha uma amiga de minha mãe (rede) paraguaia; retornei depois de quatro meses pois não consegui me adaptar no trabalho que consegui na construção civil, na qual a relação com paraguaios não fronteiriços era difícil.

Logo minha mãe foi a próxima a migrar. A partir do ano 2000 houve uma grande quantidade de sujeitos paraguaios que emigraram para a Espanha, principalmente para as cidades de Madrid e Sevilla. Fui morar em Dourados, no Mato Grosso do Sul, e trabalhei no setor de serviços. Após um ano em Dourados, decidi retornar a Sevilla para ficar; então minha

---

<sup>2</sup> Fiz o curso de Geografia na Faculdade de Ponta Porã- FAP. Instituição Privada, hoje Fap Uniesp.

mãe retornou, pois tinha meus irmãos pequenos e não conseguiu ficar longe deles, retornando para PJC.

Nesta segunda etapa em Sevilla creio que estava mais maduro, inicialmente trabalhei panfletando, trabalhei como garçom de forma ilegal por um ano aproximadamente. Adaptei-me bem e mantive relações somente com espanhóis, não havia “feeling” com muitos brasileiros, tampouco paraguaios, pois não frequentava bares latinos. A inserção foi tanta que fui despedido do bar porque saía demais em baladas com os espanhóis. Logo encontrei outro trabalho como cozinheiro, no período de 2008 a 2010. Foi um dos melhores anos de minha vida, ganhava bem, tinha uma rede muito boa de amigos, familiares de amigos, de certa forma inserida em Sevilla, mesmo na ilegalidade me sentia assim. Fui detido durante 3 horas na Cidade de Murcia, estava em um taxi quando ia à Rodoviaria de regresso à Sevilla; por estar em situação ilegal, se apossaram de meu passaporte como medida para impedir que me deslocasse pelo território. Acionei uma advogada que conseguiu retirar a carta de expulsão, por uma multa, mas logo conseguimos anular a multa também.

A advogada era uma defensora pública, somente a vi no dia da detenção, logo ela resolvia tudo e eu acompanhava por cartas que recebia. Após 3 anos consegui a documentação de residência por *arraigo social*<sup>3</sup>. Lá tive uma vida satisfatória, apesar de trabalhar nos feriados e datas importantes valia a pena, morava com amigos de sevillanos e italianos, economizava pouco, pois meu padrão de consumo era a de um espanhol de renda baixa.

Fiz um cursinho para ingresso na Universidade de Sevilla para maiores de 25 anos, ministrei aulas de português como voluntário, mas não consegui conciliar, pois apesar dessa falsa integração, os imigrantes tinham que trabalhar, pois o curso era no horário diurno; consegui juntar algum dinheiro juntamente com a rescisão do trabalho que fiz mesmo estando irregular que depois me ajudou a construir uma casa em PP. No final de 2011 decido retornar ao Brasil para ficar, pela ligação afetiva e identitária com os dois territórios na fronteira com o Paraguai. Regresso e fico seis meses, contudo, não consegui me reinserir no mercado de trabalho local e a adaptação não foi possível, sendo assim retorno em agosto de 2012 para Sevilla novamente.

A rapidez das mudanças na pós-modernidade fez com que o espaço seja transformado tão rápido que nesse tempo perdi totalmente todas as relações de trabalho com Sevilla que

---

<sup>3</sup> Este tipo de residência se concede demonstrando que já se perdeu vínculos com a terra natal desde o ponto de laboral social tendo o destino a obrigação de fornecer o “permiso” de residência, que em outras situações só se realiza desde o país de origem.

havia construído em seis anos. Foram os seis meses mais críticos lá. Então decidi retornar antes que vencesse o limite de tempo de trancamento do curso de geografia que cursava na faculdade em PP. Desta vez para ficar no Brasil para valer.

Retorno no final de 2012 na fronteira e rapidamente trabalhei em uma papelaria; em 2013 terminei as disciplinas que faltavam e me formei em Licenciatura em Geografia na Faculdade de Ponta Porã. Em 2014 recebo uma proposta para trabalhar como estagiário na Fundação da Cultura de Ponta Porã e trabalhei como professor no Colégio Elite Total, Escola Polo Municipal Graça de Deus e Marcondes; logo participei de um evento da Geografia no Chile, onde apresentei um trabalho acerca da Problemática da ocupação irregular da linha de fronteira no Chile e fiz uma Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Infantil que me habilitava para trabalhar com educação infantil. Enfim, foi um ano muito produtivo. Depois desse *frenesi* de trabalho decidi reservar 2015 para descansar, pois a ideia de regresso era justamente ter tempo para levar uma vida que não dedicasse tanto tempo ao trabalho. Nunca gostei muito dessa lógica.

Em 2015 fiz a disciplina Estado e desenvolvimento capitalista no Brasil ministrado pelo Prof. Adauto de Oliveira Souza, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD como aluno especial, pois queria "viver" a universidade, que não me foi permitido devido aos processos excludentes pelo qual passei e que de certa forma hoje ainda não estou "vivendo-a" plenamente. Terminei a disciplina e fiz a seleção para 2016, e quando menos vi, estava dentro de uma turma que achava estar muito distante de mim. Assumir a vida acadêmica se torna difícil principalmente quando já se está inserido no mercado de trabalho, pois pedi a demissão no Colégio Total, porém esta é a opção que no momento me satisfaz, apesar das dificuldades. Atualmente moro em PP, mas tenho minhas relações familiares e de amizade em ambos os lados, paraguaio e brasileiro, uma dupla possibilidade de viver, singular, conflitante, estimulante e excitante.

Como fronteiro e brasiguai, creio ser conveniente parar de detalhar muito, pois o manejo das informações também tem um trato especial na fronteira. Nesta fronteira se diz: "Não vi nada, não escutei, e não sei de anda". O caráter de se manter anônimo e oculto na fronteira está na ordem do dia de muitos fronteiros. Na fronteira o mistério, a discrição e o anonimato pairam constantemente e o explícito só é dito quando conveniente e não chame a polêmica.

A trajetória descrita acima no tocante ao trânsito na fronteira entre as duas cidades representa muitos fronteiriços, daqui muitos dormem no Brasil, almoçam no Paraguai, retornam para o Brasil, e vice-versa. Estes grupos constroem suas identidades sustentadas pela delimitação de uma escala territorial como identificação (HAESBAERT, 1999).

Então, este trabalho encontrará sujeitos que possuem uma identidade territorial do lado brasileiro, uns do lado paraguaio e outros em ambos os lados. Partiremos dos conceitos de que a identidade não é estática, pois está em constante construção e desconstrução, principalmente pelos processos da globalização, como menciona Canclini:

Para dizê-lo de maneira mais clara, o que se costuma chamar de globalização “apresenta-se como conjunto de processos de homogeneização, e ao mesmo tempo, de fragmentação articulada do mundo que reordenam as diferenças e as desigualdades. Como se posicionar em relação às diferentes teorias da globalização? (CANCLINI, 2003, p.45).

Assim, os fluxos globais econômicos, políticos e culturais se expandem criando uma cultura global influenciando as culturas local, dessa forma os indivíduos passam a ser um ser fragmentado, resultado das diversas identidades que lhe são impostas.

O objetivo principal deste trabalho é demonstrar através de fatos que ocorrem na fronteira a existência de sujeitos com identidade transfronteiriça que se denominam “brasiguaios” em um contexto totalmente diferente do conceito apresentado em outros estudos e mostrar as múltiplas identidades existentes nesta fronteira. Um fronteiriço com duas identidades territoriais marcadas pela continuidade. O que justifica este estudo é a necessidade de se construir estudos que aporem relatos pela fronteira, da margem, contribuindo assim a desmistificar certos estigmas acerca dos fronteiriços, de mostrar que nem tudo está diluído, misturado, entender que há distanciamentos e aproximações, além de o estudo servir como base para futuras aplicações de políticas públicas direcionadas à fronteira.

A metodologia utilizada é de abordagem quali-quantitativa, por se tratar de fenômenos geográficos e sociais é necessário recorrer à “formulação empiricamente bem fundamentada dos sujeitos e situações que podem ser avançadas com o estudo qualitativo” (FLICK, 2009, p. 22).

Pelo fato deste estudo estar interessado em constatar se o objeto e situação está embasado em material emprírico, vê-se imprescindível recorrer a procediemntos multi-metodológicas para análise. Dentro das tendências atuais de analise nas ciências humanas, encontram-se os dados visuais e eltrônicos, pesquisa qualitativa online e triangulação.

Por método de triangulação, entende-se a combinação de métodos qualitativos e quantitativos, superando as limitações de um só métodos, também há a utilização de várias concepções teóricas para a aplicação dos métodos (FLICK, 2009, p. 32).

Como procedimento técnico, foi realizado a pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos de identidade territorial e território, fronteira e territorialidade, em teses, dissertações e publicações no âmbito acadêmico, assim como a coleta de dados de publicações profissionais de ambos os países como, pesquisas em jornais, rádios e televisão de ambos os lados.

O estudo de campo em áreas centrais e nas bordas das cidades tornou-se imprescindível para esta pesquisa através de observação participante; também foram realizadas entrevistas para as pessoas de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. Neste caso foram propostas reuniões em forma de roda de conversa com alunos de escolas da rede pública e grupos de amigos na hora do tereré. Propus a participação em roda de conversa a sujeitos que moram em Pedro Juan Caballero, Ponta Porã e os que moram e/ou convivem nos dois lados. As entrevistas foram abertas e direcionadas, pois o campo que se iniciou desde 2015 teve como foco principal sujeitos com quem o pesquisador se relacionava diariamente, em ambientes distintos (escolas, bares, comércio, roda de tereré<sup>4</sup>, encontros familiares, e diversos momentos em que vinha à tona o tema identitário).

Os alunos de escolas públicas do ensino fundamental e médio tiveram um grande peso na realização deste trabalho, pois estes se sentiam à vontade ao se auto reconhecer “brasiguaios”. Chama a atenção a maneira com que este termo é utilizado nesta fronteira, os que o utilizam nada ou pouco sabem acerca dos primeiros brasiguaios do campo.

As entrevistas direcionadas foram para as autoridades que lidam diretamente em cartórios, policiais de identificação, diretores de escolas, cônsul, professores e sujeitos comuns. As conversas com pessoas que residem em bairros mais distantes do centro foram de suma importância, pois neste caso qualquer consideração que possa ser feita sobre a representação que se tem do outro deve ser relativizada.

São estas rodas de tereré, rodas de conversa, o modo de viver e fazer na fronteira que sustentará as metodologias mixtas utilizadas neste trabalho, desta forma o texto será construído por conhecimento local e vivências dos sujeitos entrevistados e observados.

---

<sup>4</sup> Roda de tereré refere a uma cultura nacional (Paraguai) e regional (fronteira e estado de Mato Grosso do Sul e norte do Paraná), que consiste em tomar uma bebida da erva-mate fria. A Roda de tereré além de brindar um momento refrescante, oportuniza conversar entre amigos e familiares.

Comenta-se comumente que os sujeitos que moram no centro da cidade pelo fato de estar em maior contato com o “outro” tem a construção de sua identidade mais influenciada pela cultura do outro lado da fronteira, em detrimento dos sujeitos que moram mais distante do “front”. Percebeu-se em algumas entrevistas que o pedrojuanino que mora nas regiões mais distante da linha ou no centro da cidade comentam tem pouco contato com brasileiros com a língua por exemplo. Assim como houve alguns casos de ponta-poranenses que residem distantes do centro também apresentam resistência para com o paraguaio.

Contudo, estas considerações são mínimas e não representam essa relação de distanciamento e aproximação espacial de forma estanque, pois há um bairro denominado Kamel Saad que se encontra em uma área bem distante da linha e possui um grande número de brasiguaios residentes nela, o que demonstra que o fato os sujeitos residirem mais perto da linha influenciará para o processo de transculturação e hibridismo.

Não devemos pensar dessa forma, pois o campo convida a repensar essa ideia com outros plhares. As relações sociais na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porá, guardada as proporções, pouco respeitam os limites territoriais, as territorialidades ultrapassam a base física e se constroem de maneira contínua e com sintonia, assim como pode-se encontrar facilmente relações de assimetrias e/ou descontinuidade, provocada por diversos motivos; uma delas, por exemplo, é o caso das duplas nacionalidades ou identidades que se assumem de um lado e que pode não existir do outro. Os limites impostos pelos estados-nacionais podem se observar nas instituições, nos hospitais, nas escolas e não necessariamente no território demarcado físico.

No tocante à identificação real dos entrevistados/as, a grande maioria preferiu usar nomes fictícios, pelo grau de periculosidade que as informações oferecem, pois ao se tocar no tema das duplas nacionalidades estes perpassam entre o legal e o ilegal, apesar de ser uma prática comum de muitos na fronteira. Também foi necessária essa discrição para a própria viabilidade da realização do trabalho.

Quato à terminologia brasiguaios e brasiguayos, entenda-se que são os mesmos sijeitos e estão na mesma situação de trânsito entre as duas cidades. O que muda será somente é a origem do sujeito. Se autodeniminará brasiguai o sujeito que nasceu em Ponta Porã e possui características mais “brasileiras” e assim acontece com o brasiguayo.

Assim, o sujeito fronteiriço torna-se protagonista na construção deste trabalho, são estes que a partir de sua vivência e experiência no território paraguaio, brasileiro ou em ambos os

territórios, mostrará a fixidez que existe na fronteira, apesar do movimento. Digo fixa, porque a ideia que se dá à fronteira é a de caminho, passagem, que tudo passa, mas existe a sociedade que vive no movimento.

É importante destacar que este trabalho analisará o conceito de identidade em sua concepção objetiva e subjetiva na primeira relaciona-se a identidade dos sujeitos às suas raízes, vê-se a identidade como um atributo (ele é brasileiro, paraguaio, brasiguaiio), pois é preexistente ao indivíduo. Já a subjetivista relaciona a identidade a um sentimento de identificação com uma coletividade imaginária, conferindo ao sujeito a possibilidade de valer-se de suas escolhas e utilizar as representações como parte dos processos de classificação social (sou brasileiro, paraguaio, brasiguaiio).

Aparecerá a identidade como manifestação relacional. Neste conceito a identidade é uma construção pela qual os grupos organizam suas relações, assim a identidade transfronteiriça surge das relações entre pedrojuaninos e ponta-poranenses, pela qual cada um utiliza características de diferenciação entre si e sobre os outros (BARTH, 1998).

No primeiro Capítulo será discutida a questão da formação das identidades nacionais hegemônicas de cada lado da fronteira. Logo entraremos nos pormenores das identidades regionais/locais. No caso de Pedro Juan Caballero se apresentará o pedrojuanino, com suas características, os elementos que os representam e estigmas. Também será observado aqui que estes sujeitos apresentarão uma cultura mais global relacionado ao “centro”, isto é, à capital Assunção, pelas influências que recebem tanto do lado brasileiro quanto de outras partes da América Latina. A informalidade no dia a dia aparece como norteador do modo de ser do pedrojuanino, resultado da dinâmica econômica de fronteira. Contudo, nem todos os pedrojuaninos estão inseridos nessa classificação; aqui é importante destacar o caráter relacional da identidade, pois muitos levam uma vida formal, principalmente os trabalhadores das grandes empresas nacionais e locais. Também se destacará o pedrojuanino excluído desses processos globais, este que observa a globalização nas vitrines. Aqui se evidencia o caráter relacional da identidade, pois o pedrojuanino ao se posicionar perante o brasileiro, por exemplo, terá sua identidade diluída com outros pedrojuaninos, mas quando este se apresenta e deve assumir sua identidade perante outros pedrojuaninos manterá um distanciamento dentro do próprio grupo, em muitos casos essa divisão será sustentada pela divisão em classes sociais.

Em seguida, no segundo capítulo, trataremos de relacionar a integração regional; integração como processos de identificação, pertencimento e a construção de identidades na fronteira.

A integração nas formas em que aparece serve como um motor facilitador, promotor e mantenedor da identidade transfronteiriça, pois a partir destes encontros, provocados por instituições políticas as identidades se desconstroem e reconstroem diariamente e ganham novos significados.

A integração a qual nos referiremos neste estudo, refere-se às integrações sociais e espaciais provocadas pelas necessidades locais, propostas de cima para baixo como política de estado centralizador e que vê a fronteira nos moldes de integração para o mercado e para a segurança territorial, mas que atende em casos específicos as necessidades locais. Também trataremos de processos de integração cultural que surge naturalmente no cotidiano local.

Será analisada a integração na área educacional, pois alunos cruzam diariamente a fronteira para receber formação e com esse cruzamento também há o encontro de culturas diferentes que se chocam e propiciam a experiência da possibilidade de conhecer o outro e conviver com a diferença. Logo, acreditamos imprescindível ao papel da arte e cultura nos processos de construção identitária, tendo em vista a arte como expressão do sujeito de sua realidade mesmo que inconsciente. Já no aspecto cultural a integração de fato ocorre, nos caminhos e descaminhos diários, na hora da roda de tereré, na religiosidade, nos eventos familiares ou profissionais, nos feriados compartilhados, dentre outros. Assim buscamos mostrar neste capítulo a integração como processo de identificação e pertencimento.

No terceiro capítulo, propõe-se estudar as identidades dentro deste “espaço na coexistência dessa multiplicidade” provocada pela mobilidade e trânsito e entender o ser fronteiriço, as fronteirices resultantes desses “entrecruzamentos e sobreposições” (HAESBAERT e MONDARDO, 2010). Buscaremos demonstrar através de cenas e ações do cotidiano como a identidade híbrida fabricou um novo sujeito na fronteira o “brasiguaiio”, não o retornado do campo em outro momento, mas um brasiguaiio urbano, fragmentado, resultado desse trânsito diário entre as duas cidades (HAESBAERT e MONDARDO, 2010). Também se fará uma tipologia de identidades que emergem na fronteira, dentre elas estão as “identidades de gaveta”, “identidades invisíveis”, “brasiguayos”, “brasiguaios”, “identidades em *stand by*”.

Enquanto ao direcionamento por parte do autor desta pesquisa às identidades, fica explícito que na maioria dos casos se dará liberdade e autonomia aos entrevistados de valer-se do caráter subjetivo da identidade, permitindo a estes se autoidentificar-se em relação ao outro. Não caberá ao pesquisador classificar a nacionalidade ou identidade dos sujeitos devido a esse fator, pois resulta difícil encontrar elementos que de fato possam indicar a identidade dos pesquisados. Isso demonstra o quanto complexo é a realização deste trabalho pois as primeiras representações podem induzir ao erro na classificação em busca da diferenciação.

## 1. FRONTEIRA, IDENTIDADES NACIONAIS E FRONTEIRIÇAS

Este capítulo tem como objetivo buscar os componentes identitários do Paraguai e tentar encontrar quais elementos dessa escala maior faz parte do pedrojuanino, da mesma forma que buscaremos identificar as peculiaridades que fazem o pedrojuanino se diferenciar dos demais paraguaios. Logo, se buscará encontrar quais características da identidade brasileira ajudam a compor o ponta-poranense no contexto fronteiriço fazendo estes sujeitos se diferenciar do resto dos brasileiros, todos atrelados ao conceito de identidade nacional e territorial.

### 1.1 Abordagens conceituais de fronteira e identidade territorial

*Uma vez sabe como me identifiquei como paraguaia?*

*Foi assim, sabe que me incomoda, esses brasileiros que falam mal do paraguaio, sabe? Incomoda já! Ficam falando que somos mandioqueiros, que não queremos trabalhar sabe. Porque aqui todo el mundo viene, tem lugar pra todo mundo, tem pra “trabalha”, aqui é o lugar que se exige menos coisas, você pode trabalhar clandestinamente, você pode entrar e sair livremente, ai eu me ofendi e percebi que me identifiquei como paraguaia. Por exemplo, a Verônica é branca (a irmã) eu sou mais índia, porque meu vô é paraguayo mesmo! Meu pai é brasileiro! (Carmen, brasileira, Pedro Juan Caballero, 20/01/2017)*

A fala de Carmen acima foi citada para problematizar e exemplificar o conflito identitário e territorial, existente entre Pedro Juan Caballero, no Paraguai, e Ponta Porã, no Brasil.

A formação destes territórios inicia-se a partir da necessidade de conviver e compartilhar este espaço entre dos países, separados por um limite que, contudo, não blindou as relações entre brasileiros e paraguaios que se instalavam na região para a exploração da *Ilex Paraguariesis* (erva mate). O processo de colonização desta fronteira está relacionado não somente por sua importância econômica, mas também pelo fato da região ser importante para delimitar o território à leste do Paraguai e proteger as fronteiras do oeste brasileiro, estabelecendo assim núcleos urbanos nesta direção, logo após o fim da Guerra Guazú (1864 – 1870).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Por Sacha Cardona, historiador “Guerra Guazú ou Guerra Grande e a nome como no imaginário coletivo se registra o conflito bélico que envolveu o Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Por envolver a população civil, eclesíastica e militar paraguaia, a guerra é considerada como uma guerra total ou Guerra Guazú para as classes populares”.

As relações sociais transcendem desse modo o limite territorial, criando uma relação de interdependência socioeconômica entre as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. Será usado o conceito de identidade territorial para distinguir as identidades reconhecidas (dominantes), subalternas e uma possível identidade transfronteiriça existente e resultante do hibridismo, mestiçagem e trocas culturais decorrentes neste espaço.

No caso da fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, o território é fruto tanto da visão mais tradicional do território em sua dimensão jurídico-administrativa (áreas controladas pelo Estado) quanto produto de processos simultâneos de dominação (econômico social) e apropriação (cultural-simbólica), considerando que estas duas últimas podem não coincidir nos limites impostos pelo Estado (HAESBAERT, 2004) assim:

(...) a Territorialização desses processos, se dá tanto de “cima para baixo” (a partir da ação intencional do Estado ou das grandes empresas, por exemplo) quanto de “baixo para cima” (através das práticas e da significação do espaço efetivamente vivido e representado pelas comunidades). É, portanto, o processo de Territorialização como acima concebido, ou seja, filtrado pelos agentes sociais, que acaba por delinear o território por uso e posse, e não somente por determinação jurídico-administrativa (HAESBAERT; STEIMAN; NOVAES, 2005, p. 91).

Outro aspecto fundamental que mantém uma relação direta com a forma como se estabelecem as atividades e utilização dos espaços abertos urbanos é a territorialização que é a estratégia que se utiliza para delimitar o território (BARAÑANO, 2005, p. 342).

Assim como o território, a territorialidade também assume dimensões múltiplas, desde sendo como uma concepção que vai além do território a uma simples dimensão do território. Na construção deste conceito agrega-se e surgem outros conceitos de lugar, território, poder e espaço, dentre outros.

Para Raffestin (1993),

(...) de acordo com nossa perspectiva, a territorialidade assume um valor bem particular, pois reflete o multidimensionamento do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral. Os homens “vivem” ao mesmo tempo, o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Assim, para o autor a territorialidade está baseada sistema tridimensional sociedade- espaço-tempo. Dessa forma, o território ganha uma identidade dada a coletividade que nela reside em constante transformação. E neste aspecto Saquet, (2009) também dá à territorialidade um caráter tridimensional como conjunto das relações sociais que vivemos no dia a dia.

A territorialidade se manifesta tanto nas escalas das relações pessoais quanto nas sociais. Quanto essa escala Saquet diz,

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p. 88).

Na contemporaneidade existe a necessidade de pensar identidade pelo fato de estar diretamente relacionado com o cotidiano em que nos encontramos, independentemente do território em que a iremos adotar. Utilizo o termo “adotar” para indicar intencionalmente o caráter construtivo da identidade e indicar que não nascemos com ela de forma estática e permanente, entretanto é criada e formada na representação.

Voltando ao caso da Carmen, citada no início do texto, para a identidade paraguaia existir, depende de algo fora dela, ou seja, outra identidade (neste caso, brasileira), de uma identidade que ela não é que seja diferente da paraguaia, mas que fornece as condições para que ela exista. Assim, a identidade é relacional e marcada pela diferença (SILVA, 2000).

Enquanto ao processo excludente no campo da identificação, as identidades que não se encaixam na dominante são denominadas de “subclasse” estão exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade, essa identidade de “subclasse” seria a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, “sendo excluída do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, confirmadas ou refutadas, onde o lixo humano tornou-se um fenômeno mundial” (BAUMAN, [1925] 2005).

Existe um consenso que a identidade é uma construção social e simbólica; entretanto cada grupo social cria significados vinculados à sua cultura, religião, etnia, território, dentre outros.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A

construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos e de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados e sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (CASTELL, 1999, p. 23).

A globalização possui um papel importante para a diluição das identidades no nível local e individual, as transformações nos padrões de produção e consumo levaram a uma crise de identidade que Laclau chamou de deslocamento. O autor argumenta que as sociedades modernas já não possuem um centro criador de identidades fixas, ao contrário, há uma pluralidade nos centros criadores identitários, um deslocamento do centro (LACLAU, 1990, p.40).

Para Laclau,

Laclau argumenta que não existe mais uma única força, determinante e totalizante, tal como a classe no paradigma marxista, que molde todas as relações sociais, mas, em vez disso, uma multiplicidade de centros. Ele sugere não somente que a luta de classes não é inevitável, mas que não é mais possível argumentar que a emancipação social esteja nas mãos de uma única classe. Laclau argumenta que isso tem implicações positivas porque esse deslocamento indica que há muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar (SILVA, 2002).

Os processos históricos que sustentavam a fixidez das identidades entraram em colapso dando oportunidade ao surgimento de novas identidades. É importante destacar o papel das migrações no processo produzindo identidades plurais, mas também identidades contestadas e fortalecidas. Uma vez que não podemos conhecer e partilhar todas as identidades nacionais, idealizamos sobre aquilo que a constitui, buscando autenticar as políticas de identidade através da comunidade imaginada (ANDERSON, 2008).

A produção da cultura na fronteira estará marcada por processo de transculturação. A transculturação pode ser o resultado da conquista e dominação, mas também da interdependência e acomodação, sempre compreendendo tensões, mutilações e transfigurações que as relações entre os sujeitos demandam neste espaço.

Para Ianni:

Para descrever tal processo o vocábulo transculturação proporciona um termo que não contém a implicação de uma dada cultura à qual deve ter a

outra, mas uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuintes e ambas cooperantes para o advento de uma nova realidade civilizatória"(IANNI, 1996, p. 153).

Tantas são as formas de intercâmbio cultural na fronteira que o fenômeno da transculturação é somente uma das denominações que podem ser atribuídas a esse processo. O que nos interessa aqui é que ocorre a hibridização dentro de um processo vivo, não estanque, e que não há, a perda total de cultura, e e sim uma troca e reformulação destas.

De acordo com Hall (2001, p.13) “a identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

O caráter homogeneizante da globalização enfraqueceu as identidades nacionais, mas em contrapartida evidencia outras identidades, segundo Hall,

As identidades nacionais estão se desintegrando, com resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2001, p. 69).

Reconhecendo o avanço do sistema capitalista através da globalização, houve elementos culturais mantidos, no caso paraguaio, por exemplo, os costumes religiosos, a música tradicional paraguaia e a língua guarani mantendo esses modos de vida para não desaparecer em meio a essa tentativa homogeneizador. Entendendo que essas características as culturais foram mantidas, Cherlotti acrescenta:

Acreditamos, então, que ocorre, embora de maneira relativizada, a identificação de certos grupos sociais com uma determinada espacialidade (território, região, lugar) e suas representações simbólicas. Portanto, estaríamos diante da resistência da identidade com perspectiva territorial, principalmente, ainda verificável em sociedades tradicionais que não foram destruídas (CHELOTTI, 2010, p. 173).

As cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possuem suas características próprias de acordo com suas relações sociais, construídas de cada lado. Assim essas sociedades construíram suas identidades territoriais ancoradas inicialmente na identidade nacional. Mas a partir das relações homem *versus* meio e sua interação transnacional, criou-

se na fronteira uma multiplicidade de identidades com seus símbolos, bandeira, pertencimentos, culturas, etnias, etc. Assim:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Dessa forma, o essencial para este estudo será a análise das identidades coletivas e individuais a partir da perspectiva territorial, construídas a partir do sentimento de pertencimento aos referências territoriais e culturais como no caso apresentado. A desterritorialização e reterritorialização terá um papel importante nesse processo de construção de identidade territorial, pois será na base material que se encontrara a fonte de significados e expressão cultural.

No caso da fronteira de Pedro Juan e Ponta Porã, o limite territorial não será um fator repelente para esses processos de construção de significados, ao contrário, as territorialidades nesse espaço obedecerão a uma lógica transnacional, de trocas e de complementaridade entre os dois povos.

O espaço fronteiro não pode ser definido e tampouco visto como espaço estático, pronto e acabado e fixo. Entender a fronteira é entender que neste espaço há a possibilidade da multiplicidade de trajetórias históricas, da heterogeneidade e das inter-relações. Assim, devemos “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (MASSEY, 2012).

Assim, como afirma a autora, é importante reconhecer a coexistência de outros, múltiplas trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam, criando assim esta nova forma de pensar e construir o espaço. Pensar o espaço fronteiro a partir dessa premissa nos ajudará a entender melhor este espaço e o caráter multifacetado da identidade.

Há de se pensar a questão temporal da/na fronteira, neste espaço coexistem múltiplas temporalidades, entender este espaço como uma “acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 1980). O comércio terá um papel importante para a aceleração do tempo, tudo acontece com rapidez, fluidez e velocidade (BAUMAN, 2001).

Nesse sentido, Goetttert constatou que:

com as devidas mediações, podemos dizer que na fronteira por entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, tempos sociais – ou temporalidades – desiguais e multiterritorialidades se desenvolvem e se (des)encontram, partes de tempos e espaços (desiguais) de brasileiros e paraguaios, suas histórias, cotidiano, identidades e alteridades (GOETTERT, 2017, p. 23.).

Por outro lado, há o tempo lento, vidas que não se submetem ao ritmo ditado pelo comércio e modo de vida moderno. Relativo à rapidez, as relações e/ou acontecimentos tendem a ter uma vida muito curta, a caducidade de fenômenos acontece com frequência, daí este próprio trabalho ao ser lido daqui a 10 anos certamente, provavelmente o leitor se deparará com uma realidade bem diferente da descrita aqui.

## 1.2 A identidade nacional paraguaia

*Entre las varias maneras de concebir la identidad está la del espejo o la de la transformación. El espejo nos remite a nosotros mismos. En el reflejo hacemos memoria de lo que éramos en otras épocas, aunque más sanos, más jóvenes, más dinámicos. Que cualquier tiempo pasado ya fue mejor. Es la identidad por nostalgia, que inventa la figura que tal vez no fue, pero que idealizamos como habiendo podido ser (MELIÁ, 2001, p. 234).*

A citação acima demonstra a complexidade de estudar e entender a identidade do Paraguai, pois o conceito de nação nasce, de “um postulado e de uma invenção” de tradições (HOBSBAWN, 1984). Invenção necessária, pois para sua existência devem existir elementos simbólicos e materiais, como uma história que mantenha uma relação de continuidade, representações e historicidade.

Assim, para Hall (2001, p. 50), “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...)”.

Debates relacionados a este assunto são comuns entre historiadores no Paraguai; a questão chave é como ver-se oriundo de um passado não tão comum, miscigenado e dividido, de um lado, representantes da nação guarani, de outro, a nação pós independência (1811). A identidade que se dá por meio de características assumidas e ao mesmo tempo negadas.

A formação da identidade nacional paraguaia pode ter seu início já no período colonial, pois o Paraguai talvez foi a primeira nação do hemisfério ocidental a evidenciar uma consciência coletiva de nacionalismo” (TELESCA, 2015).

Para Telesca,

Esta conciencia nacional paraguaya se fue tejiendo a través de múltiples hilos: el mestizaje sin lugar a dudas es uno de los primeros, aunque también la geografía jugó un papel muy importante, al ser una tierra olvidada por parte de la Corona española y de los mismos españoles. No se puede dejar de lado tampoco el hecho de haber sido Paraguay una entidad propia como provincia colonial, como administración política y eclesiástica. Pero a la par con el mestizaje y la situación geográfica, lo que “coadyuvó aún con mayor vigor y tenacidad a la formación de la nación paraguaya” (Kahle, 2005: 97) fue la particularidad y exclusividad del idioma guaraní (TELESCA, 2015, p. 170-171).

Assim, além da mestiçagem e a posição geográfica do Paraguai, o idioma guarani com sua particularidade e singularidade marcará (mesmo que de forma negada, naquele então e inclusive nos dias atuais por parte das elites) a identidade do Paraguai.

Em uma entrevista com o historiador Florentin, este complementa que:

También hay que entender que la construcción de una identidad homogénea de Paraguay, también es una ficción en mucho sentido, porque fíjate que hay diferentes grupos de poblaciones de diferentes orígenes étnicos. Pero como hay un Estado más presente, hay una categorización mas unilateral que pasa a través de todo eso. No importa si sos descendiente de español, coreano, asiático, brasilero, argentino, todos son paraguayos y son todos gua' ú son frutos de la relación de entre índios y espanholes. Pero por supuesto que eso es falso, si creo que acá esta mas assumido esse rol. Creo que acá el sentido de pertinência tiene más que ver com esta região que es internacionalizada que em Asunción (Florentin, historiador, Ponta Porã, 29/11/2017).

Mitos e conflitos internos como este relacionadas à formação da identidade trazem à tona a complexidade dos estudos sobre identidade. Percebe-se, assim, o caráter hegemônico das relações de poder para a legitimação da identidade e a importância das inúmeras e insistentes tentativas de homogeneização cultural para a afirmação dos estados nacionais.

A população do Paraguai é resultante da mestiçagem de americano e europeu: guaranis e espanhóis. Neste caso tem uma formação peculiar comparado a outros países da América Latina, pelo fato de muitos descendentes de indígenas manterem seus traços étnicos e culturas originárias e, por outro lado, uma população composta por descendentes espanhóis e outros europeus com suas características étnicas e culturas próprias.

Na atualidade, se nota uma inversão nos processos de exclusão das minorias identitárias neste país, pela forte herança da cultura guarani no cotidiano de seus habitantes. Cabe destacar que o papel da língua nesse processo é fundamental.

La cuestión identitaria se forja en la lengua y ella devuelve en cada paraguayano un sentido de orgullo aunque en el proceso ese sincretismo genere conflictos. El pensar en una lengua y expresarse en otra no es aun una cuestión superada. A pesar de que en la Constitución de 1992 se estableció su carácter de lengua oficial todavía los niveles de instrucción bilingüe están lejos de poder desarrollar ambas lenguas confundiendo en una nueva versión conocida como “jopara” (mezcla) que algunos conciben como una neo lengua (BOGADO, 2015).

A perseguição do idioma após a ocupação por militares brasileiros e principalmente argentinos após a Guerra Guazú, estigmatizando os falantes deste idioma como “guarangos”<sup>6</sup> não foi suficiente para a extinção desta entre os paraguaios, que em sua maioria era composto por mulheres e indígenas. Atualmente há uma tensão no Ministério da Educação do Paraguai quanto à manutenção do guarani nas escolas do país, garantida por lei em 1992 na constituição. Há um esforço nacional de recuperar e manter o idioma, apesar de se falar o “jopará”<sup>7</sup>.

A mídia (programas de rádio pelas manhãs, Rádio Câmara, e programas de Televisão) exerce um papel importante nessa tentativa dedicando espaços nos programas para apresentar unicamente em guarani, também o poder legislativo contribui com uma frequência de rádio Nacional somente em guarani.

Além do idioma guarani, possuem vários outros elementos simbólicos e materiais fazem parte de seu referencial identitário observados na gastronomia (chipa<sup>8</sup>, caburé,<sup>9</sup> sopa paraguaia<sup>10</sup>, sopa sóó<sup>11</sup>, bori-bori<sup>12</sup>, tereré<sup>13</sup> e mate<sup>11</sup>, cocido<sup>14</sup>), artes (polca paraguaia,

<sup>6</sup> O termo Guarango era utilizado de forma preconceituosa referindo-se aos que resistiam em falar o idioma guarani, que foi reduzido à condição de língua proibida, pelo fato de ser incompreensível para os invasores estrangeiros, que ainda é utilizado na atualidade. Ser chamado de “guarango” significa falar de forma errada, indevida. (BOGADO, 2017).

<sup>7</sup> Termo que designa um novo idioma resultante da mescla do guarani com o espanhol, alguns linguistas o caracterizam inclusive como neo-idioma.

<sup>8</sup> Alimento feito de fécula de mandioca cozida com queijo e gordura de porco (Pellary).

<sup>9</sup> Alimento semelhante à chipa, mas neste é utilizado fécula de mandioca crua.

<sup>10</sup> Bolo salgado de milho com queijo. É sólida, A expressão sopa faz referência a duas possíveis explicações, uma delas e a mais considerada é de que no período da guerra houve a necessidade de endurecer a sopa adicionando mais farinha de milho, para facilitar no transporte e durabilidade. A outra diz que em algum momento a cozinheira de d. Carlos Antonio Lopez se despitou e adicionou farinha a mais no caldo, segundo relatos ele aprovou o resultado e pediu para que ela cozinhasse sempre.

<sup>11</sup> Bebida semelhante ao chimarrão, mas é elaborado de forma mais simples.

guarana, artesanato em cerâmica, madeira e couro, arpa paraguaia, ñanduti<sup>15</sup>, ao po'i<sup>14</sup>) símbolos nacionais (bandeira, hino nacional, flor de maracujá). A todos estes elementos devemos incorporar a cultura trazida com os imigrantes japoneses, árabes e chineses, que coexistem com esta multiplicidade cultural e territorial.

### 1.3 “El pedrojuanino”

Seria interessante antes de estudar o gentílico citado, conhecer alguns aspectos da cidade que o formará o ser pedrojuanino, porque não se nasce pedrojuanino e sim será fruto de uma construção temporal-espacial.

A cidade de Pedro Juan Caballero está localizada na porção oriental do Paraguai, é a capital do Departamento de Amambay, que por sua vez está dividido em três distritos: Bella Vista, Capitán Bado e Pedro Juan Caballero. Ao Norte e ao leste encontra-se com o Brasil, separados pelo Rio Apa e a Cordillera Del Amambay, ao Sul com o Departamento de Canindeyú e ao oeste com Concepción San Pedro. (Figura 01)

---

<sup>12</sup> Caldo de frango caipira/ou carne com bolinhas de milho, este sim é sólido. (Os mais vorazes adicionam queijo no meio da bolinha de milho).

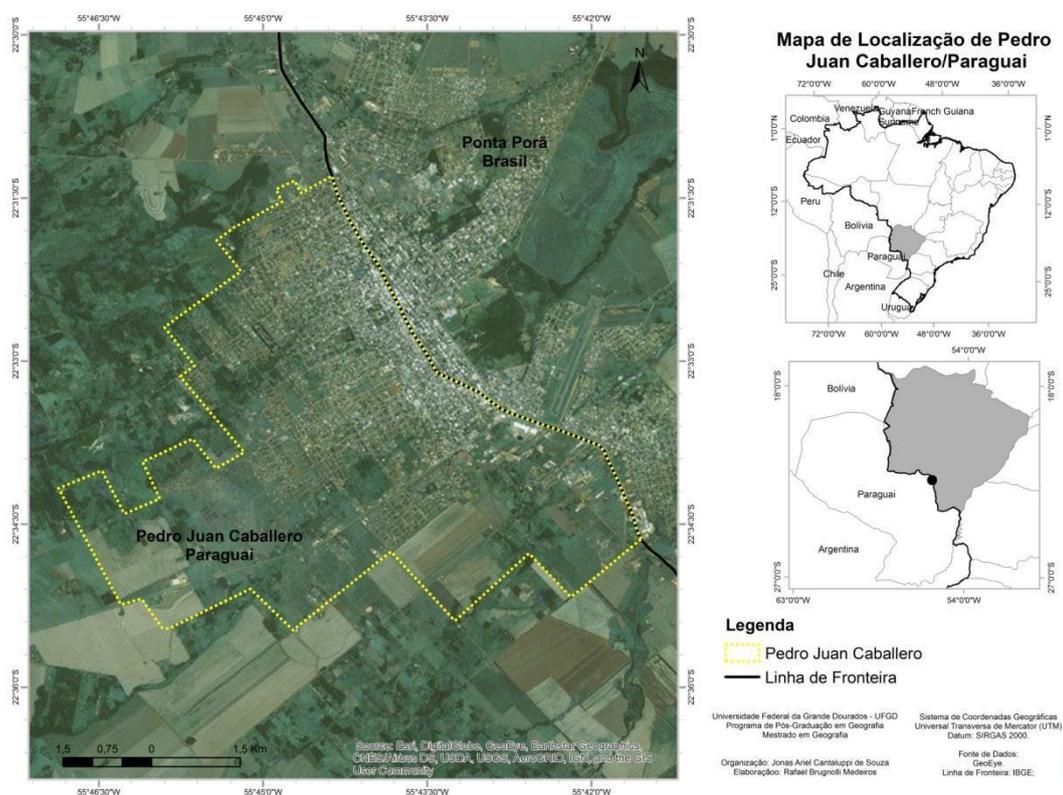
<sup>13</sup> Bebida fria de *Ilex Paraguariensis* erva-mate. Também apreciado no MS e PR. Brasil <sup>11</sup>  
Bebida quente de *Ilex Paraguariensis* erva-mate. Também apreciado no MS e sul do Brasil.

<sup>14</sup> Chá de *Ilex Paraguariensis* a erva-mate.

<sup>15</sup> Bordado colorido feita em roupa típica.

<sup>14</sup> Traje típico paraguaio.

Figura 01. Perímetro Urbano de Pedro Juan Caballero



A região de Amambay foi dominada pelo latifúndio, o que possibilitou a venda de terras no final da Guerra Guazú (1965-1970) e por estar em mãos de poucas pessoas, empresas e pessoas apadrinhadas se apoderaram dessas terras, inclusive a empresa “Industrial Paraguaia” que possuía uma área de 2.500.000 hectares de terra para a exploração da erva-mate. Segundo Goiris:

Começaram a surgir as primeiras notícias entre os conquistadores europeus sobre a existência da erva mate. *Chamada caá* pelos guaranis, a erva mate, foi descrita em 1610 por Ruy Diaz de Guzmán, como um certo pó que os índios levavam em bolsas de couro. Em 1645, os jesuítas, obtiveram a licença para comercializar a erva, com uma serie de privilégios que em uma competição desastrosa com os paraguaios, nunca tiveram maiores benefícios pelos impostos que pagavam. Com a expulsão dos jesuítas em 1767, começaria um novo ciclo da erva mate, com maior impulso de empresas particulares do Brasil (GOIRIS, 1999, p. 134, grifo do autor).

Tanto a empresa “Industrial Paraguaia” quanto a “Cia Mate Laranjeira”, lograram um grande desenvolvimento econômico, devido à mão de obra gigantesca dos trabalhadores nos ervais. Nota-se dessa forma a importância da exploração da erva-mate na formação e social da região de Amambaí e do Estado de Mato Grosso.

Hoje a economia de Pedro Juan Caballero esta fortemente ligada ao agronegócio, turismo, indústria e comércio. Exporta soja, madeira, exploração da erva-mate, café, carne refrigerada e animais, e importa eletrônicos, bebidas, insumos, pneus, veículos sementes e suplementos minerais (BIOLCHI, 2006).

O turismo é um grande aliado da economia pedrojuanina, pela qual se vê o papel dos brasileiros que cruzam a fronteira para realizar compras tanto de caráter pessoal como para revendas do lado brasileiro. Os produtos procurados são os importados como pneus, perfumes, bebidas, alimentos e eletrônicos. O turismo cultural também é de grande importância para a região de Cerro Cora<sup>16</sup>, pois essa área foi palco da Guerra Guazú e a morte de Francisco Solano López.<sup>17</sup>

O paraguaio de Pedro Juan Caballero apresentará uma construção identitária um pouco diferente do Paraguai do interior do país, devido à condição de fronteira, apesar do Paraguai possuir seu território delimitado de fronteiras com a Argentina, Bolívia e Brasil pode se encontrar características mais “paraguaias”, por exemplo, em Assunção.

Em uma entrevista ao historiador asunceno Carlos Gómez Florentin, realizado em em evento da História na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, este diz:

Creo que eso tiene que ver las relaciones de poder, en la frontera brasileira com la paraguayana por nuestra condición menos hegemónica, creo que tenemos mas apertura por una situación de dependência, a lo mejor estamos más pendientes a ellos que ellos a nosotros (Florentin, historiador, Ponta Porã, 29/11/2017).<sup>18</sup>

A forte influência do Brasil desde a fundação das duas cidades marcará de forma singular o pedrojuanino. Essa diferenciação do pedrojuanino com o asunceno<sup>17</sup> foi descrita por Osvaldo, pedrojuanino, comerciante de 38 anos, em uma conversa que surgiu na mesma loja após o passo de brasileiros que motivou as conversas relacionadas a este assunto:

---

<sup>16</sup> El Parque Nacional Cerro Corá, fue creado por decreto el 11 de febrero de 1976 y está ubicado en el Departamento de Amambay, en el noreste del Paraguay. Es una reserva natural, un sitio cultural e histórico, ya que el lugar fue escenario de la última batalla de la Guerra de la Triple Alianza, el 1 de marzo de 1870” (ITAIPU, 2012)

<sup>17</sup> Foi o segundo presidente constitucional da República do Paraguai, exercendo o cargo desde 1862 até a data de sua morte. Foi comandante das Forças Armadas e chefe supremo do seu país durante a Guerra do Paraguai.

<sup>17</sup> Gentílico de quem mora em Assunção.

<sup>18</sup> Tradução: “Acredito que isso tem a ver com as relações de poder, na fronteira brasileira com a paraguaia pela nossa condição menos hegemônica, acredito que temos mais abertura por uma situação de dependência, creio que estamos mais atentos a eles do que eles a nós”.

**El lenguaje:** “yeismo” ellos dicen gayina, poyo, aya, como te yamas? etc. (los pedrojuaninos no) porque ellos asimilan, mas argentina. Pero los pedrojuaninos Brasil. Los pedrojuaninos según los linguistas expertos consiguieron crear un lenguaje unico para la frontera con Brasil... que es el “jopara”, un lenguaje que surgio naturalmente del pueblo no como el de los asuncenos un lenguaje imitado, copiado y creado en escritórios, no surgio del pueblo de la sociedad, sino imitado pirateado.

**Vestimenta:** tela, tendência, corte de pelos, maquillajes, todos argentinos. Pedrojuaninos no tanto algo si, pero no todo. Maquillaje, mas suave natural sin pestañas postizas, los hombres cortes de pelo, mas clasico. Obvio, me refiero en lo general

**En la interaccion social:** pedrojuaninos son, mas hospitalarios los asuncenos mucho menos Influye un factor q interviene en la delincuencia, alla la delincuencia es, mas violento por “poco” ahi entran los pirañitas, caballos locos, carteristas, peajeros, los chespis como ellos llaman, moto chorros (te clavan, te matan por poca cosa). los pedrojuaninos no tienen esos tipos de delincuentes aun, tiene pero muy poço aca es, mas entre los narcotraficantes. Aun tenemos eso de compartir con nuestros vecinos una sopa, un bori, una chipa, permutar alimentos, alla ellos nada ni bollo, hoy dia claro en el contexto temporal actual.

**Alimentación:** Asuncenos, mas comidas rápidas los llamados (faat foots) Por que todo es lejos, entonces se come, mas por los super comedores Pedrojuaninos, comidas caseras, porque es cerca llegar a casa y comer comidas de mama, comidas que no son industrializadas comerciales.<sup>19</sup>

**Temperamento:** Asuncenos, mas estresados, bocinas, trafico vial, embotellamiento, bocinasos, etc. Pedrojuaninos, mas tranquilos, no tocan bocinas, mas cuidadosos, menos estresado y tal

**Educacion financiera:** Asuncenos tienen, mas cuidados en los gastos, mas “yopy”, porque alla si no tenes pa tu pasaje no llegas a tu casa si te falta 200 gs Sim plata no sobrevivis. Pedrojuanino es, mas compulsivo en los gastos porque es todo cerca Generalmente siempre teniendo en cuenta la variable (generalmente)

**Estatus:** abolengo, estratificacionn: Asuncenos en ciertos lugares públicos os privados no sos nadie si no tenes poder adquisitivo o si tus padres no te

---

<sup>19</sup> Tradução: “A linguagem: “yeismo” eles dizem gayina, poyo, aya, como te yamas? Etc. (os pedrijuaninos não) porque eles se asemellam mais á Argentina. Mas os pedrijuaninos ao Brasil. Os pedrojuaninos segundo os linguistas conseguiram criar uma linguagem única para a fronteira com o Brasil, que é o “Jopará”, uma linguagem que surgiu naturalmente do povo, não como dos asunceno, uma linguagem imitada, copiada e criado em escritórios, não surgiu do povo, da sociedade, mas sim imitado, pirateado.

Vestimenta: tecido, tendência, corte de cabelo, maquiagem, tudo argentino. Os pedrijuaninos não tanto assim, mas não tudo. Maquiagem mais suave, natural, sem pestaçnas postiças, os homens tem um corte de cabelo mais clássico. Óbvio, não me refiro no geral.

Na iteração social. Os pedrojuaninos são mais hospitaleiros, os asunceno muito menos. Neste caso influi um fator que intervém a delinquência, lá a delinquência é mais violenta por pouco ali entran os los pirañitas, caballos locos, carteristas, peajeros, los chespis como ellos llaman, moto choros (te apunhalam, te matam por pouca coisa). Em Pedro Juan Caballero não existem esses tipos de delinquentes, há alguns casos, mas há poucos por aqui, aqui é mais narcotraficante. Aqui ainda temos isso de compartilhar com nossos vizinhos uma sopa, uma chipa, permutar alimentos, lá “ni bollo”. Hoje em dia claro no contexto temporal atual.

Alimentação: Os asunceno comem mais comidas rápidas os chamados “fast foods”. Porque tudo é muito longe, então se come mais pelos super comedores. Os pedrijuaninos comem mais comidas caseiras, porque é perto para chegar em casa e comer comidas da mamãe, comidas que não são industrializadas, comerciais.

transmite el estatus nadie ni bollo para nadie. (Osvaldo, 38 anos, pedrojuanino, comerciante, Pedro Juan Caballero, 25/05/2017).<sup>20</sup>

Essas influências que Pedro Juan receberá de um lado da América Hispânica e de outro do lado brasileiro criará uma parcela de pedrojuaninos internacionalizado, moderno, exigente e inserido nos “gostos” que a modernidade oferece.

Dando sequência à entrevista no tocante ao fronteiro ser mais globalizado que o paraguaio do interior, Carlos Gomez Florentin afirmou:

El fronterizo es más globalizado claramente, Asunción aún es muy provinciano, todavía, lo único que le transforma a Asunción es que es capital, porque eso le mete en um circuito internacional. Pero sacando su función de capital, la ciudad sigue siendo muy pueblerina, se ve eso para mi en la gente. Yo no conosco bien Pedro Juan, pero Ciudad del Este conosco bien, y aí se ve una identidad más global y hay mucho menos esa cuestión homogénea que hay em Paraguay (Florentin, historiador, Ponta Porã, 29/11/2017).

Por outro lado, encontra-se o pedrojuanino excluído desses processos. Ao me posicionar como pesquisador e pesquisado a minha composição identitária remete muito à América Hispânica, devido à influência de canais de televisão à cabo, que do lado paraguaio é mais acessível, portanto no tocante à informação, músicas por exemplo essa universalização chega a mais pessoas do lado paraguaio.

Dessa forma, pela sua condição de fronteira e sua localização pode se entender grande parte do pedrojuanino como fruto de processos resultantes da globalização:

Os pedrojuaninos são confrontados diuturnamente com as inúmeras influências advindas da globalização mundial. Mais do que outras populações, a população da fronteira é obrigada a se adaptar às injunções impostas pela realidade mundial e pela globalização que a todos atinge. As influências são de todo tipo: linguísticas, econômicas, socioculturais e políticas. Exemplo desse contato são as incontáveis interconexões comerciais estabelecidas todos os dias pelos pedrojuaninos com pessoas de várias nacionalidades: árabes, chineses, bolivianos, brasileiros, dentre tantos

---

<sup>20</sup> Temperamento: Os asunceno mais estressados, buzinas, tráfego vial, engarrafamentos, etc. Os pedrojuaninos são mais tranquilos, não ficam buzinando, são mais cuidadosos menos estressados e tal.  
Educação financeira: Asuncenos tem mais cuidados com os gastos, são mais “mão de vaca”, porque lá se você não tem para sua passagem você não chega em casa se te falta 200 Guaranis. Sem dinheiro você não sobrevive. Pedrojuanino é mais compulsivo nos gastos, porque é tudo perto, claro tendo em conta a variável.  
Status: abolengo, Estarificação. Os asunceno em certos lugares públicos ou privados você não é nada se não tem poder aquisitivo ou se seus pais não te transmitem o status, ningún nem aí para ninguém”.

outros. Nesse contexto, são impelidos a moldarem seu comportamento e esconder seu preconceito para que possam realizar suas negociações com os indivíduos das várias nacionalidades que chegam à cidade de Pedro Juan Caballero (NASCIMENTO, 2012, p. 54).

Portanto, não há de confundir e considerar o pedrojuanino como fruto exclusivamente desse processo, existe uma forte inserção deste no mundo global dado ao que consome e hábitos no dia a dia; porém encontra-se em alguns um forte sentimento de pertencimento nacional. Ao escolher a metodologia de campo como maior fonte de informações, optou-se por aproveitar toda ocasião a partir de minhas relações sociais, tanto do lado paraguaio quanto brasileiro para extrair dados para o trabalho.

Em uma noite em Pedro Juan com uns amigos já em altas horas surgiu um diálogo informal relacionado a este sentimento citado anteriormente, quando o *Kupi*, o proprietário do bar que se identifica como paraguaio, esclareceu esse sentimento ao comentar uma experiência quando trabalhou em Ponta Porã:

-Yo soy de la frontera pero soy paraguayo man! Sabes que me dijo un dia mi jefe de Brasil?  
 -Yo me agache para agarrar unas cosas en la cocina, y el me Miró y me dijo:  
 - Foi assim que o Brasil ganhou a guerra contra voceis! Nos quedamos guauá em esta posición.  
 -Yo casi le pegue man! Ellos no nos respetan a nosotros se creen mucho. (Kupi, 32 anos, paraguaio, Pedro Juan Caballero, 12/04/2017).<sup>21</sup>

Esta situação descrita em que o entrevistado foi submetido em situação humilhante por um ponta-poranense mostra o momento de afirmação da identidade perante o outro, demonstrando um dos conflitos identitários existentes na fronteira. Apesar de se encontrar familiarizado com os processos globalizantes este ainda mantém uma relação intensa com o local.

Em outra conversa mais formal com Blanca, na mesa da escola, ela se sentiu muito à vontade para participar da pesquisa e comenta sua situação:

Sou brasileira, mas me considero paraguaia!  
 Nasci no Paraguai no sitio, não tinha identidade ainda, depois meu pai fez minha identidade brasileira, eles eram paraguaios, quando entrei na escola não sabia falar português, depois dos 10 anos, tive que morar no Brasil, por

---

<sup>21</sup> Tradução: “Eu sou da fronteira, mas sou paraguaio cara! Sabe o que me disse meu chefe um dia no Brasil? Eu estava agachado para pegar umas coisas da cozinha, daí ele olhou para mim e disse: Foi assim que o Brasil ganhou a guerra contra vocês. Porque ficamos nessa mesma posição. Eu quase bati nele cara! Eles não nos respeitam se acham muito”.

causa que meu pai era funcionário público e precisava endereço brasileiro. Me formei no Brasil em Letras justamente pelo fato de não ter conhecido bem essa língua. Agora minha filha está começando a estudar e estuda no Paraguai, ela só fala português, mas ela estuda nos dois países. De manhã ela estuda no Brasil e de tarde no Paraguai. Ela puxa mais a escola do Brasil (Blanca, 50, anos, professora, Sanga Puitã-Ponta Porã, 04/04/2018).

Blanca deixa explícito sua identificação como pedrojuanina, apesar de ter os documentos brasileiros. Podemos notar que a identidade territorial de Blanca está marcada do lado paraguaio, por ter construído esta desde a infância. Assim, como veremos abaixo, estas mulheres afirmam suas identidades independentemente de sua nacionalidade. Estes casos mostram a multiplicidade identitária existente na fronteira.

Em outra conversa com uma pedrojuanina, comerciária há muitos anos na Linha Internacional, deixa explícito o caráter afirmativo da identidade. Para Márcia:

-Entre ser brasiguaya prefiero ser paraguaya nomás. Porque hablo el guarani y mis familiares son paraguayos mi mamá, mi papá es brasileiro pero mis abuelos y eso son paraguayos.

-Los brasileiros se creen mucho, da, mas gusto en Paraguay, la vida es más fácil.(Márcia, 23 anos, paraguaia, Pedro Juan Caballero, 15/03/2017).<sup>22</sup>

Também há de se mencionar a ligação com o passado histórico como referências na formação das identidades. Essa ligação com o passado percebe-se em muitos entrevistados que no momento em que começam a pensar para afirmar sua identificação remontam ao passado de familiares (Figura 2 e 3).

---

<sup>22</sup> Tradução: entre ser brasiguaia prefiro ser paraguaia mesmo. Porque falo o guarani e meus familiares são paraguaios, minha mãe. Meu pai é brasileiro, mas meus avós são paraguaios. Os brasileiros se acham muito, é mais legal no Paraguai, a vida é mais fácil”.

Figura 02: Museu Regional del Amambay em Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo 20/03/2017

No museu estava localizado no centro da cidade de Pedro Juan Caballero, encontram-se objetos pessoais de personalidades militares, representação de cômodos das antigas casas, objetos como máquinas de escrever, instrumentos odontológicos, dentre outros objetos que representavam na época as tecnologias daquele tempo. Também há animais nativos empalhados da região e uma biblioteca anexada ao museu. As escolas O Museu Regional Del Amambay possui um papel importante nesse processo representação histórico da identidade territorial/regional. Nesta há um trabalho em conjunto com as escolas para visitas guiadas neste local.

Figura 03: Estátua de Pedro Juan Caballero



Fonte: Trabalho de Campo 20/03/2017

Dessa mesma maneira, as praças em sua grande maioria possuem placas, bustos e estátuas dos heróis criados naquele então, para a formação da ideia de nação. Porém nem todos da fronteira são representados ou se sentes nessa condição por estes heróis, apesar de o Departamento de Cultura da cidade seguir com o processod e contrução de bustos, bandeiras e geosímbolos relacionados à pátria. Na atualidade aqui em Pedro Juan há historiadores que não compartilhem da ideia de a cidade ter perdido o nome histórico local de Punta Porã e receber o de Pedro Juan Caballero que naquele então o país precisava designar heróis no processo de formação da nação paraguaia.

Os paraguaios não esqueceram da Guerra Guazú, mas o deixaram de lado para uma convivência pacífica. Constantemente casos como os de Kupi, citado acima são repetidos na fronteira, na entrevista Kupi parafraseava a fal ade seu tio que dizia: - “Ñande la na ganava la guerra, por que ña perdona chupe kuéra”. (Nós ganhamos a guerra por que perdoamos eles). Ficaram restos de pólvora que com qualquer faísca voltam a ascender mesmo que timidamente. Para alguns paraguaios o brasileiro ainda é visto como invasor, perigoso, traidor e utilizador do que o Paraguai oferece. A rotina em Pedro Juan Caballero é marcada por um contraste entre a tranquilidade e euforia do centro comercial e das noites badaladas. De dia nas adjacentes da linha internacional o movimento intenso do comércio remete a um centro comercial maior (Figura 04 e 05), mas à medida que se distancia a partir de 300 metros abaixo nas suas inúmeras praças e lagoa, nota-se o tempo em ritmo desacelerado (Figura 06 e 07), calmo e longe do frenesi do centro. O modo de vida “tranquilo” descrito por muitos se mantêm entre os idosos que observam as mudanças do dia a dia e jovens que resistem a entrar no modo de trabalho oferecido pela modernidade, mantendo -se dentro desse tempo lento que coexiste com a rapidez oferecido pelo setor de serviços.

Porém, atrás da aparente “tranquilidade” encontra-se um grande abismo social, pois quem não se adequa a esta lógica de trabalho, muito distante está dos salões de festa de debutantes e casamentos com valores aproximados a meio milhão de reais que a elite pedrojuanina desfruta. Este grupo está composto por empresários, funcionários públicos, produtores rurais, traficantes (mesmo que não apareça nos dados oficiais nossa rede de contatos confirma a existência deste grupo no meio da classe social sem ser discriminado por tal prática).

Figura 04: Centro Comercial de Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo 10/02/2017.

A avenida Mariscal López é uma das ruas mais movimentadas do centro de Pedro Juan, aqui estão instaladas as lojas de eletrônicos, lojas variadas, casas de câmbio, universidades de medicina, apartamentos aos estudantes de medicina, cassinos e redes de hotel. Essa variedade de serviços oferecidos dinamiza essa área central provocando a sensação de uma cidade bem maior.

Figura 05: “Minhocão” na Linha Internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo, 12/01/2017.

Figura 06: Laguna Punta Porã- Pedro Juan Caballero



Fonte: Trabalho de Campo, 20/03/2017.

Figura 07: Avó e neto passeando na Lagoa



Fonte: Revista Pedro Juan

A Laguna Punta Porã, para a grande maioria é um forte referencial territorial da identidade do Pedrojuanino. A foto da imagem 6 e 7 foram tiradas ao mesmo tempo da figura 4, uma relação temporal distinta no mesmo espaço se observa nesta paisagem, em uma distância aproximada de 70 metros, onde o conceito de tempo e a percepção desta está totalmente divergente do centro. Percebe-se que indo ao oeste uma vida mais tranquila. Nos fins de semana, às tardes a lagoa está repleta de pessoas; principalmente aos domingos, os punta-poranenses também frequentam, mesmo que em menor proporção e intensidade.

### 1.3.1 “Eles acham que dependemos do Brasil pra tudo”

Uma das dificuldades encontradas pelos entrevistados nesta etapa da pesquisa era de conseguir identificar de forma clara os componentes que construíam suas identidades, pois em vários momentos relatavam que a forma de viver era diferente:

(...) tipo eu sou brasileira néh primo, a vida aqui é mais, tem festa qualquer hora, tem uma facilidade em tudo, tudo é mais barato, menos imposto, só isso Jô, ei sou paraguaia primo, a forma de viver aqui é diferente de lá não sei como te explicar. Lá trabalhamos demais pra nada, aqui se tem aniversário terça tem festa, no Brasil não, tem que esperar fim do mês. Aí não dá né! Tipo eu me identifico porque eu moro aqui e vivo a vida daqui. Paraguaio mais aberto, brasileiro é mais fechado. Eles querem impor mesmo que eu tenho documento brasileiro eu alugo a casa pra eles e eles querem tira de inútil porque estamos no Paraguai e eles acham que dependemos do Brasil pra tudo (Carmen. 34 anos, autônoma, 25/03/2017).

Ainda percebe-se uma tenção nessa relação entre brasileiros e paraguaios neste caso se denuncia uma imposição do brasileiro ao paraguaio nas relações econômicas. Está construído no imaginário de muitos brasileiros a dependência econômica do paraguaio em relação ao brasileiro.

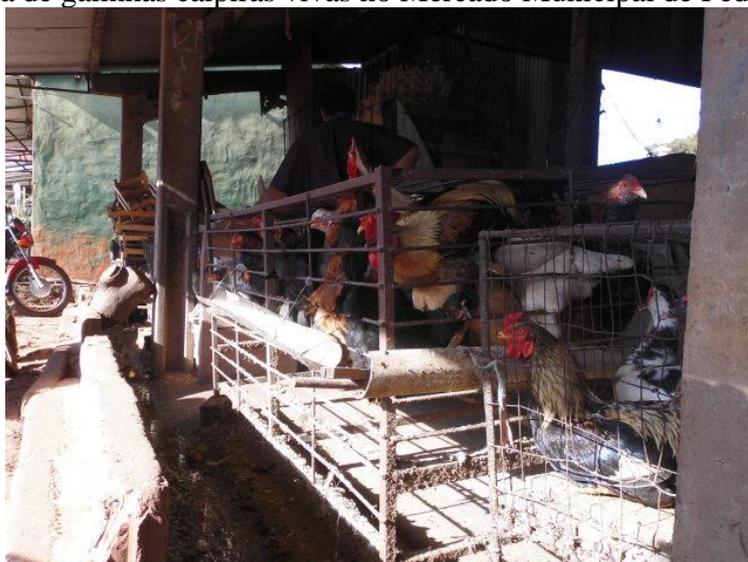
A informalidade do lado paraguaio aparece como um dos elementos de identificação mencionados por vários entrevistados; nota-se como essa forma de viver é um diferencial marcante na fronteira. Vê-se aos pedrojuaninos como quem vive à toa, aproveitador da vida, uma vida que não está pautada em datas fixas para receber o salário e usufruir de seus benefícios de forma programada como a dos “rapai”<sup>23</sup>

As maneiras informais de se viver que destaco aqui, refere-se aos trabalhos como autônomos, comerciantes, comerciários que não possuem segurança social, proliferam os vendedores ambulantes, portanto dessa forma podem viver em função do dinheiro arrecadado como autônomo. Há de se levar em contas as variantes; Pedro Juan Caballero encontra-se num processo de desenvolvimento e formalização, várias indústrias se instalaram na cidade incorporando de certa forma uma rotina mais ordenada de trabalho. No entanto, prevalece a informalidade dentro das próprias empresas ditas “formais”. (Figura 08, 09, 10, 11 e 12).

---

<sup>23</sup> Termo utilizado para referir-se aos pontaporanenses e/ou brasileiros.

Figura 08: Venda de galinhas caipiras vivas no Mercado Municipal de Pedro Juan Caballero



Fonte. Trabalho de Campo, 02/03/2017.

O Mercado Municipal de Abastos reúne desde frutas, verduras e legumes oriundos diretamente de produtores rurais locais, processo de produção para venda no comércio e serviços. Na figura 08 venda de animais vivos como galinhas, galos e patos fazem parte do cotidiano e cultura da cidade, é um referencial identitário de caráter tradicional.

Figura 09: Grãos in natura e alimentos típicos do lugar



Fonte: Trabalho de Campo, 02/03/2017.

O Aramirõ (Fécula de Mandioca ou Tapioca) é produzida no mercado por muitas mulheres serve de base para a chipa, o Abatí (Milho) é utilizado para fazer a sopa paraguaia e o Mbocayá é o coco da região que moído serve para tomar com leite no inverno substituindo a erva no mateiro, o mate-doce. Faço referência a estes produtos pois são alimentos produzidos na localidade e é um dos meios que muitas famílias utilizam como fonte de renda.

Figura 10: Pohã Ñana



Fonte: Trabalho de Campo, 02/03/2017.

O Pohã Ñana se refere às plantas medicinais que estão presentes na cultura do pedrojuanino como medicina tradicional. Está presente nos mates, no tereré e nas infusões em busca de soluções a problemas de saúde como alternativa face a medicina científica.

Figura 11: Produtores rurais vendendo no centro da cidade.



Fonte: Trabalho de Campo, 02/03/2017.

Estes tipos de feiras ocorrem todas as terças e sábados no centro da cidade de Pedro Juan Caballero, a maioria dos alimentos vendidos são orgânicos e os preços são mais acessíveis que nos mercados maiores, que geralmente vendem produtos que recebem do lado brasileiro. Atualmente há outra feira destas instaladas no sudoeste da cidade, que busca promover os pequenos produtores rurais.

Figura 12: Vendedor ambulante de doces em Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo, 01/03/2017

A figura 11 descreve algo muito comum e preocupante na fronteira, a presença do trabalho infantil como fonte de renda para muitas famílias desta cidade. Estes estão presentes em borracharias, vendedores de bingo, doces e oficinas de moto e carros.

Aqui faltaria espaço devido aos limites deste trabalho para exemplificar todos os trabalhos informais e essa forma de vida que se distingue da ponta-poranense, na zona sul de Pedro Juan Caballero, por exemplo, observa-se uma dinâmica não muito parecida ao centro da cidade, prevalecem características similares ao da capital, lojas das mais variadas desde alimentícias, têxtil, aparelhos eletrônicos, barbearias, mercados, restaurantes que abastecem o consumidor de Pedro Juan, não ao turista que permanece na área central, entende como um deslocamento do centro comercial preparado ao consumidor local.

Em outras palavras, viver em Pedro Juan Caballero, para a grande maioria, é viver desde o ponto de vista momentâneo, o trabalho é visto como algo necessário, mas sem deixar de lado os momentos do tereré, dos eventos sociais, os domingos, os aniversários e dias festivos. Este modo de vida mencionado anteriormente não representa todo pedrojuanino, pois o ser “pedrojuanino” se construirá dependendo de que lado se nasceu, da exclusão ou classe mais abastada.

Contudo, a relação que se tem com o tempo e o trabalho não é uma relação muito amistosa deste lado da fronteira. O trabalho desta forma que se conhece introduzido em nossa sociedade, não condiz com o modo de vida que se herdou dos antepassados. Embora em outros tempos o não entendimento desta relação transformou em estigma e tristemente

confundido e representado como preguiçosos que paira até a atualidade em relação aos pedrojuaninos.

Reconhecendo o avanço do sistema capitalista através da globalização, houve elementos culturais mantidos, no caso pedrojuanino, por exemplo, os costumes religiosos, a música tradicional paraguaia e o idioma guarani resistem para não desaparecer em meio a essa realidade homogeneizadora globalizada.

Essas influências são trazidas do Brasil, países hispano-americanos e imigrantes que se fixaram na fronteira com suas culturas e que também se trouxe em outro momento em que se foi imigrante em outro lugar. Afinal, em Pedro Juan há muitos retornados da Argentina e da Espanha que carregam consigo características absorvidas desses lugares e servem de distribuidores dessas culturas.

Assim, existe o pedrojuanino que usufrui dos luxos da pós-modernidade, como discotecas com música eletrônica, carros luxuosos, festivais na lagoa junto com os estudantes de medicina estes brasileiros, existe o que esta inserido nos trabalhos formais, que somente compram no Shopping China, que não fala guarani, que também estuda medicina<sup>24</sup>, que frequentam os melhores restaurantes da cidade, que vai ao cassino, que viaja para Comburio em Santa Catarina no Brasil no final do ano, que também é brasileiro, que deve declarar imposto de renda no Brasil, etc.

#### **1.4 A identidade nacional brasileira**

Já no caso do Brasil, seguindo a ideia de invenção/criação das nações (HOBBSAWM, 1984), A população estava composta majoritariamente por indígenas, negros e mestiços. No caso dos mestiços, SILVA (2002) argumenta que a mestiçagem no Brasil não foi de caráter natural. Fundamentado em Foucault, afirma que a mestiçagem foi fruto de dispositivos de poder tendo como objetivos tornar dóceis e integrar as etnias anteriores (indígenas e

---

<sup>24</sup> Atualmente não há um consenso enquanto ao número exato de estudantes de medicina nem fonte segura, há alguns que dizem ser 5.000 outros 6.000 o site da Terra fez uma publicação com 8.000 acadêmicos (TERRA, 2016) e 10. 000 segundo o site Campo Grande News em 2016.

Mas o fora os números, é entendível que o ingresso econômico que os curso de medicina deixa na cidade é de suma importância para a economia da cidade. Desde o ramo imobiliário, comércio, mercados e bares noturnos. Em contrapartida os conflitos são diários, podemos citar alguns: estacionamentos, festas de calouros no centro comercial inviabilizam o transito e causa mal estar entre os comerciantes, casos de microtraficantes infiltrados como alunos, dentre outros problemas menores). Os problemas econômicos de alguns alunos é evidente que buscam conciliar trabalho e estudo, casos de suicídio foi registrado recentemente de um acadêmico brasileiro em Pedro Juan Caballero por motivos desconhecidos.

africanas), podendo insinuar uma ideia de criação de nação antes mesmo da independência do Brasil, em 1822.

Para isso haveria a necessidade de criação de ideia de unidade juntamente com a consciência da diferença em relação ao outro, que seria neste caso Portugal, mas as condições em que o Brasil estava não reunia essas características básicas, havendo a necessidade de um projeto de engajamento na criação da nacionalidade brasileira. É por isso que para analisar a construção da identidade brasileira era preciso diferenciar-se dos portugueses sem perder a herança lusitana (FIORIN, 2009).

Era necessário então, que D. Pedro se nacionalizasse brasileiro para iniciar esse processo, o “Dia do fico” pode representar essa diferenciação com Portugal. A literatura de Alencar na obra *Guarani* (enaltecendo a paisagem única do Brasil e sua cultura singular) terá um papel importância na continuidade da formação de uma ideia de nação mesmo que como mito através do casal Peri Cecília em sua obra. A obra também relata um novo idioma falado no Brasil, pois este português não é o mesmo de Portugal, esta possui a singularidade da América, as pessoas vão se apropriando dessa construção paulatinamente, sendo assim, a literatura deveria desprender-se dos padrões linguísticos lusitanos para tal afirmação. (DAMATA, 1986).

A mestiçagem passa a ser o foco nesse processo como elemento estruturante da formação identitária nacional e ganha adeptos em todo Brasil. O jeito de ser brasileiro estaria em todas as esferas: na literatura; no cinema com Dona Flor e seus dois maridos, na música, na política através da ideia de conciliação dos partidos contrários e inclusive no futebol acreditando o sucesso deste pelo fato da “ginga” da malandragem e do jeito de jogar único do Brasil, difundidos pelos meios de comunicação em massa e artistas populares (DAMATA, 1986). Populariza-se então a ideia dos mitos como o brasileiro acolhedor, miscigenado, generoso, simpático. No entanto no interior da cultura brasileira a realidade estava longe de ter essa visão, a exclusão em relação aos negros e indígenas ocupará uma posição de discriminação exacerbada, ocupando um papel terciário e/ou inexistente, logo adiante isso se nota com políticas de branqueamento da população por meio de imigrantes (DAMATA, 1986).

Dentre os elementos que caracterizam os brasileiros, incluindo o seu jeito de ser e sua malandragem, as comidas como arroz e feijão, o carnaval, o samba, bossa-nova, futebol, a

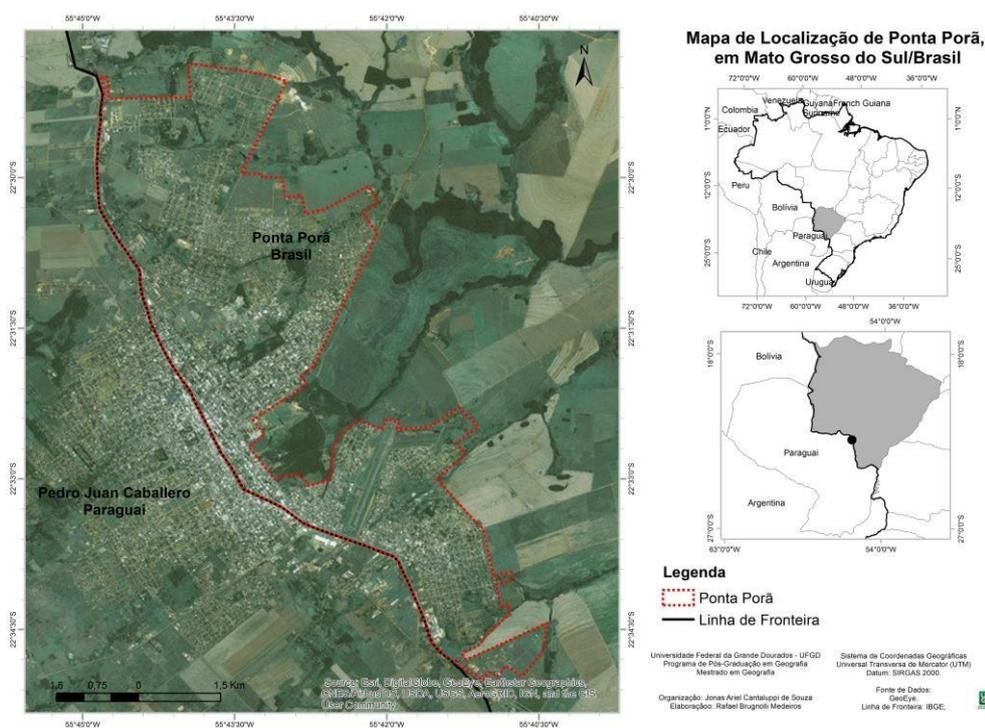
Amazônia, a “mulata”, capoeira, o “Cristo Redentor”, bandeira nacional, hino nacional, entre outros.

Cabe ressaltar que nem todos os brasileiros se identificam com essa identidade oriunda de um centro europeu, principalmente na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, pois há forte influência do Paraguai na formação da identidade ponta-poranense. Em Ponta Porã, ser “esse brasileiro” em muitos casos é promovida pelo próprio comércio como marketing para atrair clientes. Também as escolas de Ponta Porã geralmente são os promotores desse tipo de identificação do brasileiro, assim como nas novelas e a própria televisão.

### 1.5 Os “rapai” de Ponta Porã

Em conformidade com o IBGE, o município de Ponta Porã (Figura 13), possui a população estimada no ano de 2017 em 89.582 habitantes, localiza-se ao sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul do Brasil, delimita seu território com caráter de fronteira internacional com o município de Pedro Juan Caballero, com o Paraguai. Limita-se, ao Norte, com Antônio João, Bela Vista, Jardim e Guia Lopes da Laguna; ao Sul, com Aral Moreira e Laguna Carapã; a Leste, com Dourados e Maracajú (IBGE, 2018).

Figura 13: Perímetro Urbano de Ponta Porã.



A população compõe-se de diversas etnias como: Branca, Negra, Amarela e as miscigenações oriundas dos imigrantes e nativos Guaranis e Kaiowá, proporcionando uma cultura variada e singular, mencionando também a população dessa área de fronteira incluído o Paraguai.

A economia do município está voltada para o agronegócio, indústria e o turismo no Paraguai, representando um crescimento no número de hotéis e restaurantes do lado brasileiro. A pecuária representa um valor significativo, tanto na venda direta como na produção e industrialização de seus derivados. O agronegócio se faz presente também na cidade através da produção de trigo, soja, erva-mate e pecuária.

O termo rapai apresentado acima, é a maneira com que os pedrojuaninos se referem comumente aos brasileiros. Para o entendimento da composição identitária dos “rapai” é necessário entender que este é formado por imigrantes “gaúchos”, colonizadores exploradores de erva mate e militares com o fim de demarcar o território e estabelecer um povoado. O imigrante árabe também se fará presente na composição da população tradicional das duas cidades.

Por se tratar de uma cidade de fronteira seca, no imaginário relativo à integração, a maioria das pessoas que visitam a cidade é de que aqui há uma cidade, integrada, “que não se percebe que são duas cidades”. Embora as relações de vizinhança existem desde a formação das duas cidades as disparidades entre são visíveis pelo fato de Ponta Porã ser município da unidade de federação e Pedro Juan Caballero ser a capital departamental de Amambay. Apesar das assimetrias há uma situação o de afirmação e encontro de identidades neste espaço.

Retomo aqui a discussão relacionada ao fronteiriço. Vivenciar a fronteira exige um esforço muito grande de seus habitantes, devido às múltiplas identidades que viver na fronteira exige, máscaras que se utilizam em todos os aspectos da vida, seja política, familiar e trabalhista. Possuir dois ou mais referenciais territoriais e viverem múltiplos espaços como em Estados diferentes pode criar crises de identidade e outros pertencimentos. São realidades que a fronteira oferece. Também oportunidades para negociar a identidade, ora compensa ser brasileiro ora paraguaio, o comportamento e atitudes do pedrojuanino em relação aos “rapai” pode ser diferente em outro momento quando lida com outro pedrojuanino, nota-se dessa forma o caráter relacional da identidade.

Há de se destacar que a identidade e a diferença são indissociáveis e conflituosas na fronteira, pois estão sujeitos a vetores de força, ou seja, a relações de poder, sendo imposta uma sobre outra. Para Silva,

Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais (SILVA, 2000, p. 55).

Assim, afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, entre o “eu” e o “outro”, significa excluir, quem está dentro e quem está fora. Portanto separar “nós” “deles” implica classificar, e o processo de classificação é central na vida social (SILVA, 2000).

Nesse contexto, diferentemente do caso paraguaio a identidade brasileira estará numa posição de sobreposição em afirmação acima da paraguaia, tendo sua gênese na Guerra Guazú (1864 - 1870). Conseqüentemente, os estigmas relacionados ao ser paraguaio produzira uma fronteira demarcada.

O caso de Kupi mencionado acima é um dos exemplos dessa realidade assim como o de Marcelo:

Ellos se creen mucho, solo porque somos paraguayos creen que vamos hacer lo que ellos quieren, vienen aqui, quiere que hablemos el português, y ellos siquiera se esfuerzan para hablar nuestro idioma, encima se burlan de nosotros. (Marcelo, 21 anos, paraguaio, Pedro Juan Caballero, 12/10/2016).<sup>25</sup>

Um dos conflitos mais marcantes que se pode notar na fronteira é a imposição da língua portuguesa sobre o guarani ou espanhol. Observa-se que não há o esforço do brasileiro

---

<sup>25</sup> Tradução: “ Eles se acham muito só porque somos paraguaios acham que vamos fazer tudo que eles querem, vem aqui, querem que falemos o português e eles sequer se esforçam para falar nosso idioma, acima de tudo fazem gracinha da gente”.

em falar o idioma onde visita, talvez pela posição de comprador que este possui na relação de compra e venda. Os nomes brasileiros também se encontram presentes na fala “portunhol”<sup>26</sup>.

Também em Ponta Porã diferentemente do lado paraguaio há um consenso no tocante à credibilidade nas instituições estatais como segurança pública:

Los rapai son mas tranquilo la gente. Acá en Paraguay la gente mas movilizada. Mas peligroso de accidente., mas asaltantes. Acá en Pedro Juan ya que en Ponta Pora es mas tranquilo la gente respeta mas uno al outro. La mayoría se queja de eso, pero dicen que la parte de salud educación es mas avanzado en Ponta Porã ya que en Pedro Juan salud desastre. (Arnaldo, 28 anos, paraguaio, Pedro Juan Caballero, 25/05/2017).

Do mesmo modo ocorre com as representações sobre o/a ponta-poranense, relacionado ao modo de vida que se tem, ao contrário dos pedrojuaninos prevalecem nos primeiros as características do interior de Mato Grosso do Sul, a vida de campo, pouco badalado como do outro lado. Nota-se nos estilos musicais escutados nas rádios o predomínio do sertanejo, pop- rock brasileiro e funk:

Los de Ponta Porã se arreglan más, son mas chick parece, no se mesclan luego, no quiere luego ni venir hacia acá. Usan su botas, pero los Estudiantes son diferentes! Son mas modernos parece que los de Punta Porã. Silvia, 22 anos, estudante, Pero Juan Caballero 20/02/2017).<sup>27</sup>

Vê-se aos ponta-poranenses como pessoas divertidas, hospitaleiras e amantes do bem viver e garantir um futuro certo, ideologias oriundas da formalidade da lógica do trabalho. Também se percebe desconfiança deste lado em relação ao “outro” o paraguaio. Para Rafael que é ponta-poranense:

Aqui na região temos algumas semelhanças culturais, como culinária, músicas e etc. No meu ponto de vista o ponta-poranense se preocupa mais com sua aparência, e o futuro, os pedrojuanino são mais conformado com sua situação são poucos o que tem perspectivas de vida. O país é pobre também não ajuda muito. (Rafael, 24 anos, brasileiro, Ponta Porã 25/05/2017).

<sup>26</sup> Denominado por linguistas como neo-língua que incorpora palavras em espanhol e português na mesma frase.

<sup>27</sup> Tradução: “Os de Ponta Porã se arrumam mais, são amis chick parece, não se misturam mesmo, nem querer vir pra cá. Usam suas botas! Mas os estudantes são diferentes. São amis modernos parece, do que os de Ponta Porã”.

A condição da superioridade econômica do Brasil em relação ao Paraguai é notória em várias áreas do cotidiano como saúde, educação, segurança, segurança social, pontos que tratarei especificamente adiante.

Percebe-se, por exemplo, que em Ponta Porã o comércio está localizado e centralizado na área central da cidade, não se observa, como em Pedro Juan Caballero, pois a última possui um polo comercial na região sul, central e oeste da cidade, nota-se uma dispersão do centro comercial nos bairros de Pedro Juan Caballero.

Já Ponta Porã majoritariamente apresenta os bairros calmos, nota-se certa ordem deste lado, controlado, há poucas praças e poucos espaços públicos, bairros mais residenciais com poucas áreas comerciais nos bairros.

As entrevistas foram sistemáticas, pois alguns entrevistados ponta-poranenses apresentam identificações com elementos do lado paraguaio como partes do ser ponta-poranense:

Primeiro: o ponta-poranense é a mistura do paraguaio com o brasileiro, quem diz que é brasileiro só se for de fora e não nasceu aqui meus pais, por exemplo, não são daqui. Eu por exemplo já sou ponta-poranense porque eu tenho alma (sentimento de paixão) algo de paraguaio. Quem é o ponta-poranense aqui é o paraguaio. Eu nasci no São Lucas, fui registrado no Brasil, me disseram esses dias requerer minha nacionalidade paraguaia. - Porque gosto da cultura paraguaia existe algo que me atrai muito lá. Aqui em Ponta porã não existe uma cultura nossa só brasileira, em Ponta Porã todo mundo faz chipa, sopa, toma tereré, isso é coisa paraguaia!  
O que que é daqui? Isso era do Paraguai Jonas, você sabe, na verdade nós seríamos paraguaios (Elton, 35 anos, brasileiro, Ponta Porã, 26/05/2017).

Mas, para Diana:

Eu sou ponta-poranense, brasileira, não tenho nada do outro lado, até queria falar espanhol, nem quero ir pro Paraguai, é perigoso, eles são diferentes, às vezes vou até shopping mas não desço pro fundão. Vai que os policiais embaçam com meu carro (Diana, 28 anos, brasileira, Ponta Porã 20/03/2017).

Ao investigar os elementos constitutivos da identidade ponta-poranense percebe-se que há uma forte influência da identidade nacional e regional do lado brasileiro, e elementos da identidade pedrojuanina.

Mantêm-se o idioma português com forte acento e o pensamento direcionado à nação brasileira. Não obstante, se encontrará uma grande variável no resultado da pesquisa no que

diz respeito à identidade, pelo fato de se utilizar uma proporção e número considerável de entrevistados para o estudo, juntamente pelo fato da identificação e representação perpassar pela concepção da identidade subjetiva das pessoas.

A influência dos sulistas nota-se presente no cotidiano dos ponta-poranenses, através da gastronomia como o churrasco, chimarrão, bailes, no jeito de falar e a presença do CTG, Centro de Tradições Gaúchas Querência da Saudade, com eventos frequentes reunindo descendentes de gaúchos e simpatizantes.

Existe uma polarização cultural coexistente na fronteira. O distanciamento que alguns ponta-poranenses apontam é visível no modo de vida que estes levam, muitos por não possuir relações de parentesco do lado paraguaio mantém suas relações deste lado da fronteira, e ocasionalmente ultrapassam o outro lado para compras e/ou entretenimento com amigos.

No entanto, para muitos o conflito está na ordem do dia, agudo:

Eu penso que a diferença existe mais nos paraguaios em relação a nós, eles aceitam menos a gente do que nós a eles, você pode ver e mais difícil você ver um brasileiro trabalhando lá do que um paraguaio aqui. Acho que tem uma rivalidade interior com a gente a diferença é mais eles se entrosarem com a gente. Acho que por causa da guerra vai ficando, eu não tenho nada contra sou casado com paraguaio, se percebe na copa do mundo, quando Brasil perdeu foi naquela manhã posterior e eles não foram eliminados estavam se achando demais e trataram a gente com desprezo, tipo bem feito! Quase não comprei, o DVD porque eles estavam se achando demais (Heloísa e Fabiana, 45 e 33, brasileiras, Ponta Porã, 26/05/2017).

Os conflitos aparentemente estão camuflados, mas a tensão existente entre os povos é notória no cotidiano, também são tênues, porém existem. Percebe-se também na fala acima que o paraguaio mostra resistência à prepotência do brasileiro mencionado por outros entrevistados anteriormente.

Em um diálogo informal na mesa na sala dos professores, Vanusa diz:

Respeito as pessoas paraguaias, têm brasileiro que não respeita porque tem paraguaio que não respeita a gente, as vezes você vai numa loja e eles acha que você não entende que eles estão falando mal da gente, daí vê que agente entende e mudam a postura. Não tá misturado não. Essa é minha cidade essa é a sua cidade. Parece tudo bonitinho, mas... (Vanusa, 25, brasileira, Ponta Porã, 15/03/2017)

Então, a suposta integração que se vê de fato não ocorre nas relações entre todos os sujeitos, Vanusa deixa explícito ao dizer que não está “nada mistura não”, que apesar de

parecer “bonitinho”, nem tudo está tão “bonito” assim nas relações. As tensões são diárias, assim como as soluções vão aparecendo nessa convivência necessária.

Nas entrevistas o que caracteriza o lado brasileiro é a formalidade, força, poder e confiança que se tem nas instituições como Exército, Polícia Federal, Polícia Militar, dentre outras instituições que de certa forma regulam a vida em Ponta Porã (Figura 14).

Figura 14: Policial Militar realizando blitz em Ponta Porã.



Fonte: Ponta Porã Informa.com Acesso em 20/03/2017

Os “rapai”, como o apelido diz, mantém essas marcas identitárias dos “gaúchos” e restantes do Mato Grosso do Sul apesar de grande parte da população carregar essas marcas oriundas do lado paraguaio em muitos casos nega-se essa identidade, devido aos estigmas criados contra os paraguaios historicamente e por medo de perda de algum direito brasileiro, pelo fato e muitos possuem dupla nacionalidade.

No tocante às atividades econômicas, o comércio é um dos grandes contratantes destes trabalhadores, de forma legal e com carteira assinada esse ramo formaliza muitos trabalhadores na fronteira. Os autônomos encontram uma via de se regularizar através dos programas como Microempreendedor Individual, criado pela Receita Federal<sup>28</sup>, juntamente com os trabalhadores de setor primário, também os servidores públicos injetam grandes volumes de dinheiro no comércio local.

<sup>28</sup> O MEI – Microempreendedor Individual – é aquele que trabalha por conta própria, tem registro de pequeno empresário e exerce umas das mais de 400 modalidades de serviços, comércio ou indústria. A figura do MEI surgiu em 2008, com a Lei nº128, buscando formalizar trabalhadores brasileiros que, até então, desempenhavam diversas atividades sem nenhum amparo legal ou segurança jurídica. Com a legislação em vigor desde 2009, mais de 7 milhões de pessoas já se formalizaram como microempreendedores individuais. Fonte: Site > <http://blog.sebrae-sc.com.br/voce-sabe-o-que-e-um-microempreendedor-individual-mei/>

Existe, no entanto, certezas, dúvidas, confusões que pairam na mente tanto do pedrojuanino quanto nas dos “rapai”, aqui mencionados no tocante à identificação. Pensar identidade na fronteira requer imaginar aproximações e distanciamentos diários. Pois, a fragmentação da identidade inserida no sujeito híbrido, inacabado, resultado do movimento intenso destes entre os dois países (CANCLINI, 2003).

Essa mobilidade ocorre ininterruptamente pelo fato desta fronteira ser aberta, e pelo fato do “outro” lado oferecer o que “nós” não temos e vice versa, explicitando a complementariedade da fronteira. A possibilidade de trocar as máscaras e assumir a outra identidade faz deste espaço um laboratório de experiências sociais dado à condição de fronteira que apresenta. Fronteira de movimento, monotonia, negações. Afirmações, imigrantes, nativos, brasileiros, “rapais”, paraguaios, pedrojuaninos, ponta-poranenses e talvez, enfim, brasiguaios.

O fato de Ponta Porã não possuir a mesma quantidade de praças que Pedro Juan Caballero (cada bairro possui uma praça) faz que os ponta-poranenses utilizem bastante o Parque dos Ervais. Espaço de lazer, com área verde, quadras de vôlei, futebol, basquete, circuito para correr.

Também como fontes de lazer utilizam o horto florestal para passeios e caminhadas. O Centro de Convenções também é um importante espaço de lazer, através de eventos culturais e exposições.

No tocante ao lazer noturno nos fins de semana, o fato de Ponta Porã não contar com nenhuma discoteca, a Avenida Brasil segue sendo um importante local de encontro da juventude ponta-poranense nos fins de semana. Há aproximadamente somente 5 bares-pubs do lado brasileiro, assim muitas ponta-poranenses cruzam a linha de fronteira para buscar outras alternativas de diversão e lazer.

## **2. INTEGRAÇÃO COMO PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO NA FRONTEIRA**

Este capítulo traz alguns caminhos percorridos nas tentativas de integração regional pelos países que hoje compõem o MERCOSUL<sup>29</sup>. Será analisado o conceito de integração regional e cooperação e como estas colaboram e incrementam a possibilidade de os sujeitos transitarem neste espaço em disputa, de encontro, marcado pela contradição, oposição e e ambiguidade de forças. Assim “caracteriza-se pelo trânsito e pela vivência de variadas identidades territoriais em um movimento de intercâmbio cultural pelos dois territórios, conseqüentemente, a partir de novas territorialidades/identidades (MONDARDO, 2012, p. 122).

A forma de integração que será abordada neste capítulo será a social-institucional, que emerge a partir das necessidades locais (de baixo para cima), que aos olhos dos Estados-nacionais, são invisíveis e/ou irrelevantes em suas agendas, devido à visão histórica que se construiu e se mantém sobre a fronteira.

Essa visão histórica ao qual nos referimos diz respeito à visão de fronteira a partir da lógica da segurança nacional. Assim, as políticas públicas voltadas para esta região são reproduções de políticas criadas e voltadas para o “centro”, sendo assim, não contemplam as necessidades locais dos cidadãos de fronteira, das “bordas”.

A importância de associar a integração regional com a construção de uma identidade transfronteiriça se deve ao fato de que estas integrações e cooperações entre as instituições públicas aqui citadas de ambas as cidades, são resultados de processos de encontros com identidades diferentes, com situações e problemáticas distintas, que exigem estratégias inéditas.

Essas parcerias são frutos das territorialidades que extrapolam os limites fixados pelos Estados nacionais, neste caso o Paraguai e o Brasil, produzindo uma identidade híbrida podendo se entender que um grande contingente de fronteiriços possua dois referencias territoriais na configuração de sua identidade territorial, resultante do trânsito diário de uma cidade à outra, como analisaremos no terceiro capítulo.

---

<sup>29</sup> Processo de integração regional no MERCOSUL, que se iniciou em 26 de março de 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção pelos governos de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Entenda-se por acordos informais, parcerias realizadas entre instituições de Ponta Porã e Pedro Juan de forma oral e através de reuniões em congressos, sem documentos oficiais que comprovem tal parceria. Estas parcerias se efetivam como medidas locais às problemáticas de fronteira, pois encontra-se muita dificuldade para integrar as ações devido à burocracia e falta de legislação específica para estes casos. Também serão citados alguns exemplos de integrações no campo cultural, religioso e manifestações nas redes sociais.

## **2.1 A importância do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira – PEIF, na construção de uma identidade transfronteiriça**

Para entender este programa irei apresentar um breve histórico sobre sua gênese e antecedentes que propiciaram a materialização desta ideia, oriunda de necessidades locais das escolas de fronteira entre a República Argentina e República Federativa do Brasil. Além de contemplar o objetivo principal que veremos adiante que é o ensino intercultural e o fortalecimento da identidade regional, nota-se que o PEIF também pode ser entendido como política linguística “que permitiu e permite evoluções no ensino de língua espanhola no Brasil devido ao fato de o projeto ter saído do papel e ter sido implementada em diversas cidades fronteiriças do país” (HAYGERT e STURZA, 2015).

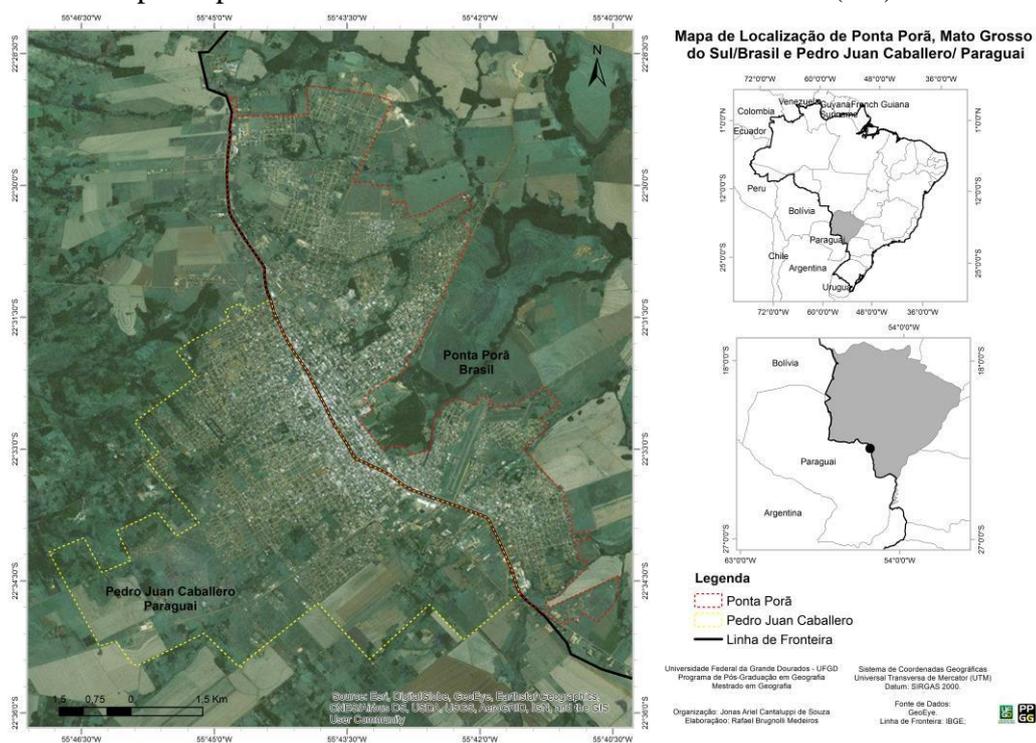
Em março de 1991, é assinado o Tratado de Assunção, entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, que estabelecem no Art. 17 que os idiomas oficiais são o espanhol e o português. Como promotor desse processo o SEM (Setor Educacional do MERCOSUL), vê como objetivo a difusão do português e do espanhol dentro das instituições educacionais. Em 2003 é firmado a Declaração Conjunta de Brasília para:

(...) o Fortalecimento da Integração Regional entre Brasil e Argentina, em que a educação foi afirmada como espaço cultural para o fortalecimento de uma consciência favorável à integração regional, tendo início o Programa Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira do MERCOSUL como Programa de Cooperação (BRASIL, 2012).

O PEBF, Programa Escolas Bilíngues de Fronteira, surge com o objetivo de estreitar os laços de interculturalidade entre as cidades que fazem fronteira com o Brasil e materializar de certa forma os sonhos de integração regional proposto pelo MERCOSUL, seja em fronteiras secas ou cidades separadas por algum limite natural (Figura 15). Com experiências entre escolas argentinas e brasileiras, principalmente em 2005 e 2006, há avanços

significativos nas escolas fronteiriças. Decide-se como lugar para a experiência as cidades-gêmeas internacionais.

Figura 15: Mapa do perímetro urbano entre de Pedro Juan Caballero(PY) e Ponta Porã (BR).



Já o PEIF, Programa Escolas Interculturais de Fronteira, é implementado com a Portaria n° 798 de 2012, composta por Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica e da Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro da Educação, Representantes dos Ministérios da Educação dos Estados parte e associados do MERCOSUL que possuem áreas fronteiriças com o Brasil, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação envolvidas das regiões de fronteira, Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais e Municipais de Educação das áreas de fronteira, Instituições de Ensino Superior participantes da Rede Nacional de Formação Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública e Escolas gêmeas.

Segundo a portaria, o PEIF foi criado para:

contribuir para a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio da articulação de ações que visem à integração regional por meio da educação intercultural das escolas públicas de fronteira, alterando o

ambiente escolar e ampliando a oferta de saberes, métodos, processos e conteúdos educativos (MEC, Portaria n. 798/2012, p. 2).

Desde seu início as escolas foram contempladas como espaços de sensibilização para o fortalecimento da consciência de integração dentro do programa de cooperação do MERCOSUL. Entende-se se que a fronteira é o espaço desses encontros com o “outro”, e é aqui que as afirmações identitárias se estabelecem, assim como essas identidades são construídas a partir da integração dos modos de vida que ultrapassam os limites territoriais.

A cidade de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possuem as condições necessárias para a aplicação do Programa, pela sua condição de cidades conurbadas. A realidade que se observa em partes atende aos propósitos do Programa. As duas cidades cresceram tendo seus limites territoriais como se fosse um centro entre as duas cidades, observamos então que a partir daí (desse centro) Pedro Juan Caballero se expandiu no sentido Leste-Oeste e Ponta Porã no sentido sul-norte.

A distribuição de muitas escolas nas áreas limítrofes entre Ponta Porã e Pedro Juan favoreceu a recepção de um grande contingente de estudantes brasileiros<sup>30</sup> residentes do lado paraguaio, daí a relevância de entender. A configuração espacial das duas cidades e seu papel para esse fenômeno.

As escolas localizadas nessa área limítrofe e que recebem grande número de estudantes residentes do lado paraguaio, respectivamente em sentido norte-sul: Escola Municipal João Carlos Pinheiro Marques, Escola Estadual Mendes Gonçalves, Escol Estadual Joaquim Murтинho, Escola Estadual João Brembatti Calvoso, Escola Municipal Ramiro Noronha e Escola Municipal Maria Ligia Borges Garcia. No distrito de Sanga Puitã- Brasil fronteira com o Município de Sanja Pytã no Paraguai a Escola Estadual Pedro Afonso Pereira Goldini e a Escola Municipal Dora Landolfi também apresentam essa realidade.

Cabe ressaltar e esclarecer neste momento que informalmente referem-se a esses estudantes como paraguaios pelo fato destes residirem no Paraguai, e apresentarem a cultura paraguaia em seu cotidiano de forma mais explícita. Não obstante há de se relativizar esses casos, pois há estudantes que assumem e vivenciam uma realidade mais

---

<sup>30</sup> Digo estudantes brasileiros, pois me refiro a sujeitos que possuem o Registro Geral Brasileiro, não levando em consideração sua formação étnica.

“brasileira” mesmo que somente residam no Paraguai, da mesma forma em que há “paraguaios” com RG<sup>31</sup> brasileiro que usufruem da Educação brasileira e mantêm suas relações sociais do lado paraguaio.

Então podemos ter aqui várias categorias de estudantes, cada um com sua carga identitária:

1. Paraguaio registrado somente no Brasil;
2. Paraguaio com dupla nacionalidade;
3. Brasiguaios (filhos de paraguaia e brasileiro ou brasileira e paraguaio).

A escola que mencionarei neste trabalho é a Escola Estadual João Brembatti Calvoso, que aceitou colocar em prática o PEIF no ano de 2012. Atualmente os professores desenvolvem a metodologia, mas não recebem recursos do programa. Esta Escola é bastante peculiar, pois está localizada aproximadamente a 100 metros da linha internacional e possui cerca de 80 por cento de seus alunos residentes do lado paraguaio, (Figura 16), segundo a diretora Eliana Fernandes em uma entrevista realizada no primeiro semestre de 2017.

Figura 16: A Travessia (a)e (b)



(a)

(b)

- (a) Parte inferior: Os pais dos alunos esperando-os do lado paraguaio<sup>32</sup> para levá-los.  
 (b) Momento em que os alunos cruzam do lado brasileiro (parte superior) para o lado paraguaio, recepcionados pelos responsáveis.

<sup>31</sup> Registro Geral.

<sup>32</sup> Geralmente a maioria dos estudantes são levadas de motocicleta, e devido à aplicação rígida da lei do lado brasileiro e a resistência de muitos a adequar-se esperar do lado paraguaio, neste caso havia pessoas sem capacete e sem placas na motocicleta.

Esta travessia é realizada em busca da “qualidade”<sup>33</sup> da educação brasileira, vista como referência e “melhor” que a paraguaia. Os elementos mencionados nas entrevistas que as diferenciam das escolas paraguayas são lanche, uniforme e material escolar gratuitos.

Logo a escola parceira do lado paraguaio chama-se Colégio Defensores del Chaco, localizado aproximadamente a 400 metros da linha internacional e mais ao Norte da cidade de Pedro Juan.

Para iniciar o Programa as escolas começaram a buscar simetrias no planejamento dos professores e posterior reformulação do Projeto Político Pedagógico PPP, para contemplar toda essa mudança. Uma vez feito o planejamento em conjunto, realizava-se o “Cruce”, que seria a travessia de professores que ensinavam na língua e não a língua aos alunos.

Relacionar os processos de integração com a questão das identidades na fronteira torna-se imprescindível, pois é a partir das relações sociais entre brasileiros e paraguayos que as problemáticas irão aparecer das categorias citadas, e em resposta a essas problemáticas que a diretora informou que aceitou trabalhar o PEIF.

Um dos problemas identificados nos estudantes que residiam no Paraguai e iniciavam os estudos no Brasil, era como alfabetizar em outra língua e receber alunos que possuem a língua materna em guarani.

Acerca disso, a diretora da Escola Estadual João Brembatti Calvoso, Eliana Fernandes (2017), diz que:

Talvez, os professores não percebessem isso, o quanto que agente fazia isso com eles porque a partir do momento que eles atravessaram a fronteira, que aqui pra nós é uma rua né, a gente entendia que eles tinham que se portar como brasileiros, ele tinha que cantar nosso hino, tinha que falar com nosso sotaque, né, ele tinha que aprender a ler na nossa língua, quer dizer, a gente simplesmente excluía tudo o que ele trazia com ele. Quando nós paramos pra olhar, eu digo assim: -Isso foi um olhar! Quando o Professor parou pra olhar como educador e não como professor aqui da localidade<sup>34</sup> ele percebeu o quanto estava errando.(FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2017).

Indiscutivelmente, nessas condições o encontro entre as identidades ficava evidente para o aluno, de um lado a identidade já em construção (com elementos trazidos consigo) e

---

<sup>33</sup> Faço o uso das aspas pois não é o papel do trabalho entrar no mérito de qualificar os sistemas educativos dos dois países, principalmente por ser educador e estar ciente da situação de nossas escolas aqui no Brasil e ter observado as do Paraguai.

<sup>34</sup> Refere-se à localidade sendo Ponta Porã do lado brasileiro.

de outra a nova identidade a descobrirem apoderar. Este caso me recorda minha infância quando a minha avó materna (brasileira) me levava para a Escola Ramiro Noronha, esta dizia: “Não fala mais guarani heim! Só português”. Seria como se abandonássemos nossa identidade para assumir outra, a “mais importante”.

É relevante discutir a questão da soberania nos processos de integração, viver na fronteira faz presenciar constantes casos, que de um ponto de vista mais clássico, vê se qualquer ação que ultrapasse os limites territoriais como um desafio à soberania do “outro”, também essa visão está atrelada ao conceito de território como intocável. Para Fernandes (2017):

Não que a gente minimize a nossa língua, menospreze as nossas culturas, ou que a gente valorize mais a deles do que a nossa, não! Eu até coloco num texto que escrevi. Não é você ser mais ou menos que o outro, é você reconhecer o outro como diferente. É você reconhecer que esse outro diferente está aí na sala de aula. E não é porque ele é diferente que ele não tem a sua própria cultura, que não tem sua própria identidade. Não quer dizer que ele não sabe, às vezes ele sabe o que é aquele objeto, aquela situação, mas não sabe se expressar na língua que você quer que ele se expresse. (FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2017).

Assim entende-se as escolas de fronteira como espaços de múltiplas identidades nacionais, no caso da aplicação do PEIF nas séries iniciais propicia aos alunos um importante centro de descoberta que lhes dará a base para construir uma identidade transfronteiriça a partir da mescla dos elementos encontrados dos dois territórios pela qual transita. Quanto à incorporação do guarani, Fernandes, (2017) explica o processo:

As coisas foram se ampliando, vimos a necessidade de resgatar o guarani, eles falam muito bem, mas não tem a escrita, e o guarani faz parte da nossa cultura. Nós acabamos aqui pra nós, fizemos um levantamento sociolinguístico três vezes. Para nós o aluno ele tem língua materna o guarani, a língua lá de casa que eles falam com os pais, tios, irmãos. O espanhol seria como o meio termo. Pra ele chegar na língua portuguesa. Vimos a necessidade resgatar o guarani. Aí fizemos o dicionário - O que você sabe falar em guarani?

- O que você sabe escrever em Guarani?

Daí, começamos a construir frases em guarani com os pais e a família ajudou! Não seguimos pelo fato das mudanças que a escola passa. Hoje temos um projeto com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que nós ampliamos e fizemos um dicionário multilíngue colocamos a LIBRAS, e agora com a exigência do Governo Federal que o Inglês se torne obrigatório, imagine só quantas línguas essas crianças aprenderão, olhe a riqueza do contexto em que vivem essas crianças e que muitas vezes era ignorada pelo professor (FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2017).

O fato da escola precisar recorrer à língua materna, neste caso o guarani, mostra uma postura de integração que surge da necessidade de comunicação entre os professores e os alunos. A postura exigida pelo Ministério da Educação é a imposição da Língua Portuguesa, mas com este programa as professoras rompem com essa realidade. A necessidade que os alunos tinham no sentido do reconhecimento de sua cultura e trabalhar acima disso para a criação de uma identidade regional latino-americana conforme previa um dos objetivos do PEIF, encontra-se segundo esta experiência com seus objetivos alcançados.

Atualmente o PEIF, está parado, pois “em 2012 houve a mudança de governo no Paraguai, onde o MERCOSUL não reconheceu a presidência do Paraguai, então tudo isso gerou uma questão institucional onde nos deixamos de receber aquele auxílio que recebíamos tanto dos governos do Brasil como no Paraguai. Quando deixou de fazer parte do MERCOSUL o acordo foi quebrado. E como o PEIF é uma ação do SEM setor Educacional do MERCOSUL, isso parou de acontecer” (FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2007).

Por se tratar de um programa que propunha modificar o PPP das escolas entendia-se que duraria por mais tempo, no tocante à importância do Programa a partir de seus resultados e no que diz respeito as políticas específicas em áreas de fronteira Fernandes (2017) comenta:

O PEIF trouxe essa realidade diante de nossos olhos. Não que elas não estivessem aí, acho que morando nas regiões de fronteira, talvez essas questões que são levantadas pra nós daqui que nasce os aqui não são tão evidentes. Talvez com essa ideia eles evidenciassem de colocar essas questões para nós da fronteira e não se restringe á educação. Muitas vezes o cidadão daqui tem as duas nacionalidades. – Como identificar de onde ele é? Então, o PEIF, ele realmente trouxe para o local essas questões que eram vista somente de fora, daí a gente vê peraê! Tá falando de mim, da minha situação da escola, da minha cidade, da minha comunidade. Fizemos um questionamento com a comunidade para mexer no nosso PPP. Quem tem que falar pro Ministério da Educação onde aperta nosso sapato, somos nós que estamos aqui. Nós temos que gritar pra eles e dizer que alfabetizar uma criança na língua portuguesa, pra nós aqui vai levar mais tempo. Que primeiro essa criança precisa aprender essa língua. Então temos que ter um olhar diferenciado, há a necessidade de uma política diferenciada para as regiões de fronteira. Não queremos ser coadjuvantes e sim protagonistas na criação dessas políticas. Por que nós queremos falar: olha isso aqui não vai dar certo não adianta mandar uma coisa de cima pra baixo por que pra nós não vai funcionar nós somos diferentes de resto do Brasil. O PEIF ele trouxe essa realidade diante de nossos olhos, não que elas não existissem, mas a gente fingia que éramos iguais a todo o mundo. A mesma cartilha que se trabalhava lá em São Paulo a gente trabalhava aqui, a mesma metodologia que erra desenvolvido em Campo Grande a gente desenvolvia aqui,

entendeu? embora a gente percebia que não dava certo a gente reproduzia. E com o PEIF a escola ganhou o uma autonomia muito grande. Hoje embora não realizemos o Cruce continuamos com a metodologia de projeto de pesquisa com levantamento de problemáticas, que é a partir do interesse do aluno e nós não nos prendemos no referencial, se de repente com a problemática precisa ser trabalhado algo do 4º Bimestre nós trabalhamos. Anexamos no planejamento esses dados com nossa metodologia. Nós estamos buscando uma alternativa para contemplar toda essa diversidade. É muito bonito falar de diversidade, de inclusão, difícil é por em prática. Somos muito preconceituosos pra você ver uma oportunidade que foi dada para todas as escolas, vou falar da minha cidade de Ponta Porã, uma apenas se propôs a desenvolver e imagina nas demais, você conta em todas as cidades de fronteira uma ou duas. Você olha a extensão territorial de fronteira do Brasil, é pouco é muito pouco. (FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2017).

Faz-se notório a necessidade de políticas públicas específicas para estas problemáticas oriundas de cidades fronteiriças, não só no âmbito educacional, mas em todas as vertentes que envolvam a vida na fronteira, para assim contemplar as necessidades da população que fazem da travessia diária uma forma de vida que pouco entende de limites territoriais, exceto quando se chocam com as barreiras estatais tanto deste quanto do outro lado. (Figura17).

Figura17: Professora Eliane Fernandes apresentando os resultados do Programa



Fonte: <http://peifunila.blogspot.com.br> Acesso em 20/07/2017

Percebe-se com este programa que houve realmente a necessidade de adotá-la para realmente atender as necessidades dos alunos que residiam no Paraguai e tinham sua identidade formada por processos de transculturação e hibridismo. A diretora Fernandes (2017) conclui com estas palavras:

Você reconhecer o seu aluno e o vendo falar o portunhol e você ser capaz de falar pra ele e diz:

-Olha você não está errada, a sua língua é o espanhol, mas vamos aprender a fazer isso que você esta fazendo no português, vamos aprender a fazer no guarani, é mudar todos conceitos que se tem.

-Nós erramos muito por muitos anos!

-Nós vamos chegar a a algum lugar com essa metodologia? Não sei te dizer. -Mas sei que mudamos nossa forma de ensinar, mudamos como vemos esse aluno. Ele tem que saber que tem um espaço aqui. Não é por que ele cruzou a rua que esta em outro país ele tem ser outra pessoa. Isso não existe. Só de fazer com que a escola a comunidade teve essa mudança acho que nós já avançamos muito. O que vamos fazer daqui pra frente vai depender do encaminhamento de cada um. Vai depender do MEC. Muito se avançou e de repente, política pública é assim. Não há grandes problemas de indisciplina, a mudança na postura do aluno mudou, ele se sente integrado, parte da comunidade da escola, não é um visitante que vem e vai embora (FERNANDES, diretora, Ponta Porã, 26/06/2017).

Cabe ressaltar que estas experiências e resultados foram apresentadas pela diretora e professores/as que participaram do programa os alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do curso de Geografia, realizado no dia 24 se novembro de 2017, através de uma aula de campo realizada para esse fim. (Figura 18).

Figura 18: Diálogo na Lagoa Punta Porã



Fonte: Trabalho de Campo 24/11/2017

Na figura 18, se observa-se o historiador e Secretário de Cultura de Pedro Juan Caballero de camisa azul apresentando a história das duas cidades, PJC e PP que terão a gênese do núcleo de povoamento ao redor desta lagoa, também enfatizou a maneira e exemplificou como as relações transcendem os limites territoriais. Também esteve presente uma técnica em educação, cedida pela Supervisión de Amambay, além de artistas que demonstraram através de uma dança a cultura local.

Como podemos perceber na figura 19, a conversa foi na escola brasileira João Brembatti Calvoso fomos recebidos na sala de tecnologia e durante quase duas horas de conversa professoras que participaram do PEIF comentam que “não dá para mensurar a alegria que se via nos olhos das crianças quando percebiam que poderiam falar a língua materna na escola e que não seriam repreendidos por isso, e que os colegas não discriminariam eles por causa disso”, diz uma professora durante a conversa.

Figura 19: Conversa na Escola João Brembatti Calvoso em Ponta Porã.



Fonte: Trabalho de Campo 24/11/2017

Em seguida como mostra a figura 20, fomos à escola Defensores del Chaco em Pedro Juan Caballero, onde alguns professores e a diretora nos acompanharam para uma visita guiada pelas salas de aula durante a execução da mesma. No momento da entrada na sala os alunos se levantaram e cumprimentaram, em uma turma um aluno fez a leitura de um poema,

apresentou uma maquete e os professores contavam sobre a experiência do “Cruze” com os alunos.

Figura 20: Visita à Escola Defensores del Chaco em Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo 24/11/2017

Pode-se concluir até o momento que o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira, além de cumprir seu papel como política linguística, expandindo as fronteiras através da troca de professores e estudantes lusos e hispano falantes, criou a possibilidade de se repensar o papel da escola na fronteira. A partir dessas trocas, do reconhecimento do outro, valorização da diversidade e a possibilidade de se reconhecer dentro de um mesmo espaço possibilitou a criação de uma identidade regional híbrida na fronteira.

Porém, por questões políticas e institucionais envolvendo o próprio Mercosul e suas implicações com Fernando Lugo, os repasses de recursos foram interrompidos reverberando na execução do programa. Esse é só um dos casos das dificuldades que se enfrentam no tocante à aplicação de políticas públicas em fronteira.

Além disso, estes estudantes ao deslocar-se do Paraguai para o Brasil carregam consigo sua cultura e hábitos que no ambiente escolar será compartilhado com os colegas brasileiros e vice-versa, propiciando assim a construção da identidade com dois referenciais territoriais, constituindo assim a identidade transfronteiriça, preenchendo com elementos culturais de ambos países, pois “a cultura de um se faz na cultura do outro” (MONDARDO, 2007, p. 13).

## 2.2 A religiosidade que integra

“Dia 08 de dezembro é feriado para mim e minha família, dizem que é só no Paraguai né, mas o mercado não abre aqui de jeito nenhum”.

Dona Marta, comerciante, 45 anos, brasileira.

“Caraca mano!, Acordei sexta numa ressaca, desci para almoçar e não achei nada aberto! Mas nada mesmo, daí fui no Brasil, a mesma coisa. Daí percebi que Sexta-Feira Santa o povo aqui respeita heim!

Marcos, estudante de medicina, 23 anos, brasileiro.

Os dois entrevistados acima mencionam, através de suas falas, dois feriados religiosos em que as duas cidades praticamente encerram as atividades comerciais pelo fato de ser feriado nacional e internacional e mostra como a religiosidade está presente na vida fronteiriça e afeta a dinâmica cotidiana.

Dona Marta se refere ao feriado nacional no Paraguai, dia da Virgem de Caacupé ou Virgen de los Milagros de Caacupé, que se celebra no dia 08 de dezembro. Muitos peregrinos de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã se preparam o ano todo treinando de bicicleta para ir até a cidade de Caacupé no departamento de Cordillera, perto da Capital Asunción.

No entanto, na cidade de Pedro Juan Caballero há uma estátua da Virgem de tamanho real, em frente a um posto de gasolina chamado Futurista, localizado no Km 1 da Ruta V, aproximadamente 500 metros da linha internacional com Ponta Porã. Alí também é um ponto de encontro e peregrinação de fiéis brasileiros, paraguaios e brasiguaios (Figura 21).

Figura 21: Serenata à Virgem de Caacupé em Pedro Juan Caballero



Fonte: [https://www.amambaydigital.com/noticias\\_ver.php?id=6855](https://www.amambaydigital.com/noticias_ver.php?id=6855) Acesso em 13/08/2018

Brasileiros e paraguaios vão de joelhos ou caminhando para cumprir suas promessas no dia da serenata que se celebra na véspera do dia 08. Também chegam até o lugar fiéis de povoados que estão nos arredores e Pedro Juan Caballero. Na serenata, há uma vigília que antecede a data, com missa, orações e cantos e apresentações artísticas em homenagem à Virgem. Há casos de alguns comerciantes brasileiros que fecham as o comércio para se dedicar ao evento.

Nesse lugar as identidades e o ser daqui ou dali passa despercebido do ponto de vista das diferenças, mas no âmbito das identificações esta celebração ou a própria religiosidade representada através da Virgem de Caacupé faz desta um elemento simbólico de identificação na fronteira.

Já o dia em que as duas cidades param literalmente, refere-se ao dia em que Marcos menciona não ter encontrada nada aberto é na Sexta Feira Santa. Há uma tradição principalmente do lado paraguaio e que influenciou o lado brasileiro, causados pelos processos de integração cultural, reproduzindo uma tradição antiga quando a população na Sexta-Feira Santa não se deve fazer nada, assim nos conta Alice, minha avó materna brasileira residente em Pedro Juan Caballero, viúva, e com 76 anos:

Sexta não se pode nem andar de bicicleta, trabalhar, nem pegar em dinheiro. Trabalhar então nem pensar e cozinhar muito menos. Só pode comer chipa e cocido, que foi por isso que já fizemos muito quarta-feira. E tem que rezar muito (Alice, avó, 20/05/2018).

Assim, como disse Marcos, é natural aqui na fronteira que na Sexta-Feira Santa o comércio, inclusive os mais céticos não abram as portas, pois não terá muito cliente nesse dia, inclusive o mais famoso *shopping* center, conhecido por manter as portas abertas inclusive em feriados está fechado. As pessoas aproveitam e se reúnem com familiares para estar em vigília desde quinta-feira santa, nas casas ou na igreja. Comumente estas oferecem a vigília de jovens que se reúnem para cantar, rezar até o amanhecer. Em Ponta Porã o mesmo comportamento se repete dando continuidade e integrando comportamentos e hábitos que não se limita de um lado, mas dos dois, demonstrando as simetrias entre os dois territórios em certas datas comemorativas. Tanto a virgem de Caacupé quanto a sexta-feira santa são elementos que fazem parte do processo de identificação na fronteira, tanto de brasileiros quanto de paraguaios, e principalmente dos brasiguaios.

### 2.3 Arte e cultura como fortalecedor da identidade local/regional

A fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possui um dinamismo próprio, diferente dos “centros” culturais como Assunção ou São Paulo, por exemplo. Por se tratar de uma fronteira internacional, essa multiplicidade é mais explícita, assim como as manifestações culturais existentes neste espaço.

Não podemos pensar arte e cultura de forma isolada nesta fronteira, apesar de que cada uma das cidades possua suas particularidades, há de se levar em conta os processos de transculturação e hibridismo criam novas formas de expressar e reproduzir expressões. Para a Artista Angela Fakir, colega de trabalho na Fundação da Cultura e Esporte de Ponta Porã (FUNCESPP) e professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), descendente de migrantes, nascida no Paraná e residente em Ponta Porã desde 2005, trabalhando com alunos de ambas as cidades e percebeu nesse trabalho a multiplicidade identitária existente na fronteira:

creio que tem alguns elementos da cultura que se não promovem essa junção identitária pelo menos se aproximam muito de fazê-lo, a arte enquanto linguagem de expressão necessita de um código para ser entendida, que tem suas bases na sensibilidade, talvez, esse seja um ponto que faça com que se alcance a leitura da arte de forma independente de elementos como a língua e a identidade cultural, precisamos de elementos que sejam do sensível, isso está além da língua e da identidade. Por exemplo, as obras apresentam elementos da narrativa da vida do artista, como ele transita pelas duas culturas, as obras serão resultantes disso, talvez não sejam intencionais no processo criativo, no sentido em que não foi pensado, e sim, porque está presente no artista (ANGELA FAKIR, artista, Ponta Porã, 17/08/2018).

Dessa maneira, as produções artísticas e culturais da fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, são resultantes desse encontro cultural, e é nessas expressões que o artista demonstra sua identidade que transcende a fronteira internacional, a mescla desses elementos identitários que o artista possui na sua própria condição de sujeito, onde são histórias impressas no indivíduo.

Eder Rubens, fronteiro radialista, jornalista e gestor de cultura, é nascido em Ponta Porã e possui um vasto conhecimento sobre as relações culturais entre as duas cidades. Em sua função, sempre promoveu ações voltadas para atender as necessidades locais da população das duas cidades. Em uma de muitas conversas sobre o tema, disse:

A fronteira seca entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero possui uma característica impar em relação ao novo momento vivenciado em outras regiões do mundo, uma vez que a intensa miscigenação permite uma constante integração sociocultural que possibilita a construção de sua identidade cultural, impulsionada pelo constante processo de desenvolvimento mútuo proporcionado pelos anseios, problemas e soluções divididas diariamente (ÉDER RUBENS, Jornalista, Ponta Porã, 17/08/2018).

A integração sociocultural citada por Eder, se dá pelos laços de amizade, familiares e profissionais entre os sujeitos residentes na fronteira, essas relações podem ser conflituosas ou harmoniosas no cotidiano, porém, existem, estão aí, do outro lado ou deste. E é esse movimento entre os territórios que carrega as características de um lado para o outro, proporcionando a possibilidade da integração sociocultural entre os sujeitos.

Para o artista plástico Júlio Cesar Alvarez, nascido em Assunção e residente na fronteira desde a década de 1950, organizador e fundador do MARCO<sup>35</sup>, em seus trabalhos a fronteira está em grande parte presente em suas obras. Em sua “casa diferente”, sentado na calçada em frente ao “Jardim das Delícias”, ao perguntar sobre a integração como processos de pertencimento este comenta,

claro que si, todavia mas por que existen fusiones de parentesco, que hacen mas realidad a una cultura muy particular en esta region especifica. Esta cultura especial, todavia aparece como invisible por que esta profundamente introyectada ya a esta frontera (JULIO, artista, 17/08/2018).<sup>36</sup>

Esta fronteira apresenta uma cultura diferenciada devido às hibridizações (guardada as proporções) de parentesco, profissional, de amizade, que decorrem das relações entre as duas culturas, essa cultura diferenciada que nos comenta Júlio e se observa em alguns casos como a dos auto denominado brasiguaios, essa mescla em muitas vezes está tão diluída que acaba sendo imperceptível por outros ou pelo próprio sujeito, e é esse sujeito transfronteiriço que ganha importância neste trabalho.

---

<sup>35</sup> O Museu de Arte Contemporânea possui uma área construída de 4 mil metros quadrados. Dispõe de cinco salas de exposição, sendo uma com mostra permanente de obras de seu acervo e quatro para as mostras temporárias que compõem sua programação anual (<http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/museu-de-arte-contemporanea-marco/>).

<sup>36</sup> Tradução: “Claro que sim, ainda mais porque existem fusões de parentesco, que fazem mais real a uma cultura muito particular nesta região específica. Esta cultura especial, ainda aparece como invisível porque está profundamente encrustada já nesta fronteira”.

Outra arte em que a integração cultural se reflete de forma explícita é o da música. Na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, existe uma extensa variedade musical, e como já mencionado anteriormente, a cultura é um dos grandes protagonistas que atua no processo de integração na fronteira e a música possui um papel importante no fortalecimento da identidade local e regional.

Atualmente na fronteira existem 39 artistas dos mais variados gêneros musicais. Este levantamento foi realizado pelo pesquisador (CAETANO, 2016), em seu trabalho de dissertação sobre a música como indutora do desenvolvimento local. Caetano realizado para o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Em um extenso trabalho de campo CAETANO (2016), realizou um levantamento que resultou na elaboração desta lista de artistas (tabela1), que posteriormente divide em três categorias ou estratos, sendo um total de 39 artistas.

Tabela 1: Levantamento dos artistas locais (música) nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero

	<b>Nome do Artista/Grupo</b>	<b>Gênero Musical</b>	<b>Cidade Local</b>
01	Nadyelle Lobato	Sertanejo	Ponta Porã
02	Surfistas de Trem	Pop/Rock	Ponta Porã
03	Trio Voz Nativa	Sertanejo	Ponta Porã
04	Jefferson Barros	Sertanejo	Ponta Porã
05	Muchileiros	Pop/Rock	Pedro Juan Caballero
06	Tokomadera	Reggae	Pedro Juan Caballero
07	Drive Roots	Pop/Rock	Ponta Porã
08	Junior Estigarribia	Instrumental	Pedro Juan Caballero
09	Leandro Henrique e Gabriel	Sertanejo	Ponta Porã
10	Matheus D´Nobrega	Sertanejo	Ponta Porã
11	Orlandinho Rodrigues	Sertanejo	Ponta Porã
12	Sambamanos	Samba/Pagode	Pedro Juan Caballero
13	Julio Santiago	Sertanejo	Pedro Juan Caballero

14	Neto e Gabriel	Sertanejo	Ponta Porã
15	MC Bidico	Funk	Ponta Porã
16	Los Thammys	Música Paraguaia	Pedro Juan Caballero
17	Alterego	Pop/Rock	Ponta Porã
18	Bizarrasong	Rap/Hip Hop	Pedro Juan Caballero
19	Sanajah	Reggae	Pedro Juan Caballero
20	Williantar	Metal	Pedro Juan Caballero
21	Naomi	Pop/Rock	Pedro Juan Caballero
22	Vinil Blue	Pop/Rock	Ponta Porã
23	Manzana Azul	Pop/Rock	Pedro Juan Caballero
24	Veneno Urbano	Pop/Rock	Ponta Porã
25	Atos Falhos	Pop/Rock	Ponta Porã
26	Nathalia	Sertanejo	Pedro Juan Caballero
27	Infaction	Metal	Pedro Juan Caballero
28	Gabi Porazzi	Sertanejo	Ponta Porã
29	Matheus Pagan	Sertanejo	Ponta Porã
30	Repi Guarani	Rap/Hip Hop	Pedro Juan Caballero
31	Los Ojedas	Música Paraguaia	Pedro Juan Caballero
32	Rodasamba	Samba/Pagode	Ponta Porã
33	Escafandro	Metal	Ponta Porã
34	Los Líricos	Música Paraguaia	Pedro Juan Caballero
35	Trozator	Metal	Pedro Juan Caballero
36	Luz Aurora Rojas	Música Paraguaia	Pedro Juan Caballero
37	Renan Guizane	Sertanejo	Ponta Porã

38	Victor Lacorte	Rap/Hip Hop	Ponta Porã
39	Rollstar	Música Paraguaia	Pedro Juan Caballero
<b>Total de artistas</b>			<b>39</b>

Fonte: CAETANO, 2016.

Após esta pesquisa houve a necessidade de classificá-los em três categorias, assim, Caetano comenta:

1– Corresponde ao maior grupo de artistas. Sendo eles artistas que produzem uma música autoral que não apresenta conteúdo algum referente ao contexto cultural local, ou seja, uma música unicamente direcionada a Indústria Cultural.

2– Corresponde aos artistas da música tradicional paraguaia, que pode ser reforçada pela globalização, uma vez que sua divulgação possa ser muito mais ampla, sobretudo através da internet.

3– Corresponde aos artistas híbridos, que através de uma música pautada na mistura de gêneros e influências, cria novas identidades culturais locais e reforça as identidades já existentes desde que seu texto apresente relação com o contexto cultural local (CAETANO, 2016, p. 103.).

Assim como o autor, o trabalho se concentrará no estrato 3, que busca explicar como as letras autorais das músicas produzidas por artistas locais/regionais das duas cidades expressam nas canções elementos que mantenham relação com o contexto cultural/local, e nos dão as pistas para entender sua relação com a identidade.

Para o autor,

Desta maneira os artistas pertencentes ao ESTRATO 3 são os que realmente interessam nesta pesquisa, já que apresentam em suas canções elementos presentes no contexto cultural fronteiriço. Esses artistas são descritos na pesquisa como artistas “híbridos” em razão de utilizarem da influência de gêneros musicais globais para retratar a realidade local, reforçando os aspectos culturais e sociais desta fronteira, na atualidade, através de uma música mais urbana. Sendo assim, a análise de conteúdo concentrou-se nos artistas elencados nessa categoria. Sendo selecionadas 13 canções que possuem elementos e características comuns ao contexto cultural fronteiriço, como; Moderna Música da Fronteira, *Soy Surfista* e *Trankilo Pah* (Surfistas de Trem), *Nderesa Yvoty* e *Pedro Juan* (Tokomadera), *Frontera*, *O muchileiro* e *Luna* (Muchileiros), *FronteraLoka* e *Tererado* (Drive Roots), *La opción* (Bizarrasong), *Origens* (Veneno Urbano), *Verdes Selvas* (Junior Estigarribia) (CAETANO, p. 104, 2016).

Assim, as 13 canções que foram classificadas neste estrato exprimem de certa forma o sentimento de pertencimento em relação à fronteira, em algumas com mais intensidade e em outras com menos. Para este trabalho será analisado somente duas delas, são estas: Soy Surfista e Moderna Música da Fronteira (Surfistas de trem).

A Banda Surfistas de Trem foi criada em 2008 em Ponta Porã, e possui como integrantes Alexandre Parra (guitarra), Cleyto Vieira (guitarra), George Parah (bateria), Renan Dorta (baixo) e João Caetano (voz/violão). Iniciam com música autoral pois este era requisito para participar dos editais da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS). Em seu CD de demonstração como o nome de “Surfistas de Trem – De uma fronteira sem fronteiras”, a canção “Soy Surfista” se destaca pelo apelo ao contexto local e afirmação do sentimento de pertencimento fronteiriço:

Soy Surfista – Banda Surfistas de Trem (Alexandre Parra/João Caetano) Pense no que falo Mas não faça o que eu te digo Faze o que tu queres Sempre serei um bom amigo Y se aciendo el cigarrillo no és para llamar su atención E tudo que eu faço já não parece ter razão Nem mesmo se o universo Eu pudesse lhe entregar Nem mesmo se eu quisesse Poderias me amar Não sei se eu acredito Nessa mera enganação Eu sei que eu sou do bem Sou surfista de trem e apresento solução Eu sei que eu sou do bem Por que os grandes problemas Estão nos olhos de quem vê E se não tem explicação Deve ter razão pra acontecer Mas a razão quase nunca escuta Os bons conselhos do saber Mas eu surfo em trem e ainda posso Ajudar você Nem mesmo se o universo Eu pudesse lhe entregar Nem mesmo se eu quisesse Poderias me amar Não sei se eu acredito Ou se é mera enganação Eu sei que eu sou do bem **Yo soy de Pedro Juan, eu sou de Ponta Porã Los bares de su calle, fazem nossa inspiração En la frontera solo hay un Pueblo Somos uma só nação E a cultura se mistura, quando canto em guarany, Recuerdos dulces de ypacaray recuerdos dulces de ypacaray, recuerdos dulces de ypacaray...** (CAETANO, p. 110, *grifo nosso*, 2016).

Nesta canção autoral, pode-se perceber na parte grifada, que o sujeito apresenta dois referenciais territoriais, ao dizer que é de Pedro Juan do Paraguai e Ponta Porã no Brasil, exprime claramente sua identidade transfronteiriça, também demonstra a construção no imaginário de muitos fronteiriços a ideia de uma só nação ou de um povo único. Também é visível a mistura do espanhol e do guarani nas letras, alternando-se, assim como a influência da música paraguaia nos últimos trechos da canção.

Outra canção que merece destaque é a Moderna Música da Fronteira, do álbum que recebe o mesmo nome. Nesta os autores apresentam uma crítica social à violência na fronteira. Podemos ler na letra citada a seguir:

Já faz um tempo que eu tô protelando, pra escrever essa canção. Num é por medo ou por receio, e sim distinta consideração. De quem já não se encontra aqui, pra dar qualquer explicação. Agora é dado estatístico, processo

jurídico, mais um dentro de um caixão. Longe de mim contar “yapú”, porque eu nasci aqui, sou fronteiriço nato. De alma guarani. *Trankilo pah yo voy vivendo*, tem gente acelerada, exagerada, gananciosa. Que por aí, e por aqui tá morrendo, e por aqui vai morrendo. Assim como em todo mundo, aqui não é diferente. Pois aqui a violência, também está entre a gente. O que difere aqui é o projétil a bala. Num tem bala perdida aqui ela é sempre acertada (CAETANO, 2016, p. 113.).

Em várias obras escritas sobre a fronteira o tema da criminalidade está inserido como pauta principal quando se referem à fronteira. A percepção dessa realidade por ambos os sujeitos que residem na fronteira faz desse tema, um assunto e realidade compartilhado por esse sujeito que transita pelas duas cidades. Outros elementos que estão dentro do contexto local fronteiriço, nesta canção é o uso de palavras no idioma guarani, como “yapu”, que em tradução significa mentira, o sentimento de pertencimento também é reforçado em, “sou fronteiriço nato, de alma guarani”, assim através das letras das canções o artista escreve sua identificação com os lugares que irão construindo sua identidade, apoderando-se dos elementos que encontram nesse caminho percorrido diariamente entre as duas cidades. (CAETANO, 2016).

Assim a música une as pessoas através das próprias letras que mostram os processos de hibridização. Na composição das letras há de se analisar as histórias que motivam o próprio artista a escrever e se ver dentro da condição fronteiriça. Logo o as pessoas que as ouvem, se identificam com essa identidade transculturada, reproduzindo e reconhecendo-se nessa identidade.

### **2.3.1 A semana em que quase todos somos brasileiros**

A festividade é uma grande marca do fronteiriço de PJC e PP. Este subitem tratará do Carnaval como uma festa integradora sociocultural na fronteira, que acontece dentro do calendário carnavalesco, o carnaval celebrado nas duas cidades mencionadas terá como base o carnaval brasileiro.

Percebe-se que do lado paraguaio há mais clubes que oferecem festas para as pessoas “pularem” o carnaval. As celebrações iniciam-se na sexta-feira e terminam na terça-feira. Os estilos musicais que mais se destacam são o Axé, Marchinhas de Carnaval e pouco samba. Atualmente os clubes que oferecem o Carnaval são: La Disco, Complejo 98, Club

Aquidaban, Classe A e Club Social Amambay (Figura 22, 23 e 24). A Associação Japonesa é um espaço que foi utilizado para a realização de festas como o carnaval.

Figura22: Recorte de notícia relatando o resultado da festa

Fecha: 27-02-2017 14:41:48 | Visitas: 7814

**PEDRO JUANCABALLERO: El sábado último en la sede de la Asociación Japonesa del Amambay tuvo lugar, luego de varios años, la auténtica fiesta de carnaval de salón gracias a una feliz iniciativa del legendario Grupo Scooby Doo, o "Grupo Scuby" como mejor se lo conoce, que reunió a los integrantes de su reconocida Batucada y con apoyo de Mamerto Piloncho DJ, rescataron las tradicionales "marchiñas", clásicas de las mejores y auténticas fiestas del carnaval de salón fronterizo junto con la marcha de Amambay.**



Fonte: Amambaydigital.com Acesso em 20/08/2018.

Como podemos notar na notícia há um empoderamento do carnaval do estilo brasileiro pelos pedrojuaninos. Estes colocam na notícia como o “autêntico carnaval” referindo-se às marchinhas, pois foi com este estilo musical que se iniciam as primeiras festas na fronteiras.

Figura 23: Convite para o Carnaval no Club Social Amambay



Fonte: revistapedrojuan.com Acesso em 20/08/2018

Figura: 24: Foliões no Club Social Amambay

Fecha: 20-02-2015 10:44:52 | Visitas: 6128

**PEDRO JUAN CABALLERO: El Club Social Amambay, fue una vez más escenario del mayor y mejor carnaval de salón del país, en donde se vivieron tres inolvidables noches de carnaval,viernes 13, sábado 14 y martes 17 de febrero.**



Como todos los años, conocidas parejas, familias y alegres grupos de jóvenes fueron los encargados de ponerle brillo, color, calor y alegría a la fiesta de Momo, sambando, bailando y saltando al ritmo de la tradicional orquesta Los Tammy's con su clásico estilo de interpretar las "marchiñas", la marcha Adelante Campeones de Amambay y alegres polcas.

Fonte: amambaydigital.com Acesso em 20/08/2018

Em PJC, há uma tradição de formação de grupos de carnaval, estes grupos se reúnem antecipadamente e arrecadam fundos a partir de festas e rifas para os dias de festa. Se reúnem na concentração e logo se direcionam para o Club Social Amambay (CSA), fundado em 1954 e ativo até os dias de hoje. Foliões de PJC e PP se reúnem como mostra a imagem acima para celebrar e divertir nesses dias. A concepção da origem do carnaval para os pedrojuaninos que participam desta festa é brasileira. Daí o motivo de se renderem às músicas e danças brasileiras citadas anteriormente. Também se realizou desfiles nas ruas, mas atualmente já não acontece.

Do lado brasileiro em Ponta Porã, geralmente a festa de carnaval é feita no União Tênis Clube (UTC), em dias específicos, geralmente na sexta-feira e na terça-feira somente. Em alguns anos a população e a Prefeitura Municipal de Ponta Porã, realizam o desfile de grupos da cidade na Avenida Brasil, estes se reúnem na terça-feira e domingo disfarçados e em grupos após a Guerra D'Água. (Figura 25).

A Guerra D'Água é a denominação que se dá a uma tradição antiga na fronteira. Consiste em encher pequenos balões de água e atacar uns nos outros no domingo de carnaval e na terça-feira de carnaval. Antigamente também do lado paraguaio se enchiam baldes e jarras e se jogavam água uns nos outros, havia casos de que se lavavam as cabeças das

peças com sabão, do lado paraguaio. Nesta manifestação participam crianças e adultos e idosos.

Figura 25: Tradicional Guerra D'Água disputada entre brasileiros e paraguaios.



Fonte: diariodigital.com Acesso em 20/08/2018

Outra tradição em que há uma integração cultural e político é a Guerra D'Água, estabelecida pela lei municipal 3188/200 pedrojuaninos e ponta-poranenses se unem nesta festa, envolvem-se desde crianças a adultos. Ocorre isoladamente nos dois lados, mas na terça-feira e no domingo de carnaval estes se encontram na Avenida Brasil para a famosa batalha. Essa avenida está reservada nesses dias para essa festividade. Grupos de paraguaios e brasileiros vão munidos com as “armas” que possuem, balões dentro das camisetas, nos tambores e caminhonetes, para atacarem entre si.

#### **2.4 Que parte se termino la novela? Alô, você meu amigo! Estamos falando desde Ponta Porã (Mas está em PJC).**

Na modernidade, a comunicação é um dos elementos marcantes para a manutenção ou degradação das relações sociais entre as sociedades, e na fronteira internacional o papel das rádios, internet e jornais é muito importante para que elementos de um lado sejam difundidos para o outro e vice-versa.

Atualmente existem 15 emissoras de rádios ativos na fronteira entre PJC e PP, 8 emissoras são de PJC, 5 de PP e 2 de Assunção. As mais populares do lado paraguaio são

Sin Fronteras (98,5 Mhz), Cerro Corá (91,5 Mhz) e Amambay (100,5 Mhz); do lado brasileiro destaca-se a Nova FM (96,9 Mhz). As que utilizaremos para análise nesta pesquisa serão as rádios Cerro Corá (91,5 Mhz), Amambay Fm (100,5 Mhz) e Sin Fronteras (98,5 Mhz) rádios de PJC; será utilizada a Nova Fm que está em Ponta Porã, pois esta não possui nenhum programa em espanhol ou difunde a cultura paraguaia. As três do lado paraguaio possuem em sua programação músicas e locutores que falam em português e notadamente está dirigido ao público ponta-poranense apesar de estar em PJC.

Na programação da rádio Cerro Corá há dois programas em Português, um denominado Bom dia, que tem sua programação das 07:00 às 09:00 e das 17:00 às 19:00, conduzido por Aleixo Alves, brasileiro. O conteúdo da programação é composto por música sertaneja, modão, horóscopo e notícias variadas das duas cidades, geralmente de cunho político. Em seu discurso o locutor se dirige aos ouvintes de Ponta Porã, faz saudações a conhecidos dos bairros e em alguns momentos recebe ligações ao vivo dos ouvintes.

O segundo programa ocorre das 12:00 às 13:00 e chama-se Fm em Notícias, conduzido por Tião Prado. O conteúdo como o próprio nome indica é composto por notícias locais, informações sobre a Câmara Municipal de Ponta Porã, notícias sobre a prefeitura de Ponta Porã e material esportivo das duas cidades, a transmissão é feita completamente em português. Esta rádio possui programas em guarani no início da manhã e no final da tarde duas horas dedicadas à música nativa paraguaia, houvem-se polcas<sup>37</sup> e guaranias.<sup>38</sup>

Outra rádio importante que está em PJC é a Amambay Fm, com informações retiradas do site, esta possui uma introdução sobre o seu funcionamento:

Radio Amambay FM 100.5 Mhz. fundada el 1º de Diciembre de 1.979, con la misión de unir la frontera Paraguay-Brasil a través de la música. Se caracteriza como una Emisora en constante innovación en cuanto a infraestructura, atracciones y principalmente por su estilo y formato musical único, lo que convierte a la 100.5, en un marco en la evolución de la radiofonía en FM de la región norte del Paraguay (AMAMBAY FM, 2018).<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> A polca chegou da Europa durante o período colonial e pouco a pouco foi adquirindo características próprias. Possui um ritmo mais acelerado. Incorpora-se na letra o idioma guaraní.

<sup>38</sup> A Guarania foi desenvolvida por José Asunción Flores na década de 1920, é uma composição com ritmo mais lento que a polca e geralmente não de dança. Sua composição está escrita em espanhol e guarani.

<sup>39</sup> Tradução: “A Radio Amambay FM 100.5 Mhz foi com a missão de unir a fronteira Paraguay-Brasil através da música. Se caracteriza como uma emissora em constante inovação em quanto à infraestrutura, atrações e principalmente pelo seu estilo e formato musical único o que converte a 100.5, em um marco na evolução da radiofonia em FM da região norte do Paraguai”.

A rádio Amambay possui como missão unir a fronteira entre PJC e PP como o editorial propõe. Assim percebe-se que a ideia da integração não é fomentada apenas pelos órgãos políticos oficiais, mas também pelos agentes locais que neste caso propõe-se, através da música. Além da música existe o programa matutino chamado Buen dia, conduzido pelo radialista Paulo André Cavalcante, brasileiro e que está no ar das 07:00 às 09:00 e seu conteúdo é composto por horóscopo, notícias, músicas brasileiras sertanejas, latinas e em inglês, que fazem sucesso no Brasil. No site onde o programa é descrito pode de ler que este programa busca a integração cultural entre ambos países. Em outros momentos difunde a música internacional, principalmente em inglês, e que não possui nenhuma programação em guarani.

Já a rádio Sin Fronteras Fm, não possui uma programação em português, porém possui no conteúdo dos programas um extenso repertório de músicas brasileiras como funk e sertanejo. Esta rádio possui duas discotecas em PJC, também trabalha com shows de estilo funk, daí a promoção desse estilo musical na rádio, uma grande parte dos ouvintes são de brasileiros, principalmente jovens que interagem com os locutores das rádios nos programas realizados ao vivo.

As rádios tornam-se assim importantes instrumentos para a difusão da cultura brasileira do lado paraguaio, através das músicas e radialistas brasileiros que transmitem os programas em português. O pedrojuanino recebe diariamente esses elementos do lado brasileiro, assim na construção de sua identidade aparecerá esses elementos nos seus gostos musicais, expressões ou gírias em português e no consumo de produtos oferecidos e anunciados pela mídia brasileira.

Outro instrumento que vale a pena destacar é a Televisão, em PJC a Rede Globo por ser aberta é assistida por grande parte da população, tanto por brasileiros residentes em PJC quanto por paraguaios. Estes acompanham diariamente a programação da emissora, assistem as novelas, minisséries, notícias e filmes que a rede apresenta em sua programação. As que merecem destaque são as novelas.

Diariamente ouvíamos em conversas informais em mercados, salões de beleza, rodas de conversa na hora do tereré, do mate, nas mesas na hora do almoçoos casos relativos aos personagens das novelas brasileiras. As histórias das novelas e personagens brasileiros ganham vida nas conversas e ruas de PJC; finais de novelas são vistos como eventos em que não se pode faltar.

Percebe-se de forma explícita a influência das novelas na cultura dos pedrojuaninos pelos bordões utilizados por personagens e que são reproduzidos por estes cotidianamente como: “Cada Mergulho é um Flash!” Odete (Mara Manzan) - O Clone (2000), “Não é brinquedo não” Dona Jura (Solange Couto) - O Clone (2000), “Oxente, my god” Dona Altiva (Eva Wilva) - A Indomada (1997), “Vamo, Nhánhá?” Scarlet (Luiza Thomé) - A Indomada (1997), dentre outros.

Em conversas mais específicas com um primo chamado Hugo, o mesmo comenta que:

En la realidad muestran en las novelas lo que ocurre en cada país, las perdiciones, cenas buenos y malos que copian en forma real, hay cosas que ocurren en las familias momentos desesperantes hay cenas que las novelas divulgan la vida real que suceden en cada hogar de una familia (Hugo, autónomo, 25 anos, Pedro Juan Caballero, 27/08/2018).<sup>40</sup>

Percebe-se a como os assistentes absorvem as estórias dos personagens e as associam com a vida real, muitos se identificam com personagens das tramas e acabam reproduzindo o modo de falar, vestir e pensar. “Assisto mais jornal, mas a novela também vejo, creio que influencia muito na nossa cultura, no estilo de querer viver esses personagens e na moda também” (Ramão, 28 anos, vendedor, Pedro Juan Caballero, 27/08/2018). Para outra prima chamada Jéssica este é paraguaia e em um comentário nas redes sociais afirma essa influência ao dizer: “Conozco el canal globo así también conozco personas que la ven, yo no veo mucho el canal pero cuando veo prefiero ver mas Jornal Nacional. En mi punto de vista creo que si influencia mucho a la cultura pedrojuanina” (Jessica, 22 anos, estudante, Pedro Juan Caballero, 27/08/2018).

Contudo, as emissoras de Televisão do Paraguai, como o Sistema Nacional de Televisão (SNT), também difunde algumas novelas importadas do Brasil, mas da mesma maneira, inserem-se na cultura paraguaia os modos de vida dos personagens e as trilhas sonoras que são em português. Assim há uma expansão e/ou introdução da cultura brasileira do lado paraguaio.

---

<sup>40</sup> Tradução: “Na realidade nas novelas mostram o que ocorrem em cada país, as perdições, cenas boas e más que copiam a vida real, tem coisas que acontecem nas famílias, momentos desesperantes, tem cenas que as novelas divulgam da vida real o que acontece em casa lar”.

## 2.5 Los pedrojuaninos somos “massa” y nos gusta dar um “rolê” e “mba'e la porte che ra'á

Nas redes sociais também é comum encontrar trabalhos relacionados à identidade local. Para este caso iremos analisar a revista Pedro Juan, criado em dezembro de 2016, busca reunir dados e informações sobre a cidade de Pedro Juan Caballero. Em uma entrevista realizada com a diretora Nathalia Martinez percebe-se que há uma preocupação do editorial em discutir a identidade na fronteira, pois:

La idea central es mostrar a la gente de fuera de Pedro Juan, los del centro, mostrar que nosotros tenemos nuestra peculiaridad, que tenemos nuestro lado bueno, la gente nos pinta a los pedrojuaninos como peligrosos, mostrar que somos buenos, que hay cosas buenas. Pero la vez pasada hicimos un gran salto, quando vinieron gente de La Lupa<sup>41</sup>. Siempre queremos mostrar que tenemos orgullo de ser pedrojuanino. Quitar esa idea de los próprios pedrojuaninos que se orgullan de lo narco, hay que orgullar se de las cosas buenas. Que no se orgullen de ser peligrosos. A mi por ejemplo me orgulla hablar três idiomas. Yo soy paraguaya, o sea, pedrojuanina, somos diferentes. Ni los de Salto de Guairá ni de Ciudad de Leste son como nosotros. Una vez llegue a negar que soy pedrojuanina, y dije que era de Ponta Porã y punto. Muchos tienen miedo de venir incluso (Nathalia, 33 años, empresária, Pedro Juan Caballero, 15/03/2018).<sup>42</sup>

A fronteira entre PJC e PP recebe estigmas e classificação de perigoso, ilegal e de que a economia se baseia no narcotráfico, por isso a revista busca de certa forma “limpar” essa má impressão que os meios da Capital Assunção e outros meios depositaram sobre as duas cidades. Para Nathalia, é necessário retirar essa ideia inclusive dos residentes aqui, pois estes deveriam se orgulhar das coisas positivas que a fronteira oferece, por exemplo, a possibilidade de falar os três idiomas. Também podemos perceber em sua fala a diferenciação dos paraguaios da fronteira de Pedro Juan Caballero os pedrojuaninos, dos paraguaios de Assunção, por exemplo, e inclusive de outras cidades fronteiriças. Exprime também o caráter

<sup>41</sup> Programa de Televisão de Assunção.

<sup>42</sup> Tradução: “A ideia central é mostrar para as pessoas de fora de Pedro Juan, aos do centro, que nós possuímos nossas peculiaridades, que temos nosso lado bom, as pessoas nos colocam como perigosos, mostrar que somos bons, que aqui há coisas boas. Mas a vez passada fizemos um grande salto, quando vieram o pessoal do La Lupa. Sempre queremos mostrar que temos orgulho de ser pedrojuanino. Tirar essa ideia que os próprios pedrojuaninos alimentam e se orgulham dos narcos, tem que se orgulhar de coisas boas. Não devem se orgulhar por serem perigosos. Eu por exemplo tenho orgulho de falar três idiomas. Eu sou paraguaia, ou seja, pedrojuanina, somos diferentes! Nem os de Salto del Guirá, nem os de Ciudad del Leste são como nós. Uma vez cheguei a negar que era pedrojuanina, e falei que era de Ponta Porã e ponto. Muitos tem medo até de vir aqui.”

relacional de negação da identidade em um momento anterior para evitar ser rotulada pelos estigmas negativos acerca da fronteira.

Mas o que gostaríamos de ressaltar são os posts que ocasionalmente são lançados no site e os textos e afirmações estampadas em produtos que buscam reforçar a identidade local/regional e diferenciar-se dos demais paraguaios e brasileiros (Figura 26).

Figura 26: Camisetas com frases que identificam o pedrojuanino.



86616653 / 0336 272 569 | Calle: Cerro León e/ Julia C. de Estigarrib

Fonte: Revista Pedrojuan.com.py Acesso em 27/08/2018

Nas camisetas da figura 26, podemos identificar frases como: Partiu! Rolê (pedrojuanino yendo a qualquer parte). A expressão “partiu Rolê” é uma expressão brasileira, portanto faz parte da identidade pedrojuanina e está interiorizada dentro dessa construção os elementos brasileiros como a língua, por exemplo.

As frases “Todo es Beleza”, “No hay asadito solo Espetinho”, “Podes andar de Carona”, “Nunca falta el Pastel”, estão estruturadas de uma forma em que a metade da frase está em espanhol e é terminado em português. O que tentam demonstrar é que em Pedro Juan não se pronuncia certos alimentos como normalmente se diz no interior do Paraguai, e sim tem um nome próprio, herdado do Brasil. As palavras beleza, espetinho, carona, pastel, são utilizadas para outras fins e outras sequer existem no espanhol. No início da frase inclusive

que em Pedro Juan Caballero é outro “level”, ou seja, outro nível em relação ao demais paraguaios.

Também os posts em forma de figuras foram comuns nas publicações como estes também enfatizavam a identidade pedrojuanina através da forma diferente de se chamar os alimentos no Paraguai (Figura 27 ).

Figura 27: Ilustrações que mostram o nome dado aos alimentos em PJC



Fonte: Revista Pedrojuan.com.py Acesso em 27/08/2018

No Paraguai, o pastel que é conhecido no Brasil, recebe o nome de empanadas, assim como na Argentina e outros países da América Latina. A publicação enfatiza que em PJC é pastel e a coxinha que é chamado de croqueta em PJC é coxinha, deixando explícito a influência do Brasil na constituição do ser pedrojuanino.

No quadro abaixo (Figura 28) observam-se três figuras que demonstram como a questão territorial está presente no imaginário coletivo, assim como a cultura, tradições e idiomas estão inseridos no modo de ser pedrojuanino.

Figura 28: Figuras com elementos brasileiros no cotidiano pedrojuanino



Fonte: Revista Pedrojuan.com.py Acesso em 27/08/2018

A ideia de que nem tudo está integrado e diluído na fronteira aparece novamente na primeira figura: “O único momento em que se marca a fronteira” seria o futebol pois de um lado está a torcida e de outro a hinchada, torcida em espanhol. Isso mostra que a fronteira também é espaço de afirmação para o outro, neste caso o Brasil, mostra o caráter relacional da identidade como citado anteriormente.

Na segunda figura faz-se uma pergunta de como ficaria o pedrojuanino se não recebesse ovos de páscoa? Pireca ou de boa? A palavra pireca recebe o sentido de emburrado, há elementos dos dois idiomas aqui, além de entender que a tradição de receber ovos de páscoa também faz parte da cultura pedrojuanina.

A terceira parte da figura pergunta como se sente hoje? Dentre as opções há três de origem brasileira, “de boa”, “apaixona” ou “saudades”, demonstrando assim mais uma vez que os pedrojuaninos percebem a introdução da cultura e idioma brasileiro em sua cultura.

Assim, buscamos reunir e analisar elementos materiais e simbólicos da cultura de ambas as cidades que fazem parte do ser pedrojuanino e ponta-poranense que vivem na fronteira. Estes sujeitos em contato com a cultura do “outro” carregam consigo elementos destes e essa troca, oriunda do trânsito faz que a integração sociocultural ocorra.

Do lado brasileiro é comum escutar os ponta-poranenses incorporarem no modo de falar palavras e cumprimentos em guaraní. Muitas vezes em forma de brincadeira, mas a integração se vê no dia a dia através da língua por exemplo.

Outra forma comum do ponta-poranense ser influenciado por elementos paraguaios é através da música com conteúdo local e a difusão das rádios de músicas em espanhol. O Reagueton, por exemplo, não é de origem paraguaia mas os jovens principalmente o relacionam como sendo paraguaio e são influenciados por estes.

Assim, alguns sujeitos fortalecem suas práticas culturais e outros se tornam sujeitos transnacionais, pois convivem de um lado e do outro. É a partir desse movimento e contato que a integração cumpre o papel de fortalecimento das identidades tanto no sentido da diferenciação quanto na formação da identidade transfronteiriça.

### 3. MULTIPLICIDADES NA FRONTEIRA

Buscamos neste capítulo apresentar as maneiras que se dão essas relações sociais no espaço e as consequências do ir e vir desta fronteira que se caracteriza também como porosa, aberta, elástica e sinuosa. Pretendemos demonstrar como identidades paraguaias, brasileiras e brasiguaias existentes na fronteira interagem entre si. Faremos uma breve alusão aos imigrantes brasileiros na fronteira com o leste do Paraguai, iniciada nas décadas de 1950, para diferenciar aqueles brasiguaios destes.

As vidas que se entrelaçam formam uma só identidade, a fronteiriça, resultante do hibridismo ocasionado com essas mesclas. Pretende-se trazer à tona as realidades escondidas e não conhecidas ou invisibilizadas sobre/na fronteira.

Vários termos serão utilizados neste capítulo. Por isso é importante diferenciar alguns termos que para muitos se confundem ou possuem um mesmo significado. Por exemplo, ser brasiguai/yo está relacionado ao sentimento de pertencimento territorial em ambos os territórios em consequência das relações sociais, do trânsito cultural-espacial, e por ser filho de brasileiro/a com paraguaia/o. Ser brasiguai/yo não significa diretamente ter dupla nacionalidade, embora haja alguns casos de identificação e possuam os dois documentos.

#### 3.1 Os brasiguaios migrantes

O termo brasiguai será destinado aos contingentes brasileiros que migraram para o leste paraguaio em busca de terras. Essa denominação ainda é utilizada nos dias de hoje para indicar os que ainda residem no Paraguai e os que já retornaram. O sentido polissêmico da palavra também denomina uma identidade na fronteira de Pedro Juan Caballero-Paraguai e Ponta Porã-Brasil, que será discutido mais adiante.

A construção da identidade “brasiguai” que se iniciou na década de 1950, quando o presidente Alfred Stroessner assume o poder da República do Paraguai e inicia um processo de legitimação de poder e interesses geopolíticos juntamente com a República do Brasil.

Para Santos e Cavalcanti:

A opção preferencial do Paraguai pela aproximação com o Brasil atenderia aos interesses de Stroessner e dos setores que lhe davam sustentação, mas respondia, igualmente, aos interesses brasileiros. A necessidade de fontes produtoras de energia elétrica em face do processo de industrialização brasileira tornava interessante para o Brasil a parceria com o Paraguai. A Ponte da Amizade, os portos francos oferecidos ao país vizinho em Santos e

Paranaguá revelam a coincidência de interesses geopolíticos entre os dois países. O relacionamento bilateral foi reafirmado pelo governo militar com a assinatura da Ata das Cataratas, em 1966, o que lançou as bases para o período de maior crescimento econômico da história do Paraguai. (SANTOS E CAVALCANTE, 2008, p. 434).

Assim, percebe-se que a construção da identidade brasiguiaia atenderá vários interesses e ideologias de ambos os países dentro desse contexto. Para o Estado brasileiro essa migração era importante, pois diminuía as tensões no campo que existiam no momento e este grupo também atenderia os interesses brasileiros de povoamento/ocupação das fronteiras. Assim, argumenta Sprandel:

Em 1952, o general Golbery do Couto e Silva, do Exército Brasileiro, defende uma manobra geopolítica para a integração do território nacional, que consistia em ligar o nordeste e o sul ao núcleo central do país. Paraguai e Bolívia são apresentados como prisioneiros geopolíticos da Argentina, e aquelas regiões de fronteira são caracterizadas como indisfarçáveis zonas de fricção externas onde podem vir a contender, quer queiram quer não, os interesses brasileiros e argentinos. (SPRANDEL, 1992, p. 122)

Uma segunda marcha ao leste paraguaio ocorrerá em 1970, tendo como causas a modernização de técnicas no campo, a valorização de terras e concentração destas nas mãos de grandes latifundiários foram elementos que aumentaram esses deslocamentos. Além destes muitos pequenos e médios agricultores também foram ao Paraguai, com o intuito de aumentar as suas posses e buscar o enriquecimento do lado paraguaio.

Já do lado paraguaio, Stroessner buscava diminuir a dependência em relação à Argentina, iniciando, assim, um processo de maior cooperação com o Brasil. Dentre esses interesses podemos citar maior acesso aos Portos de Santos e Paranaguá para o escoamento de produtos paraguaios que ofereceu vantagens ao capital estrangeiro em detrimento do capital nacional além de oferecer grande quantidade de terras aos militares.

Assim, dentro desse contexto, são criadas as colônias de imigrantes brasileiros do lado paraguaio, iniciando assim os conflitos em torno das ocupações dessas terras. O conflito no campo era notório. Pequenos camponeses do lado paraguaio face aos grandes investimentos do capital estrangeiro muitos perdem suas propriedades e outros sem subsídios não tem outra alternativa que vender as terras. São produzidas, depois da saída de Stroessner, o sentimento nacionalista do lado paraguaio, face ao processo de invasão do território do seu país, por meio da venda de terras a estrangeiros. Já a partir de 1973, criam-se colônias nos

departamentos de Alto-Paraná, Curuguaty e Canindeyú, buscando criar fronteiras humanas como medida para frear o avanço da fronteira brasileira a oeste (ALBUQUERQUE, 2010).

Os brasiguaios passaram por vários problemas em território paraguaio, pois muitas terras das quais se tomou posse, careciam de títulos legais, houve casos de muitos posseiros, pois dentro desse movimento o legal e ilegal fazia e faz parte do cotidiano fronteiriço. Havia os que tinham documentos de imigração legalizados e outros não. Os que não possuíam esses documentos em muitos casos eram chantageados. Assim, o Paraguai que fora pensado como solução transforma-se em pesadelo (SPRANDEL, 1992, p. 96).

É importante destacar que essa migração e expansão da fronteira agrícola brasileira dentro do Paraguai também trouxe consequências negativas ao pequeno produtor paraguaio e aos indígenas. Os indígenas tiveram que se retirar de suas terras naquele momento e nos dias atuais esse processo segue em expansão. As entrevistas analisadas estão contidas no livro de Alicia Diaz, em seu livro *Actores y procesos de modernización y globalización en territorios locales de Paraguay*, Carlos, campesino diz que:

“Estas tierras ya entaban en manos de brasileiros cuando entramos a luchar , Emilio Ferreira era el dueño de esta propiedad. No sé em que condiciones se encontraba su título. Nunca le vimos a su propietario solo los capataces. Cuando nosotros entramos ya no habia casi bosque. Ya se extrajo toda la madera. Nos fuimos presos, hicimos ocupación, sufrimos persecución. Se quemaron nuestras casas, se cerraron escuelas, iglesias, se quemaron banderas.”

“... los sojeros brasileiros ofrecen buena plata por los lotes y dicen al campesino que desaparezcan de allí. En el mismo día que paga baja su topadora. Cultiva su soja y ya irriga su veneno. Le desespera a quienes viven al costado porque sus gallinas sus cerdos mueren”

“ Los brasileiros no nos llevan ni de carona. Dicen que no tienen tempo. Pero ellos no son de juntarse com nosotros, porque primero quiere que les hable em su idioma, si no les hablás em português ya no puedes hablar com ellos. Y si trabajas alado de ellos tampoco te ayudan, tienen tractor, pero jamás te van a ayudar”

“Ellos dicen que el paraguay no es trabajador y que debemos irnos al estero, que nosotros solo somos “mariscadores”, que tenemos que comer animales silvestres, frutas. Nosotros amamos nuestra naturaleza. Y siempre se ama el lugar que se nasce” (DÍAZ, 2014, p. 282, 288, 315).<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Tradução: Carlos, campesino: “Estas terras já estavam nas mãos dos brasileiros quando entramos para lutar. Emilio Ferreira era o dono desta propriedade. Não sei em que condições estava os documentos. Nunca vimos ao proprietário, somente aos capatazes. Quando nós entramos quase já não tinha bosques. Retiraram toda a madeira. Fomos presos, fizemos a ocupação, sofremos perseguições. Também queimaram nossas casas, fecharam escolas, igrejas e queimaram bandeiras”.

Estas são algumas manifestações de campesinos que ainda estão em processo de negociação e luta judicial por territórios que perderam tanto de forma violenta ou buscam reintegração de posse.

Não entrando no mérito de avaliar ou tomar posição neste processo, o objetivo de conhecer estes brasiguaios, migrantes, que estão envolvidos em conflitos, tensões, casos de morte e enfrentamentos, é muito diferente do brasiguaiio que trataremos neste trabalho. Diferenciá-los é imprescindível, na fronteira em que se desenvolve esta pesquisa, há uma identidade territorial produzida e construída a partir do sentimento de pertencimento às duas cidades, neste caso Pedro Juan Caballero no Paraguai e Ponta Porã no Brasil.

### 3.2 Los brasiguayos e brasiguaios de Pedro Juan e Ponta Porã

As cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã desde sua formação se confundiam com seus limites. Pero Juan Caballero se chamava Punta Pora e Ponta Porã herdou e manteve o mesmo nome, o atual. Apolonio Jimenez Benitez, em seu livro *Testimonios Nordestinos*, publicado em 1991, Organizou e realizou entrevistas com pessoas que moraram na cidade de Pedro Juan Caballero e participaram de sua criação; estes sujeitos nasceram a partir de 1910 e relatam um pouco como era a vida na fronteira; as entrevistas foram realizadas entre as décadas de 1950-1970. É importante entender essa relação no passado para compreender a formação do brasiguaiio urbano, que terá sua identidade baseada no jogo identitário, de múltiplas escalas de pertencimento, entre as duas cidades.

Carlos Soto, um dos primeiros moradores diz:

La vida fronteriza era muy amena porque no existia frontera; tanto vivimos aqui como allá; hablamos el castellano y el portugués; habia **fusión** entre nosotros. Era uma vida linda, simpática, de mucho **movimiento**. Las carretas

---

“Os sojeros brasileiros oferecem bom dinheiro pelos lotes e dizem aos campesinos que desapareçam daí, No mesmo dia que descem as topadeiras cultiva a soja e vai irrigar seu veneno. Desespera a quem vive ao lado porque suas galinhas e porcos morrem”.

“Os brasileiros não nos dão nem carona, dizem que não tem tempo. Mas eles não são de se juntar conosco, porque primeiro querem que falemos o idioma deles, se você não falar em português já não pode falar com eles. E se trabalha ao lado deles tampouco te ajudam, eles tem trator mas jamais irão te ajudar”.

Tradução... “Eles dizem que os paraguaios não são trabalhadores e devemos ir ao esteiro, dizem que somente somos caçadores, que temos que comer animais silvestres, frutas, Nós amamos nossa natureza e sempre se ama o lugar que se nasce”.

llegavan hazta la línea internacional para descargar sus mercaderias que traian de Concepción y cargar las yerban que llevaban de vuelta (BENÍTEZ, 1991, p. 32, grifo nosso).

As relações sociais na fronteira ora foram conflituosas e como citado acima, inicia-se de forma harmoniosa ancorada nas relações econômicas que sustentavam a vida na fronteira, já se percebe também o movimento que apresenta este espaço, a fluidez aliada à velocidade, é notória até os dias atuais. Tudo é muito rápido e passageiro na fronteira, mas paradoxalmente há de se reconhecer a fixidez que existe nessa dinâmica. Salientamos para identificar os sujeitos que não passam somente por aqui, e sim vivemos e mantemos nossas relações sociais no movimento.

Sobre esse processo, um médico entrevistado no livro Testimonios Nordestinos, o Sr. Valois Benitez Alvarez avalia que:

Laa vida fronteriza desde sus origenes tuvo una idiosincracia completamente especial, que felizmente conserva, hace de Pedro Juan un lugar sui generis, en la geografía sudamericana, porque em este lugar prcticamente no existe frontera y este ocurrio desde sus orígenes. Pedro Juan Caballero desde los primeiros tempos de su história, fué um lugar donde paraguayos y brasileños conviven harmónicamente, com atividades que nunca entraron em choque, sino que siempre se complementaron y eso fué que dió vida a esta frontera, esa libertad que exige em el tránsito de personas, de vehículos, de mercaderias. Es uno de los lugares, de los pocos lugares del mundo entero, donde la persona facilmente se olvida si esta em el Paraguay o si esta em el Brasil. Porque em este lugar no existe el control, aqui existe el tránsito libre, la actividad es completamente libre. Son dos ciudades que se complementan em todo, em el comercio, em las atividades culturales, sociales y praticamente forman dos barrios, um barrio paraguayoy y otro barrio brasileño (BENÍTEZ, 1991, p. 125).<sup>44</sup>

Há de se perceber também a complementariedade da fronteira; a falta de controle dos Estados permite o livre trânsito desde muito tempo, e isso possibilita que as duas cidades possuam relações de interdependência e busquem complementar-se nos aspectos culturais, políticos e econômicos.

---

<sup>44</sup> Tradução: “E a vida fronteiriça desde suas origens teve uma idiosincrasia completamente especial, que felizmente conserva, faz de Pedro Juan um lugar sui generis, na geografia sul-americana, porque neste lugar praticamente não existe fronteira e isso ocorre desde suas origens. PJC desde os primeiros tempos de sua história foi um lugar onde paraguaios e brasileiros convivem harmonicamente com atividades que nunca entraram em choque, e sim sempre se complementaram e foi isso que deu vida á fronteira, essa liberdade que exige no trânsito de pessoas, de veículos de mercadorias. É um dos poucos lugares do mundo em que a pessoa quase esquece que está no Paraguai ou no Brasil. Porque neste lugar não existe controle, aqui existe o trânsito livre. São cidades que se complementam em tudo, no comércio, nas atividades culturais e sociais que praticamente formam dois bairros um bairro paraguaio e outro bairro brasileiro”.

Entretanto nem todas as identidades na fronteira encontram-se diluídas e híbridas. Encontram-se aqui paraguaios, brasileiros, brasiguaios, fronteiriço, indígenas e imigrantes e identidades em trânsito. Apesar da grande influência brasileira não há uma perda de identidade paraguaia, como não se perde a identidade brasileira ao interagir com paraguaios, essa percepção também é apontada pelo autor do livro.

Não há uma perda total de identidade, o que há é uma troca, pois para Benites:

En esta frontera ocorre un hecho ressaltante, que es, en que tanto los paraguayos como los brasileños, nunca pierden su identidad de tales. El paraguayo por más que se adentre al territorio brasileño, no pierde su identidad, lo mismo ocurre con el brasileño. Esto hace que en esta frontera predomine três idiomas el español, el guaraní y el portugués. El guaraní ha desempeñado un papel importante para la identificación del paraguayo, porque, mismo que aquel que se ha radicado em Brasil, nunca ha perdido el amor a su idioma, tal es así que en un gran sector de la frontera brasileña es muy común ver a la gente hablar em guaraní (BENÍTEZ, 1991, p. 127).<sup>45</sup>

Assim, a fronteira também é espaço de afirmação de identidades, afinal é o espaço de encontro com o Outro. Os casos de hibridismo e apropriação cultural por parte dos sujeitos irá depender de sua relação com os territórios paraguaios e brasileiros e seu grau de interação com estes.

Dada essas premissas acerca das relações que constituem a vida desta fronteira, este estudo propõe pensar a constituição de um brasiguai urbano, distante daquele conceito já estudado e conhecido do passado, o migrante do campo. O termo brasiguai não foi extraído daquela realidade para classificar e/ou identificar estes sujeitos da atualidade e sim emerge dos próprios entrevistados e sujeitos que se identificam como tais, sem saber muitas vezes a origem da palavra.

Para um dos entrevistados de Apolonio, do livro citado, Carlos Soto que afirma:

El fronterizo, es diferente del paraguayo de tierra adentro verdad?  
Y a ese, en el Brasil le acertaron ya otra vez, el “ brasiguayo”, ese es el fronterizo.  
El paraguayo que nace em Brasil no deja de ser paraguayo, y el brasileño que nace

<sup>45</sup> Tradução: “Nesta fronteira ocorre um fato interessante, que é que tanto os paraguaios quanto os brasileiros nunca perdem sua identidade como tal. O paraguai por mais que entre no território brasileiro não perde sua identidade, o mesmo ocorre com o brasileiro. Isso faz que na fronteira predomine três idiomas o espanhol, o guarani e o português. O guarani desempenhou um papel importante para a identificação do paraguai, porque mesmo aquele que morou no Brasil, nunca perdeu o amor pelo seu idioma, tal é dessa forma que em um grande setor da fronteira brasileira é muito comum ver as pessoas falando guarani”.

em Paraguay no deja de ser brasileño, cuando les **toca el pique** es paraguay, o es brasileño; nosotros somos muy fraternales pero... esa es la característica nuestra, no es cierto? (BENÍTEZ, 1991, p. 35, grifo nosso).<sup>46</sup>

Podemos observar nas palavras de Carlos Soto o caráter negociado da identidade brasiguai local, o grifo na tradução significa “quando der vontade” se ativa uma identidade ou outra, sem perdê-la.

Para entendimento e evitar confusões, entende-se por brasiguaios aqueles sujeitos que se autodenominam “brasiguayos” ou “brasiguaios”. Essa denominação/identificação independe de o entrevistado apresentar dupla-nacionalidade, de forma legal ou ilegal. Tratará de um sentimento de pertencimento territorial, sustentado pelas relações de consanguinidade e relações sociais, assim como o espaço que ele assume e se sente pertencente, e não de como ele é visto.

Na atualidade existem vários motivos para essa identificação, o mais comum é o da consanguinidade. Em uma roda de conversa com alunos da Escola Estadual João Brembatti Calvoso, foram selecionados aqueles que se identificavam como brasileiros, paraguaios e brasiguaios. Esta escola é conhecida por receber grande maioria de seus alunos oriundos do Paraguai. O estudante Alex diz que:

Nasci em Campo Grande sou adotivo minha mãe é brasileira de Caarapó, meu pai é paraguaio desde moleque ele morava em PJC, eu moro aqui desde 6 anos, moro no bairro Luz Velha sou brasiguai porque eu domino as três línguas, falo guarani espanhol e português estudo no Brasil, e sou filho de paraguaio e brasileira. Meu documento é brasileiro, mas sou brasiguai! Moro no Paraguai, acordo às 07:00hs, estudo em Ponta Porã, depois retorno e cuido do mercado de minha mãe. É muito vantajoso pelo lado do trabalho pode trabalhar aqui e lá se souber os idiomas, acho que só tem vantagem (Alex, estudante, brasiguai, Ponta Porã, 15/03/2018).

O fato de Alex transitar nos dois territórios e ser descendente de paraguaio e brasileira, o faz sentir-se brasiguai. Por manter os laços familiares em ambos os lados das duas cidades e apesar de morar inicialmente em Campo Grande, logo ter aprendido a língua portuguesa, este diz não conseguir manter somente uma identidade neste caso a brasileira.

---

<sup>46</sup> Tradução: “O fronteiriço, é diferente do paraguaio do interior, verdade?”

Para este, no Brasil já apelidaram brasiguayo, esse é o fronteiriço. O paraguaio que nasce no Brasil não deixa de ser paraguaio, e o brasileiro que nasce no Paraguai, não deixa de ser brasileiro, quando der vontade é paraguaio, ou é brasileiro; nós somos muitos fraternos, mas, essa é a característica nossa, não é mesmo?

Fannyliz é doutora em educação pela Universidade Tecnológica de Comercialização y Desarrollo e possui uma instituição que trabalha com crianças em escolas. Em uma conversa disse que era brasiguiaia e aceitou a conversa, com ela assim relata o seu caso:

Minha mãe é paraguaia mesmo, meu pai brasileiro é do Rio Grande do Sul, acabaram ficando por aqui mesmo, minha avó paterna era francesa, mas eles não aceitaram o paraguaio, foi bem conflituoso e acabaram se separando. Não deixaram falar o guarani, e diziam que quem falava o guarani era de classe baixa. Fomos criados em Campo Grande e começou a falar em espanhol conosco. Deveria ser triste para ela por ser mãe solteira e excluíram ela de qualquer grupo e só podia falar em português. Logo me casei e voltei para Ponta Porã minha relação com o Paraguai no território era compras, depois e moça eu percebi que deu um boom na fronteira. Logo me formei e comecei a ter mais relações com o Paraguai. Moro em Ponta Porã, Fiz meu doutorado no Paraguai e continuo indo para lazer também. Me considero brasiguiaia por isso. Por minha mãe ser paraguaia. Tenho um filho que estudou e se formou lá em Santa Rosa. Considero a educação lá com muita qualidade por isso decidimos que estudasse lá. Sou de nacionalidade brasileira, mas mesmo assim sou brasiguiaia e tenho afinidades com as duas culturas e ser filha de paraguaia. Por questão comodista eu seria brasileira, e por uma questão romântica seria paraguaia (Fannyliz, 53 anos, brasiguiaia, Ponta Porã, 24/02/2018).

Nas palavras de Fannyliz, pode-se perceber o caráter negociado da identidade ao comentar que por uma questão comodista prefere ser brasileira, diz pelo lado prático, profissional e pelo lado afetivo demonstra o apego pela cultura e pela família. Contudo o que a faz ser brasiguiaia ainda está sustentado pelos laços familiares que herdou, principalmente de sua mãe paraguaia, apesar de crescer no Brasil e constituir sua vida deste lado.

Em uma roda tereré numa tarde de dezembro, sentados na frente da casa, logo após de retornarmos da chácara de sua mãe localizado perto de Yby Yauú, iniciamos uma conversa com uma amiga chamada Balbina, ela é paraguaia, namorou um brasileiro e teve dois filhos com este. Esta trabalha no Paraguai, mas mora em Ponta Porã e seus filhos estudam no Brasil. Mas o que chamou a atenção desta conversa sobre identidade é que o filho ouviu a conversa e logo perguntei se ele era brasileiro ou paraguaio? Este responde: - Sou brasiguiaio!

Fica evidente que o sentimento de pertencimento está presente desde a infância no imaginário de muitas crianças da fronteira; o encontro com as duas culturas desde cedo juntamente com o trânsito nos dois lados permite a construção de uma identidade transfronteiriça, ancorada em dois referenciais territoriais.

Em um almoço na linha internacional, estava fotografando e procurando encontrar um sujeito para conversar acerca deste tema, e encontro-me com Pablo. O mesmo falava em

português e espanhol (deduzi que era brasileiro), estava comendo ao lado de minha mesa, ele vende limpa para-brisas e quando pergunto sobre sua identidade novamente surge o brasiguayo!

Pablo comenta que:

Yo naci aqui em la frontera mi papa y mi mama son paraguayos, pero yo siempre veia dibujitos de Brasil, vivimos em Brasil, veia película de Brasil y siempre me gustó. Después desde chico ya vine a trabajar em la línea, tengo mis amigos hacia allá y hacia acá. Me gusta mucho Brasil, queria ser brasileiro, por eso soy brasiguayo porque hago muchas cosas allá. Todos los dias hablo más com brasileiros que mis familiares (Pablo, 24 anos, brasiguayo, vendedor, Pedro Juan Caballero, 12/11/2017)<sup>47</sup>.

Faz-se necessário evidenciar que o ser brasiguayo não é diferente do brasiguayo, pois o que muda é somente a origem do sujeito. O brasiguayo é o sujeito que teve suas origens ou majoritariamente está constituído de elementos paraguaios. Já o brasiguayo terá sua formação inicial do lado brasileiro e logo a paraguaya; estes sujeitos transitam nos dois lados da fronteira.

Nas entrevistas, muitos apontam as vantagens e desvantagens de ser brasiguayo. Na maioria dos casos ser brasiguayo representa possuir a dupla cidadania mesmo que de forma ilegal através da dupla nacionalidade (os sujeitos foram registrados em ambos os lados das cidades ou conseguiram o registro de nascimento em outro momento).

Dentre as vantagens em primeiro lugar aparece aquelas geradas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), educação, aposentadoria e oportunidades no trabalho do lado brasileiro. Os entrevistados dizem que esses serviços em muitos casos são melhores do lado brasileiro e gratuitos. Aqui nota-se que ser brasiguayo em muitos casos está relacionado com os benefícios que a nacionalidade pode ofertar ao sujeito e não simplesmente pertencer por pertencer a um território desde um viés mais romântico, como comentou Fannylyz acima.

Negociar a identidade é uma prática diária na fronteira. Outros benefícios que ser brasiguayo/yo (do ponto de vista de possuir duas cidadanias) é desfrutar de duas possibilidades de vida, das facilidades, por exemplo, se a carteira de habilitação do Brasil custa em média R\$ 2.500,00 do lado brasileiro, do lado paraguayo custa em torno de R\$ 150,00.

---

<sup>47</sup> Tradução: “ Eu nasci aqui na fronteira, meu pai e minha mãe são paraguaios, mas eu sempre via desenhos do Brasil, moramos no Brasil, via filmes no Brasil e sempre gostei. Depois desde pequeno vim a trabalhar na linha, tenho meus amigos pra cá e lá. Gosto muito do Brasil, queria ser brasileiro, por isso sou brasiguayo, porque faço muitas coisas lá. Todos os dias fala mais com brasileiros que com meus familiares’.

Outra vantagem é quanto a compra de carros. Para Oscar, comerciante autônomo há diferenças decisivas ao comprar um carro por exemplo e comenta que:

Fui tentar comprar um carro no Brasil e me decepcionei, os carros são super caros, há burocracia para créditos e poder parcelar, é quase impossível tirar. Daí você consegue tirar e logo tem os impostos que são exagerados, tudo para eles, o IPVA me custaria em torno de R\$ 1.500,00 no final de ano. Já aqui no Paraguai o carro está mais barato, e o imposto não chega a R\$ 300,00 no final do ano, mas para isso claro tem que ter documento paraguaio, e eu tenho! (Oscar, 32 anos, comerciante, Brasiguai, Pedro Juan Caballero, 23/01/2018).

Este caso citado acima é somente um dos inúmeros exemplos de brasiguaios que utilizam da dupla nacionalidade para obter esses benefícios que em outro Estado se consegue de forma mais fácil. Ao analisar os motivos pelo qual brasileiros se legalizam no Paraguai, aparentam estar em “fuga” de impostos excessivos, e preços abusivos de bens móveis e imóveis. Já no caso de paraguaios buscarem a cidadania brasileira, os mesmos alegam buscar os serviços básicos oferecidos pelo Brasil. Vale destacar que estas negociações de identidade transitam entre as classes sociais.

Nilton é professor, nascido em Guaíra, morou em Curitiba, mas escolheu a fronteira para fixar-se. Atualmente dá aulas no distrito de Sanga Puitã no Brasil, reside e é empreendedor em Zanja Pytã município paraguaio lindeiro com Sanga Puitã. Sobre esse processo de reelaboração de sua identidade, na fronteira, afirmou que:

To virando paraguaio já. Passo o dia inteiro no Paraguai, compro tudo no Paraguai, vou pescar no Paraguai e tenho uma empresa aqui. Já estou vendo meu documento para me legalizar. Sou brasiguai! (Risos longos). Não brasiguai ainda não, mas acho que estou começando a me sentir já. Eu vou morar aqui em Zanja, sai fora pagar tudo caro no Brasil (Nilton, 36 anos, professor e empresário, Zanja Pytã -Paraguai, 04/04/2018).

Podemos interpretar no caso de Nilton a construção de uma identidade transfronteiriça, isto se dá por processos reterritorializantes em que o sujeito está envolvido. Percebe-se que o brasiguai é utilizado de forma espontânea e envolve o transitar pelos dois territórios.

Outra situação que merece atenção é o fato de que para alguns entrevistados o limite territorial entre as duas cidades não serve como barreira/contenção, e isso é outro elemento facilitador para a construção da identidade transfronteiriça.

Ramão, estudante e trabalhador diz:

Quem nasce aqui não tem muito esse negócio de dois países, porque você cresce como se fosse uma cidade só, a facilidade de comunicação essas coisas você nem sente a diferença. Moro bem perto da linha, do lado brasileiro, no Paraguai tenho meus amigos, familiares, trabalho, e me divirto, e a mesma coisa no Brasil, eu trabalho nos dois países e meus familiares estão dos dois lados. Isso de pertencer só um lugar é foda, tem coisa que você quer no Paraguai e tem no Brasil, um completa o outro. **Pertenço aos dois lugares ao mesmo tempo**, aqui na escola estou falando português e chego daqui a pouco em casa e falo guarani com meu pai (Ramão, 19 anos, Ponta Porã, estudante e pedreiro, Sanga Puitã-Ponta Porã, 04/04/2018).

Assim como outros casos, o sentimento de pertencimento está fundamentado nos dois territórios, causado pelo trânsito diário dos sujeitos. Na entrevista, Ramão tenta estabelecer uma ordem em sua cabeça e pensa em sua identidade, mas acaba concluindo que não pode dissociar-se ou separar a identidade brasileira da paraguaia e assumir somente uma.

Outros casos de trânsito de sujeitos que exercem a cidadania dos dois lados da fronteira são os casos de soldados paraguaios e brasiguaios que servem ao exército brasileiro. Por se tratar de assunto delicado e pouca abertura do exército para concessão de entrevistas, um ex soldado, David<sup>48</sup>, comenta essa realidade dentro do quartel:

Tinham muitos paraguaios. Mas o cara era brasiguaió né, ninguém zuava com eles. Mas tinha sim um cabo zuadão. Ele falava aquele, “cai no poço sair não posso”<sup>49</sup>. Tinha um cara negão, bem negão mesmo, era brasileiro o cara, os caras chamavam ele de “azulão”. Os caras falavam em guarani, os sargentos aprendiam também e falavam. Muitos deles morava tudo no Paraguai, só ia no quartel e voltava. Mas eu vou vazei de lá, agora tem que se meter na rua como polícia também daí não vira (David, 20 anos, estudante, soldado, Sanga Puitã- Ponta Porã, 20/02/2018).

Vários sujeitos que se apresentam no alistamento fazem pela obrigatoriedade do serviço, uns porque realmente gostam (algumas famílias ainda entendem o serviço militar como *status*) e outros atraídos pelo salário recebido pelo serviço. Existem tensões e conflitos dentro da instituição, pois percebe-se casos de racismo e preconceito. No caso do brasiguaió dentro do quartel este diz que “ninguém zuava com ele”, por ser brasiguaió, mas também era chamado de paraguaio. Apesar dessas tensões o direito de ir ao quartel se estende inclusive aos brasiguaios.

---

<sup>48</sup> Nome trocado por discrição.

<sup>49</sup> Esta frase foi e é utilizada em uma brincadeira, para descobrir se as pessoas são brasileiras ou paraguaias. Funciona assim, há de se repetir a frase: Cai no poço, sair não posso. Na realidade o que se evidencia quando um paraguaio repete esta frase é o sotaque. Eles diriam: Cai nu pôssu, sai nu pôssu. Dai começam as gargalhadas. Geralmente não é usado de má fé.

### 3.3 “identidades de Gaveta”<sup>50</sup>

Neste item demonstraremos casos de sujeitos que ao nascer foram registrados em dois municípios como meio de obter a dupla cidadania e/ou dupla nacionalidade. Iremos pensar a nacionalidade como processo de territorialização, pois a identidade neste caso é a nacionalidade ancorada no território (DORFMANN, 2008). É um assunto muito delicado na fronteira, pois ter o registro de nascimento sem de fato ter nascido no território, é considerado crime. Muitos os que fazem por motivos de parentesco, circunstâncias e outros em busca de benefícios como saúde, educação, negócios.

Contudo nem todos os sujeitos que possuem dupla nacionalidade possuem um sentimento de pertencimento com o outro território. Casos parecidos ocorrem na fronteira entre as cidades de Sant’Ana do Livramento e Rivera na fronteira entre Brasil e Uruguai. Como afirma Dorfmann:

Evidenciou-se em vários momentos a tensão entre o estatuto legal e a autoimagem, ou entre o institucionalizado e a prática cotidiana. A nacionalidade na fronteira Brasil Uruguai pode ser adquirida como uma estratégia na obtenção de vantagens locais, disponíveis na região, não necessariamente representando pertencimento à nação (DORFMANN, 2008, p. 268,).

Em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã também se adquire a nacionalidade por ter nascido em solo brasileiro ou paraguaio e por herança. Se uma paraguaia entra em trabalho de parto em Ponta Porã, por exemplo, o nascido recebe a nacionalidade brasileira; logo será registrado no Paraguai e deve renunciar à essa nacionalidade optando por uma. “A legislação paraguaia não reconhece outras nacionalidades, se deve necessariamente optar por uma” (Atendente no guichê do consulado brasileiro, conversa realizada em 25/03/2018).

Já a brasileira que por ventura teve o filho nascido no Paraguai, e foi registrado ali, tem a possibilidade de legalizar o documento no Consulado deste país, onde este órgão emitirá uma certidão que deverá ser homologada em um cartório brasileiro e de imediato é emitida uma certidão de nascimento brasileira à criança. O Brasil reconhece e aceita mais de uma nacionalidade. Neste caso os pais deveriam avisar o Paraguai desse registro e cancelar o paraguaio (mas não é o que acontece).

Em uma conversa com Maria (brasileira), esta comenta esse caso:

---

<sup>50</sup> Neste item, se preservará o nome real dos entrevistados, local e situação da conversa por discrição, pedido pelos próprios entrevistados. Se lhes será atribuído nomes fictícios.

A Júlia nasceu aqui no Paraguai, preferi o meu médico daqui; daí como o Juan é paraguaio, ele queria que registrasse ela aqui, então fomos registrar ela aqui mesmo. Depois quando precisei viajar ao Brasil tive que tirar a certidão dela como brasileira. Não quero mesmo que ela seja só paraguaia, acho melhor ela usar só a do Brasil. Passei no Consulado fiz a documentação e pronto. Agora ela tem os dois, mas não vou cancelar o paraguaio, vai que algum dia ela precisa (Maria, 24 anos, Pedro Juan Caballero, 10/12/2017).

Assim, percebemos que a nacionalidade muitas vezes não está necessariamente vinculada ao sentimento de pertencimento à nação, nem no sentido de naturalidade somente, e sim, como meio (estratégia) de obter vantagens locais como citado anteriormente por Dorfmann (2008).

Outra via de dupla nacionalidade é a via da ilegalidade. Os nascidos são registrados e nas duas cidades, inclusive com nomes diferentes para tentar evitar uma possível identificação futura. Em uma visita a um cartório de Pedro Juan Caballero, em conversa com uma colaboradora, a mesma afirma que:

Hay mucha duplicidad, son muchos que tienen los dos documentos, pero muchos están buscando resolver, tiene que renunciar allá, o acá. No adelanta engavetar! La policia ya no quita la cédula de identidad, quando es adulto es más difícil sacar. La criatura no puede nacer em dos lugares al mismo tempo, vale el primero que sacó!

Mucha gente tiene, muchos brasileiros, a Brasil le interessa que el paraguayo tenga cédula de Brasil porque si tienen título de eleitor, pueden votar. Pero es mejor solo tener de um lado despues va tener problemas (Joana, Pedro Juan Caballero, 10/02/2018).<sup>51</sup>

Mais adiante nas conversas Joana diz que é comum estes casos na fronteira, “la mayoría tiene” diz. E comenta que não é somente paraguaios buscando vantagens no Brasil, mas também brasileiros buscando futuras vantagens no Paraguai, como compra de imóveis e automóveis, essa prática independe as classes sociais. As camadas mais favorecidas também utilizam desse instrumento e não é possível mensurar ou qualificar onde compensa mais ou menos. A necessidade de se legalizar de um lado ou de outro dependerá da realidade e intenções de cada sujeito.

---

<sup>51</sup> Tradução: “ Há muita duplicidade, são muitos que tem os dois documentos, mas muitos estão buscando resolver, tem que renunciar lá ou aqui. Não adianta engavetar! A polícia já não tira a cédula de identidade, e quando for adulto é mais difícil de tirar. A criança não pode nascer em dois lugares ao mesmo tempo! Vale o primeiro que tirou”.

“Muita gente tem, muitos brasileiros, ao Brasil interessa que os paraguaios tenham a cédula do Brasil, porque daí tiram título de eleitores e podem votar lá. Mas é melhor só ter de um lado pois depois terão problemas”.

Acerca disso em uma entrevista a Olegário Campos, tabelião do município de Ponta Porã e no trabalho há 60 anos (muito brincalhão e atencioso) ao comentar esse caso a ele este diz:

Isso é um ato criminoso! Eles tentam de tudo, muitos não vêm de má fé, muitas vêm. Dizem que a criança nasceu em casa, muitas vezes escapa, as testemunhas são bem treinadas.

Acompanhei o fechamento de alguns cartórios da região. Até os tabeliões faziam, mas não acredito que seja por prevaricação, creio que achava que era normal, tirar aquela certidão para o amigo político pegar um paraguaio aí e fazer a inscrição no título eleitoral, um dos motivos maiores era esse. O pessoal fazia por qualquer sapato velho e votava. Isso daí diminuiu muito, foi uma mudança radical! Mas admito pode haver passado pelo meu cartório ou outros sem notar. Mas o que tem mais é certidão falsa. (Este me mostra um documento falso apresentado com vários erros).

Os dois grandes fatores são ambição política e necessidade de ajuda do governo saúde, educação, bolsa família, bolsa escola, bolsa não sei o que. Isso aí se chama pobreza, miséria, esses benefícios não têm no Paraguai. Acho que não existe uma intenção criminosa de se registrar aqui, acho mais isso como infração. Não acho haja um amor, apego pelo Brasil e sim para o mantimento de currais eleitorais do outro lado (OLEGÁRIO, tabelião, brasileiro, Ponta Porã, 10/03/2018).

Segundo as autoridades citadas acima, era e talvez ainda seja uma prática comum na fronteira à extensão o lado paraguaio das campanhas eleitorais do lado brasileiro. Estes por experiência asseguram que essa prática foi fomentada por um certo tempo por próprios políticos do lado brasileiro. Dessa forma, registravam o paraguaio, logo emitiam o título de eleitor e em troca de ajudas financeiras obtinham os votos desses sujeitos. Além disso, essa prática servia como enriquecimento pessoal de muitos responsáveis pela emissão do documento na fronteira. Recordo de quando era criança e ouvia adultos(familiares e vizinhos) negociando certidões de nascimento e mencionando alguns lugares como pontos de emissão desse documento. Um aluno do ensino médio do Distrito de Sanga Puitã, no Brasil, fronteira com Zanja Pytá no Paraguai,<sup>52</sup> resolveu contar seu caso abertamente na roda de conversa, pois a maioria se encorajou e contou os casos que conheciam. José comenta:

Meu pai é paraguaio puro, tem documento brasileiro também, mas não usa. Eu nasci no Brasil, sou brasiguai, porque eu só venho pra estudar aqui o resto tudo no Paraguai, falo guarani espanhol, aqui é melhor pra médico essas coisas. Lá é mais caro, ah minha mãe é brasileira! Eu nasci no Paraguai, fui registrado aqui, tenho certidão, mas nunca usei. Uso só a brasileira.

Nisso intervém uma aluna ansiosa e diz:

---

<sup>52</sup> Distrito localizado à 13 quilômetros de Ponta Porã.

Eu queria também! Não sei eu quero todo mundo tem, faz falta alguma hora precisa neh!

Ele segue: As vantagens são muitas, por exemplo, a carteira de habilitação do Paraguai, em caso de viagem, não precisa tirar licença. Mas eu não conto para ninguém, tem bastante gente que troca o nome e tem quem troca até o sobrenome. O lado ruim seria só se a polícia pegar, resto é de boa (José, 22 anos, estudante, brasiguai, Ponta Porã, 10/03/2018).

Há de se ter em consideração que para que a carteira de habilitação do Paraguai seja reconhecida e de fato proporcione vantagens, o cidadão deve ser paraguaio e dirigir um veículo paraguaio. Não é permitido que um brasileiro utilize uma carteira de habilitação paraguaia.

Nota-se uma normalidade e banalidade nestes casos aqui na fronteira apesar de se manter no anonimato; o objetivo principal mais uma vez é para obter benefícios locais de ambos os lados, como por exemplo, o de conseguir a carteira de habilitação, bem mais barata do lado paraguaio. Chamou a atenção nesta roda de conversa o brilho no olhar dessa outra aluna que fez a intervenção, ela tinha muita vontade de estar nessa situação, parecia se sentir excluída nesta sociedade local por não ter a dupla nacionalidade, mesmo que de forma ilegal.

Assim nem todos tem essa possibilidade na fronteira, não se pode quantificar pois são situações anônimas, ocultas e misteriosas. Também é importante destacar que ao perguntar a estes a possibilidade de seguir com essa prática com seus filhos, todos respondem de forma afirmativa. Demonstrando que a opção de dupla nacionalidade é utilizada como meio e estratégia de vida.

Em um bar em Pedro Juan Caballero, conversando com amigos e alguns primos lancei a conversa da dupla nacionalidade e uns conhecidos assumiram ter dupla nacionalidade, um dele é o Mateus, que afirmou:

Eu tenho dois documentos, nasci em Pedro Juan Caballero, sou filho de brasileira e paraguaio, morei sempre em Pedro Juan Caballero, mas estudei no Brasil o que me faz sentir brasiguai. Uso somente a certidão e RG brasileiro, o paraguaio guardo, se acaso precisar. Esses dias mesmo me ofereceram um trabalho em Assunção, mas não pude ir porque não contratam brasileiros. Daí foi o momento em que pensei em usar o documento paraguaio, mas tenho medo da polícia perguntar porque demorei tanto para tirar o RG. (Mateus, 32 anos, desempregado, Pedro Juan Caballero, 11/12/2017).

Assim como Mateus existem outros casos para citar neste trabalho, são essas situações que criam as identidades de gaveta, pois os sujeitos assumem somente uma identidade, enquanto a outra está “engavetada” ou guardada nos guarda roupas, como dizem. Seria como um “plano B” ou “trunfos” que muitos brasiguaios, paraguaios ou brasileiros possuem

identidades que denomino de gaveta. No momento de seu nascimento muitas crianças são registradas em ambos os territórios como estratégias de vida. Geralmente se troca o segundo nome para evitar que em algum momento possam ser descobertos, cientes da ilegalidade desse ato. Digo de gaveta porque se assume uma identidade enquanto a outra fica guardada à espera de seu acionamento, e há outras nacionalidades expiradas que em muitos casos nunca são utilizadas.

Uma aluna da rede Estadual em um diálogo informal, durante o recesso das aulas confessa:

Tem gente que é aposentado no Brasil e no Paraguai, meu vizinho faz dessa forma, recebe a aposentadoria dos dois lados. É difícil que eles descubram, pois as pessoas trocam os nomes. Só que ninguém deda né! Mas é ilegal. Algumas pessoas sabem, mas ninguém vai denunciar. Eu moro no Brasil, mas não tenho essas coisas não, não tive sorte (Carla, 29 anos, brasileira, Ponta Porã, 10/03/2018).

Este é outro caso comum na fronteira, pessoas que trabalharam dos dois lados e recebem a aposentadoria de ambas as previdências. Há também idosos que recebem ajuda ou benefício dos dois lados, sem necessariamente ter contribuído com a previdência. Contudo, não é tão simples obter esse benefício do lado paraguaio devido à precarização do trabalho, daí a estratégia para lográ-lo.

### 3.4 Identidades Simultâneas<sup>53</sup>

Neste item apresentaremos alguns casos de pessoas que possuem a dupla nacionalidade, mas que não são “engavetadas” e sim ativas e usadas simultaneamente no dia a dia. Relataremos de que forma se dá, e em que situações utilizam cada identidade no território paraguaio e brasileiro.

Em outra roda de conversa, conversei com Tânia, esta nasceu na cidade de Pedro Juan Caballero, brasiguaiá, casou-se com brasileiro e quando à pergunto sobre o uso de dois documentos, ao mesmo tempo ela diz:

Primero tenia la identidad paraguaya, luego iba casar em Brasil y aproveche para que mi mama me registró en Brasil. Ami no me facilitó em nada, yo solo queria ser brasileira porque mi mama era brasileira. Pero por trabajo compensaba. Pero yo me identifico como brasiguaya, porque mi papa es paraguayo.

<sup>53</sup> Neste item também os entrevistados receberão nome fictício, para preservar suas identidades.

Yo trabajo em los dos lados, vendo ropa en Brasil, produtos, tengo mi tienda em Paraguay vivo em los dos lados. Mi situación se que es ilegal pero no me preocupa tanto porque trabajo normal, no soy bandido. Pero a s veces me preocupa. Y votar yo voto en los dos lados! Yo mas luego me interessa Brasil por mi trabajo por las cosas que vendo, cuenta em el banco y también quiero beneficiarme de las cosas de Brasil, aposentadoria y eso. La mayoría de las personas tienen dupla nacionalidade para malandrage pero yo no, yo para tarbajar. Por mi queria que las personas que trabajan de los dos lados como yo, deberían tener los beneficios de los dos lados. Em mi caso funcionan los dos. Pero queria legalizarme em realidade, lo que era uno solución acaba sendo um problema. Me preocupa um poco realmente. Pero yo ahora voy a ver si hay como legalizar voy a legalizar. (Tânia, 58 anos, brasiguaiá, Pedro Juan Caballero, 02/03/2018).<sup>54</sup>

O caso de Tânia é um dos casos mais complexos que encontrei até o momento, ela possui bens dos dois lados da fronteira, trabalha dos dois lados, tem filhos registrados com o documento paraguaio e uns com documento brasileiro, ou seja, legalmente não são irmãos. Contudo o que chama a atenção, é como essa situação de anonimato, nos torna quase invisíveis dentro da fluidez na fronteira e sustenta essa multiplicidade identitária. E é esse trânsito, essas relações que constroem a identidade transfronteiriça, ancorada em vários referenciais territoriais.

Outro caso é relatado por Francisco, numa roda de tereré em frente de sua casa numa visita:

Assumo las das identidades al mismo tempo, desde hace mucho tempo, uso los dos. Paraguayo solo uso para andar em Paraguay, para viajar, no hace falta permiso. O Brasileiro é mais para emergência essas coisas, hospital, carrego o paraguaio. O brasileiro mais pra benefício. Eu prefiro ter os dois mesmos, não pretendo cancelar (Francisco, 25 anos, paraguaio, pedreiro, Pedro Juan Caballero, 23/01/2018).

Francisco ao ser perguntado se fosse decidir qual escolheria diz que preferiria o Brasileiro, pelas vantagens que o Brasil oferece, em momento diz que é paraguaio, logo diz ser brasiguaiá, demonstrando o caráter relacional da identidade. Também não pretende se desfazer dessa situação, e comentou que seu filho já está registrado nos dois territórios.

Para Gerson,

---

<sup>54</sup> Tradução: “Primeiro eu tinha o RG brasileiro, logo iria me casar no Brasil e aproveitei e minha mãe me registrou no Brasil. Pra mim não facilitou em nada, eu só queria ser brasileira porque minha mãe era brasileira. Mas por trabalho compensava. Mas eu me identifico como paraguaia porque meu pai é paraguaio”. “ Eu trabalho nos dois lados, vendo roupa no Brasil, produtos, tenho minha loja no Paraguai e moro nos dois lados. Sei que minha situação é ilegal mas não me preocupa tanto porque trabalho normal, não sou bandido. Mas as vezes me preocupa. E votar, voto nos dois lados. Eu mais me interesso mesmo Brasil só pelo trabalho, pelas coisas que vendo, conta no banco e também quero em beneficiar das coisas do Brasil, aposentaria essas coisas. A maioria das pessoas tem dupla nacionalidade para malandragem , mas eu para trabalhar. Para mim acho que as pessoas que trabalham dos dois lados deveriam ter os benefícios dos dois lados. No meu caso funcionam as duas. Mas na realidade gostaria de me legalizar, o que era uma solução acabou sendo um problema, Me preocupa um pouco realmente, mas agora vou ver se tem como me legalizar, vou me legalizar”.

Brasilpe che areco la che documento, mokoi ve va aipuru. Por ejemplo che petei persona ápe há outro persono amo. Chengo aipuru mokoiveva a mbaapohagua. Paraguai pe aipuru registro de conducir a viaja hagua, migracion no inchai. Areco che CNH Brasilpe avei. Paraguaipe i cuentave nda pagai impuesto. Pero che ikatu a cancela ope Paraguay pe gua há a heya la brasileiro a. La desventaja la ilegal. MOkoivea lado pe oi la ventaja. Amo eye libra impuestogui, nande perseguiri brasileiro. Há ape oí hospital. Há amo Paraguay pe y barato ve la luz há y (Gerson, 29 anos, autônomo, Pedro Juan Caballero).<sup>55</sup>

O interessante desta entrevista é que Gerson fala em guarani yopará<sup>56</sup>. Gerson também usa a dupla nacionalidade para obter benefícios locais, como escapar de perseguições de polícias caso apresente os documentos brasileiros no Paraguai e vice-versa, escapar de altos impostos do Brasil, mas, reconhece também a desvantagem da ilegalidade.

Finalmente, chegaremos aos novos autodefendidos brasiguaios, estes são urbanos, frutos das relações com os múltiplos espaços, sujeitos que estão no “entre lugar” que estão em dois lugares ao mesmo tempo, ou em nenhumsão vistos. Também devemos pensar que não há uma diferenciação nítida destes brasiguaios, pois estes se mesclam e estão na multiplicidade.

Identidades em constante construção e redefinição, num jogo de sobrevivência real, muitas vezes mortal, aqui também a fronteira oferece esse caminho o mundo da criminalidade, do legal-ilegal, do lícito e do ilícito. Mas também há a possibilidade para o bem de assumir duas ou mais identidades ou só uma essa a Brasiguaia proporcionada pelo lugar em que nascemos.

Outros motivos de usar dupla nacionalidade se faz necessário no caso de empresários que precisam de contas correntes no Brasil; estes para comprar produtos brasileiros e escapar da receita, compram do Brasil e vendem os produtos contrabandeados no Paraguai. Assim também ocorre do lado brasileiro, há casos de empresários que se beneficiam dos baixos juros do empréstimo do lado paraguaio para obter crédito para seus negócios.

Também estão as identidades em “stand by”, identidades que são ativadas somente em alguns casos, como em caso de viagem do outro lado, para fugir de perseguições policiais,

---

<sup>55</sup> Tradução. “No Brasil eu tenho documento também, uso os dois. Por exemplo aqui eu sou uma pessoa e lá eu sou outra. Eu uso os dois para trabalhar. No Paraguai uso para tirar a carteira de habilitação para o Paraguai, daí migração não “enche o saco”. Também tenho Carteira de habilitação no Brasil. Aqui no Paraguai é melhor, pagamos menos impostos. Mas também posso cancelar os documentos do Paraguai e deixar o brasileiro. A desvantagem é a ilegalidade. E a vantagem é que está dois lados. Lá me libro dos impostos (risos), os brasileiros não perseguem a gente. Mas aqui tem hospital grátis e lá a luz e a água é muito caro”.

<sup>56</sup> O “yopará” é a mistura do espanhol e guarani. Para muitos é considerado o guarani mal falado, ou quem não sabe falar.

muitos possuem contas no banco para receber dinheiro do narcotráfico, e outros que só utilizam em caso de enfermidades e a utilizam para usar o serviço médico-hospitalar.

Estas identidades são ativadas por pessoas que já possuem os dois documentos de identidade e que geralmente por residir de um lado da fronteira e fixar-se desse lado, deixa o outro para utilizar em momentos que exijam, por exemplo, tirar autorização de viagem. Outro caso que se apresenta muito é de pessoas que cometeram alguns crimes com um documento e começam depois do ocorrido a utilizar o outro que possui. No terceiro caso, há sujeitos que usam o documento brasileiro em momentos que precisam utilizar o Sistema Único de Saúde (SUS); uma vez utilizado o serviço, retorna ao Paraguai e assume a outra identidade Paraguaia.

### 3.5 Identidades invisíveis e excluídas na/da fronteira

Este item tem como objetivo dar visibilidade às identidades que não estão nem do paraguaio nem do lado brasileiro do ponto de vista da exclusão social. Transitam nos dois territórios e buscam no espaço público abrigo para sobreviver.

Há na fronteira entre as duas cidades mencionadas um grande número de moradores de rua, pode-se dividir grosseiramente em dois grupos: os que são oriundos da região e os migrantes. Os daqui a sua maioria possuem algum tipo de envolvimento com o uso de drogas, leves como álcool e mais pesados como o crack, ambos com dependência, são majoritariamente do sexo masculino, inclui-se neste grupo mulheres, crianças adolescentes. Alguns vivem de reciclagem.

Há um grupo de pessoas que moram em algumas barracas ou debaixo das árvores na linha internacional nem de um lado nem de outro, em uma conversa com uns deles sobre questões rotineiras de vida ser da fronteira dentre outras coisas banais, Leandro expressa seu pensamento sobre o tema da seguinte forma:

Eu sou daqui mesmo mas não dei certo na vida não, usava drogas e quando tentei voltar, acabei vindo parar aqui. Minha família mesmo tenho pouco e nunca pensaram muito em me ajudar, tenho uma tia no Paraguai, mas nem vou lá. **Prefiro ficar aqui na linha. Fui registrado no Brasil, mas nem me importo com essas coisas de onde sou não dei certo do lado brasileiro e nem do lado paraguaio.** Acho que estou aqui na linha porque aqui ninguém

“incomoda” (Leandro, 35 anos, morador de rua, Linha Internacional, 26/11/2017).

Podemos notar nas palavras de Leandro que o fato deste não manter relações sociais constantes em nenhum lado dos territórios. Talvez pode-se indicar que o sentimento de pertencimento se encontra confuso e/ou fragmentado. Pois, neste caso não conseguiu se reerguer nem do lado paraguaio. Apesar de parecer emblemático morar na linha internacional, estar aí causa certa segurança a Leandro, e ao ter seus direitos negados em ambos territórios se sente invisível na sociedade. Mas também é invisível aos olhos das duas sociedades fronteiriças.

Carlos sempre anda nos arredores do terminal de ônibus. Ele também é morador de rua há muitos anos e da mesma forma que Leandro construiu sua identidade no trânsito entre as duas cidades. Ao falar com ele sobre cidadania e nacionalidade, este diz:

Eu nasci no Brasil vim de São Paulo bem cedo, sou morador de rua faz anos. A vantagem da fronteira é que aqui tem mais meios de viver né, eu cato as latas e papelão no Paraguai e venho vender deste lado. As coisas são mais baratas lá. Eu tenho documento brasileiro, mas não me serve pra nada, **o paraguaio não posso conseguir, mas se pudesse preferiria**, porque tenho minha vida mas daquele lado, meus parceiros (Carlos, 38 anos, morador de rua/ catador, brasileiro, 26/ 11/2017).

Assim como Carlos há vários sujeitos moradores de rua e residentes das duas cidades, que apontam a desilusão com as instituições de seu país de origem e tentam buscar sua vida de outro lado da fronteira. Essa é dupla possibilidade da qual se comentava acima.

Outras identidades invisíveis são as dos indígenas, segundo a DGEEC,<sup>57</sup> no Censo de 2012, existem no Departamento de Amambay<sup>58</sup>, 11.852 indígenas dos povos Paí Tavyterã, Ava Guaraní, Maká, Guaraní Ocidental e Guaraní Ñandeva distribuídas pelo departamento. Em Pedro Juan Caballero residem 8.211 indígenas, residentes em 2.140 casas particulares e coletivas (Figura 29 e 30).

<sup>57</sup> Dirección General de Estadísticas, Encuesta y Censos, 2012.

<sup>58</sup> Departamento corresponde ao estado, como unidade de federação do Paraguai, na qual Amambay pertence ao 13º departamento, tendo Pedro Juan Caballero como capital.

Figura 29: Grupo de indígenas na linha internacional.



Fonte: Trabalho de Campo 20/03/2018

Figura 30: Indígenas e não indígenas compartilham o espaço da linha.



Fonte: Trabalho de Campo 20/03/2018

No entanto, há muitos casos de indígenas que vivem nas cidades fora dessas residências de indígenas, alguns vivem na linha internacional e outros em algumas praças distribuídas pela cidade, buscando uma ocasião para uma conversa ao redor da lagoa, consigo estabelecer uma conversa com um deles comenta o seguinte:

Nosotros vivíamos de capataces em uma estancia y el señor nos mando de ai porque disse que no nos necesitaba mas. Viviamos em la colônia y acá vinimos para quedar em la casa de acogida, pero hay mucha gente allá y

nos hay forma. Entonces buscamos vivir por acá mismo. Nosotros somos indígenas paraguayos, pero muchos no nos tratan como paraguayos, ellos creen que no somos paraguayos. (Juana, 32 anos, indígena, Pedro Juan Caballero 20/06/2017).

Ultimamente, é expressivo o aumento da presença de indígenas pelas ruas e praças na cidade de Pedro Juan Caballero, vê-se famílias caminhando juntas, buscando alimentar-se em praças e ao redor da lagoa. Algumas crianças pedem dinheiro e/ou vendem bingos em alguns semáforos (Figura 30).

Figura 30: Criança vendendo bingo em frente a um posto policial em Pedro Juan Caballero.



Fonte: Trabalho de Campo 10/03/2016

A criança da figura 30, está em frente a um posto policial e ao lado estava um adulto que não aparece na fotografia, ao indagar aos policiais o descontentamento com esse fenômeno e ao dizer a eles é um menos nessa condição, estes disseram que não há o que fazer, ou seja se naturalizou a exclusão dessas identidades.

A língua guarani considerada um forte referencial e marcador identitário do Paraguai é falado por grande parte da população pedrojuanina. Entretanto, se esquece e/ou ignora a etnia ou povo guarani. Muitos pedrojuaninos se distanciam da identificação direta com os povos indígenas apesar de ter herdado a língua e costumes, principalmente a classe mais abastada.

Também há uma perseguição e preconceito por parte do indígena que cruza ao lado brasileiro, ao observar o movimento de alguns indígenas em território ocupado atrás da Fundação de Cultura no centro de Ponta Porã, estávamos eu e uma funcionária pública quando esta expressa o seguinte:

Ta vendo aí , oh!! Esses índios vêm do Paraguai para tomar as terras aqui. Tudo índios, você não vai ver nenhum brasileiro aqui, tem alguns de certo, mas tudo sem vergonha que não quer trabalhar. Isso se for brasileiro também, as vezes é paraguaio (Mirta, 58 anos, funcionária pública, Ponta Porã, 25/06/2017).

Este comentário foi feito em momento em que se iniciara uma ocupação irregular atrás da antiga estação ferroviária no centro da cidade. Essas terras pertencem à união, por questões históricas e pelo fato de os povos indígenas não reconhecerem os limites impostos pelos colonizados, faz-se natural o ir e vir pelos territórios que em outrora não estava delimitado na forma em que conhecemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado, intitulada “**No soy de aqui, ni de allí, yo soy!**” **Identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero -Paraguai e Ponta Porã-Brasil** constituiu-se em uma análise geográfica para identificar as múltiplas identidades produzidas no espaço fronteiriço entre as duas cidades mencionadas. Dando ênfase à identidade tranfronteiriça, construída a partir do sentimento de pertencimento nos territórios onde os sujeitos transitam e estabelecem suas relações sociais.

Devido ao dinamismo do espaço fronteiriço, muitas das concepções que anteriormente se produziu acerca do assunto, passou por necessidade de re-interpretação, a partir de certas observações no decorrer da investigação. Pela complexidade de se estudar a identidade, principalmente no ambiente fronteiriço, foi emergindo novas identidades que se entrecruzam no mesmo espaço mas tempos diferentes.

Quanto à formação das identidades nacionais em estudo, nota-se que desde o início do processo de construção dos estados nacionais modernos, a tentativa de homogeneizar a população, não logou seu êxito na totalidade. Essa ideia de pensar a cultura homogênea do Paraguai num mundo tão diverso, passou nada mais que um mito, uma ilusão, que na atualidade essas diferenças emergem e há uma luta explícita entre as identidades hegemônicas, as subalternas e as ocultas. O caso brasileiro não se difere da anterior, não é difícil imaginar a multiplicidade de identidades que conviviam naquele momento no início do século XIX. Entre indígenas, negros, mestiços, portugueses explorados pelos próprios portugueses, era pouco provável que se pudesse pensar em pertencer a uma nação, de que todos pudessem ser acolhidos e protegidos pela mãe pátria.

Contudo, conseguiu-se contruir não a base de uma nação, mas uma coluna em que os pilares estavam assentados na elite e modo de vida europeu, duas “nações”, passaram-se cinco séculos e não passa de um mito, uma extensão do Estado europeu na América.

Partindo para uma escala menor, mais regional, encontra-se a fronteira, o entre-lugar, o encontro como “outro”, mas antes mesmo de se encontrarem nestas terras já tinham suas próprias formas de identificarem e conhecerem o outro. Esse meio foi violento, foi um encontro sangrento e encheu de representações negativas uns aos outros.

Eis o encontro, que preferimos salientar, como nos relatos dos primeiros habitantes um encontro harmonioso uma rivalidade, mas sadia, entre pequenos, onde não se distinguia se quer a linha que separava uma cidade da outra. As identidades hegemônicas mencionadas

acima se encontram para conhecer-se e conviver juntos no espaço que fora esquecido por um tempo, talvez até hoje.

Evidenciamos as peculiaridades da identidade pedrojuanina em relação ao próprio asunceno e em relação à Ponta Porã, sem generalizar estes por seu modo de vida, nota-se mais globalizado que os paraguaio do interior, da fronteira, que geralmente segue o circuito nacional. Já o pedrojuanino é mais internacionalizado, exigente, devido às influências do Brasil e parte da indústria cultural global passa e fica por aqui.

A informalidade e o ingresso diário de dinheiro no comércio, proporciona o fluxo de capital acelerado e constante, assim grande parte dos pedrojuaninos não estão condicionados no regime mensal do salário, conseqüentemente sua rotina será diferente do ponta-poranense. Percebe-se que o pedrojuanino é consciente de sua diferenciação do resto dos paraguaios e inclusive fazem questão de se diferenciar no país. A religiosidade ainda está presente no ser pedrojuanino. Contudo estão os pedrojuaninos que não fazem parte da lógica de trabalho estipulado pelo sistema atual vigente, o capitalismo. Muitos ainda aparentam estar a vontade e seguir no ritmo temporal divergente da que se vive no centro. Muitos jovens do lado paraguaio pensam e mantêm a ideia de trabalhar o necessário e desfrutar dos prazeres da vida sem se submeter a intensas horas de trabalho.

Verificou-se que o sentimento de pertencimento destes sujeitos estão embasados pontos referenciais como a Laguna Punta Porá, Plaza Teniente Valdez, e do que mais se orgulham de ser pedrojuaninos é justamente é a facilidade que se tem de “dar um jeito” para conseguir dinheiro e não deixar passar os desejos de estar em companhia com familiares e amigos, além de uma forte influência brasileira nesse processo.

Percebe-se nas entrevistas e na observação que apesar das identidades pedrojuaninas e ponta-poranenses se diferenciarem dos centros culturais de cada país, estes possuem suas peculiaridades e singularidades que os caracterizam como fronteiriços, e essa relação esta narrada no livro Testimonios Nordestinos, de Apolonio Gimenez. Percebe-se que o ponta-poranense também é muito religioso e possui sua identidade marcada pela identidade nacional, ao contrário do pedrojuanino que deixa claro que é diferente dos paraguaios do interior, mas dentro do nacionalismo; os ponta-poranenses parece não deixar claro essa diferença. A visão que se tem por aqui é que do lado brasileiro as normas e as leis são mais respeitadas, isso se nota por exemplo quando um motociclista está com o capacete no cotovelo, e quando cruza ao Brasil este coloca na cabeça. Outro exemplo ocorre quanto ao uso do cinto de segurança muitos não usam, mas ao cruzar a linha internacional para o Brasil

colocam, evidenciando assim que a aplicabilidade da lei do lado brasileiro é maior que do lado paraguaio.

Verificou-se então que a partir desse trânsito histórico-geográfico que esses sujeitos iniciarão um processo de intercâmbio de cultural, independente das nacionalidades. Muitas famílias serão constituídas de brasileiros e paraguaios, essa relação irá intensificar o movimento desses sujeitos em ambos os territórios, proporcionando, assim, um sentimento de pertencimento nos dois territórios. Desde o início da formação das duas cidades já há relatos de casos de dupla nacionalidade, casos de transnacionalismos, que reverberará na constituição de uma identidade transfronteiriça.

No tocante à integração nas escolas, feiras, festas locais, eventos culturais, rádios, televisão, e o próprio comércio, percebeu-se que apesar do limite territorial fixado pelos Estados-nacionais, as relações de parentesco e trocas culturais existentes na fronteira, dando ênfase as manifestação artística e culturais, há uma constante troca de experiências culturais entre os dois povos. Disso emerge o sujeito híbrido, transculturado, e sua identidade em processo acompanha essa mudança. Por transitar em multiterritórios este será formado por elementos de cada território e o sentimento de multipertencimento ou de estratégias de vida produzirá novas identidades.

Dentro dessa infinidade de identidades que a fronteira propicia, teremos algumas identidades que foram identificadas nesta pesquisa. Insistimos em recordar que a identificação é feita pelos próprios sujeitos e não há um apontamento do pesquisador, porque não entra no mérito da pesquisa classificar a partir da visão do autor, são estes sujeitos que a partir de suas experiências no território e entrevistas darão pistas dessas identidades existentes na fronteira, dentro da delimitação de estudar a relação identitária entre brasileiros e paraguaios.

Apresentaremos as identidades emergentes e identificadas na pesquisa ( de gaveta, simultâneas, brasiguaios/yos), iniciando pelos que se identificam como paraguaios, estes reconhecem a identidade fronteiriça mas possuem as marcas de sua identificação no território paraguaio (mas também há paraguaios que residem do lado brasileiro), alguns com sentimentos mais nacionalistas patrióticas e outros menos.

Também estão os brasileiros obviamente do lado brasileiro (há também os que residem em Pedro Juan Caballero), possuem uma acentuada marca identitária dos centros da identidade nacional, reforçado pela mídia. Estão os brasiguaios que é diferente daquele brasiguaios migrante, produtor rural, da década de 1950 para o leste paraguaio. Esta identidade está marcada pelo caráter urbano (guardada as devidas proporções de urbano), ambíguo, e

com forte sentimento de pertinência em ambos territórios declarando a impossibilidade de dissociar-se de um sentimento e assumir somente uma. Estes possuem dupla nacionalidade e outros possuem somente uma, mas se identificam como tais pelo fato de serem filhos de brasileiros e paraguaia ou vice-versa, e pelo fato de transitarem pelos dois territórios embasar suas relações sociais em ambos os lados, transitando livremente entre os dois territórios.

Ficou explícito também as duplas nacionalidades, que se apresentam de forma legal e ilegal, a dupla-nacionalidade em muitos casos não será uma saída por sentimento de pertinência e sim como uma busca por vantagens locais, mostrando assim que o caráter negociado da identidade é uma marca nesta fronteira e sua prática de vê normal dentro deste contexto. Os entrevistados justificaram essa prática com vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens para um paraguaio ter documentação brasileira se encontra em primeiro lugar o acesso à saúde pública e gratuita, seguido da educação, aposentadoria, e melhor qualidade de vida. Já as vantagens de do brasileiro se documentar do lado paraguaio estes declaram inicialmente o custo de vida mais barato do lado paraguaio, carteira de habilitação, carros mais baratos e principalmente o baixo imposto cobrado pelo Estado paraguaio.

Emerge também com a pesquisa exemplos de identidades engavetadas; neste caso os sujeitos que ao nascer são registrados em ambos os lados da fronteira, logo assume-se somente uma identidade, deixando a outra guardada como um plano B, uma alternativa futura, como se fosse uma garantia de vida, mas que tampouco é descartada; há casos em que a pessoa nunca chega a utilizar o outro documento, que ao chegar óbito os familiares levam a certidão no cartório para cancelamento. Também estão as identidades em “Stand By”, são identidades que são utilizadas em casos específicos como, realizar depósitos e saques de dinheiro no banco, para viagens em outro território ou para algum atendimento médico quando necessário, daí a nome “stand by”. Também estão as identidades invisíveis e/ou invisibilizadas como no caso da população de rua e indígenas que transitam pelos dois territórios e que nas entrevistas ficou pouco evidenciado a preocupação com a questão identitária.

Enfim, ficou representado e percebido a proposta do início da pesquisa, que era de comprovar a existência de múltiplas identidades que coexistem no espaço em tempos diferentes, produzidas pela situação de fronteira, e principalmente a construção de uma identidade transfronteiriça, caracterizada na figura do brasiguiaio. Compreendeu-se o papel do território na construção das identidades, assim como as relações que ocorrem fora dela. Dessa forma somente nascer em Ponta Porã não significará que o sentimento de pertencimento se fixará nesse território e assim do outro lado.

Estudar identidades foi uma tarefa complexa e desafiadora, principalmente aqui na fronteira, onde as identidades se formam dentro do anonimato, do oculto e do sigiloso. Claro que esta pesquisa não alcança todas as vertentes dos estudos sobre identidade. Por exemplo em alguns casos apareceram algumas identidades que parecem ser descartáveis e que foram abandonadas, mas pelos limites deste trabalho não nos arriscamos em utilizar esses termos, mas também são casos que merecem um aprofundamento no estudo acerca desses casos.

Espera-se que possa se entender melhor estes sujeitos fronteiriços, especialmente o brasiguaió aqui, pois dentro de todo o movimento e dinâmica fronteiriça, os sujeitos são produzidos no movimento da área de fronteira. Além disso com a chegada de novas identidades percebeu-se a necessidade de ampliação dos estudos relacionados a esta questão nesta zona fronteiriça, decorrente dos novos agentes que aqui se instalaram e seguem chegando, o fenômeno ao qual me refiro é o caso dos estudantes brasileiros de medicina que chegam de vários estados brasileiros, aumentando o processo de transculturação, propondo soluções e provocando conflitos no meio de vida local.

Tudo passa diante dos sujeitos na fronteira, pessoas, mercadorias, sonhos, amores, amigos, drogas e armas. O brasiguaió precisa de sua identidade legitimizada na fronteira; para muitos de fora é difícil entender que se possa ter o sentimento de pertencimento entre e pelas as duas cidades, é difícil dizer que se é só brasileiro pois estaremos sendo infiéis com a polca apresentada pelo avô, a semana santa, dentre outros; assim como é difícil dizer que somos paraguaios, pois estaremos em falta com a copa do mundo quando se diz: Brasil sil sil sil.. e o hino nacional, amigos de escolas, dentre outros referenciais identitários.

É por isso que Julio Cesar Álvarez, artista plástico, resume um uma frase este sentimento que tantos de nós aqui temos: No soy de aquí , ni de allí, yo soy!

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. L. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo. Annablume, 2010.
- ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- BARAÑANO, Ascención. Diccionario de relaciones interculturales diversidad y globalización. Editorial Complutense. Madrid. 2005. P. 342.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade da etnicidade da etnicidade da etnicidade da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt – Modernidade Líquida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.
- \_\_\_\_\_. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BENITEZ, A. J. Testimonios Nordestinos. Asunción: Imprenta Salesiana, 1991.
- BOGADO, F. Benjamin. Paraguay: Un país en una lengua misteriosa y singular, 2015. Disponível em: <http://revista.drclas.harvard.edu/book/paraguay-un-pa%C3%ADs-en-una-lengua-misteriosa-y-singular> acesso em : 11 de Jan. 2017.
- BRASIL. Portaria nº 798, de 19 de junho de 2012. Institui o Programa Escolas Interculturais de Fronteira, que visa a promover a integração regional por meio da educação intercultural e bilíngue. Disponível em: [http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/port\\_798\\_19062012.pdf](http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/port_798_19062012.pdf) Acesso em 10/05/2017.
- CAETANO, J. E. B. A música como indutora do desenvolvimento local. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos) -Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2016.
- CANCLINI, N. G. A globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CASTELL, M. O poder da identidade. (a era da informação: economia, sociedade e cultura). Tradução Klauss B. Gerhard. Prefácio de Ruth C. L. Cardoso. São Paulo: Paz e Terra, v.2, 1999.
- CHELOTTI, M.C.; PESSÔA, V.L.S. Reterritorialização e Identidade Territorial: os camponeses construindo novas territorialidades na fronteira Brasil/Uruguai. Revista Observatorio Geográfico América Latina. <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/107.pdf> . Acesso em 12/03/2017
- DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986
- DIAZ, A. Actores y procesos de modernización y globalización en territorios locales de Paraguay. Asunción: Fondec, 2014.

DORFMAN, A.. Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil-Uruguai. In: Alvaro Luiz Heidrich et al. (org.). *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Porto Alegre, p. 241-270, 2008. Disponível em: Grupo Retis/UFRJ. Disponível em: <http://www.retis.igeo.ufrj.br/pesquisa/limites-e-fronteiras-internacionais/nacionalidade-doble-chapa-novas-identidades-na-fronteira-brasil-uruguai/#.W4YKuehKjIU> Acesso em: 10/03/2018.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre, 3. Ed. Atmed, 2009.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n.1, Primeiro Semestre 2009, p. 115-126.

GOETTERT, J. D. Fronteiras: quando o “paraíso” e o “inferno” moram ao lado. Identidades, imagens e gentes por entre Ponta Porã (Mato Grosso do Sul, Brasil) e Pedro Juan Caballero (Amambay, Paraguai). Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.

GOIRIS, F. A.J. Descubriendo La Frontera: Historia Sociedad y Política em Pedro Juan Caballero. Paraná: Ed. Inpag- P.G., 1999.

HAYGERT, S.; STURZA, E. R. Reflexões sobre o Programa de Escolas Interculturais de Fronteira como uma política linguística. Revista Linguagens & Cidadania. V. 17, jan./dez., 2015.

HAESBAERT, R. (2004). O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multilateralidade. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

\_\_\_\_\_.; MONDARDO, M. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. Revista GEOgraphia, Niterói: RJ, Vol. 12, No 24, 2010. Acesso em 12/06/2017.

HALL, A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. Título original: The question of cultural identity. Disponível em: [http://www.4shared.com/office/tidoLqxf/HALL\\_Stuart\\_A\\_Identidade\\_Cultu.htm](http://www.4shared.com/office/tidoLqxf/HALL_Stuart_A_Identidade_Cultu.htm)

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. Globalização e Transculturação. Revista de Ciências Humanas 1. Florianópolis v.14 n. 20 p.139-170. 1996.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/panorama>. Acesso em 27/08/2018.

LACLAU, Ernesto. New Reflections on the Revolution of Our Time. London: Verso, 1990.

MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Maciel, hilda p.; haesbaert, rogerio (trad.). 3. Ed. Rio de Janeiro: bertrand brasil, 2012. 314p.

MELIA, S.J., Bartomeu. Identidad paraguaya en movimiento. Lit. lingüíst., Santiago , n. 13, p. 235-240, 2001 . Disponible en <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0716-58112001001300022&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-58112001001300022&lng=es&nrm=iso)>. acesso em 21 jul. 2017.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL 1991 “Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai criam Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)” en Resenha de Política Exterior do Brasil (Brasília) N° 68, 26 de marzo.

MONDARDO, M. Conflitos territoriais entre Guaranis-Kaiowás, paraguaios e “gaúchos”: a produção de novas territorialidades no Mato Grosso do Sul. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2012.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. “Yo soy paraguayo, chamigo”: breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 166f. Dissertação (Antropologia - Mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2012.

PAVETTI, Ricardo. La integración nacional del Paraguay (1780-1850). Asunción: Ceaduc, 2008.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RUBENS, E. O Progresso, **O. Parque Cerro Corá, em Pedro Juan, atrai mochileiros.** 2015. Acesso em 10/01/2018. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/cidades/parque-cerro-cora-em-pedro-juan-atrai-mochileiros>.

SANTOS, M. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1980.

SANTOS, Maria Elena Pires and CAVALCANTI, Marilda Do Couto. Identidades híbridas, língua(gens) provisórias-alunos "brasiguaios" em foco. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2008, vol.47, n.2, pp.429-446. ISSN 2175-764X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000200010>. Acesso em 10/01/2018.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In; SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos. São Paulo, Expressão popular, 2009

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SPRANDEL, M. A. Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) - PPGAS, Museu Nacional.

TELESCA, Ignacio; Tierra, nación y construcción del Estado en el Paraguay del siglo XIX; Universidade de Passo Fundo; Historia: Debates E Tendencias; 15; 2; 12-2015; 321-334, 2015.